

Bruno  
Chamocho

#TudoComCH

# Cheio de Ideias

A história de resiliência  
e empreendedorismo  
de um protagonista  
apaixonado.

mbm  
ESCRITÓRIO DE IDEIAS

**CHeio de Ideias**



Bruno Chamochoumbi

# **C**Heio de **I**deias

A história de resiliência e  
empreendedorismo de um  
protagonista apaixonado

**mbm**

ESCRITÓRIO DE IDEIAS

São Paulo, 2023

# CHeio de Ideias

## **Autor**

Bruno Fernandes Chamochumbi

## **Projeto e organização**

Bruno Fernandes Chamochumbi

## **Desenvolvimento**

MBM Escritório de Ideias

## **Operação de projeto**

Fabiane Ducatti

## **Assistentes MBM**

Rafaela Sabbagh, Maria Carolina Ometto  
Cera, Gabriela Palheta e Paloma Ferreira

## **Consultoria de escrita**

Central de Escritores (Rose Lira, João de  
Almeida Neto e Gabriella Maciel Ferreira)

## **Capa**

Guilherme Victoria / Estúdio Pineal

## **Projeto gráfico e diagramação**

Guilherme Victoria / Estúdio Pineal

## **Fotos da capa e orelha;**

### **Curadoria da galeria de fotos**

Paulla Camargo

## **Fotos internas**

Acervo pessoal do autor, Favaro Jr, Sílvia Audi,  
Amanda Franzoi, Marcel Yamauti, Lays Milanello,  
Paulla Camargo, Alessandro Maschio, LifeFilm  
Produtora (Rudi Silva) e Giovanna Fischer

## **Pesquisa de imagem**

Julia Benetton

## **Nas fotos de divulgação Bruno veste**

Cechetto Camiseiro

## **Ilustração (Pág. 53)**

Eduardo Busin Fernandes

## **Primeira leitora**

Mariana Zaia

## **Orientação biográfica**

Tarcila Rubio

## **Revisão**

Andréa Mesquita

## **Texto da contracapa**

Cristiane Sanches

## **Impressão**

Gráfica Santa Edwiges

## **Produção das fotos com projeção**

Amanda Franzoi e Guilherme Beligoli

## **Multimídia de lançamento**

Equipe Audiovisual do Pecege  
(Ana Paula Gomes, Arthur Magalhães, Eduardo  
Aimola Junior, Felipe E. Amaral, Fernanda  
Dojcsar, Giulia Fantinato, Letícia Bento e Thales  
C. Medeiros)

## **Evento de lançamento**

Equipe MBM e equipe de eventos do Pecege

## **Vídeo**

Lucas Marc

## **Book trailer**

Pitaco Filmes

## **Canal de vendas online**

E-cliente / Gustavo Gonzalez

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Tábata Alves da Silva CRB-8/9253

Chamochumbi, Bruno

Cheio de ideias : a história de resiliência e empreendedorismo de um protagonista apaixonado /  
Bruno Chamochumbi. -- São Paulo, SP : Santa Edwiges, 2023.

ISBN 978-65-992480-3-0

1. Empreendedores - Autobiografia 2. Empreendedorismo 3. Histórias de vida I. Título.

23-172504

CDD-338.092

Índices para catálogo sistemático:

1. Empreendedores : Autobiografia

338.092

Este livro é dedicado a **Carla**, quem me deu as mãos para os melhores dias e memórias dessa e de outras vidas.

Meus filhos **Antonio, Eduardo e Vitor**, amores que me ensinam todos os dias a amar mais e mais.

Aos meus pais **Beto e Bell**, que me deram como herança uma Vida rica de histórias, na qual suas personalidades genuínas foram motores para que mesmo nos momentos mais difíceis eu continuasse acreditando no ser humano.

Aos meus irmãos **Pedro e Andréa** e seus companheiros **Helen e Nelson** e meus sobrinhos **Stefano, Isabela e Maria**, pelo eterno compartilhar de sorrisos e abraços verdadeiros.

Aos meus avós maternos **Eduardo e Mariquinha** e paternos **Juan e Emma**, que abriram muito mais do que o coração para seus descendentes e generosamente nos concederam a honra, seus nomes e trajetórias.

Aos meus tios e primos, sangue e coração.

Aos mentores, professores, alunos, amigos, colegas de trabalho e clientes que me permitiram aprender e ensinar até aqui.

## AGRADECIMENTOS

Minha infância e adolescência foram de aprendizado intenso nos relacionamentos. Como pessoas cheias de referências familiares e morando com os avós, tivemos a sorte de contar com uma rede de gente que cuidou de nós. A começar por nossos tios e primos, vizinhos do prédio, pais de amigos e das namoradas, até os dentistas e médicos que visitávamos com frequência.

Quando eu e meu irmão brigávamos – o que não era raro –, como bons latinos, às vezes exagerávamos na intensidade. E uma vizinha, Elianilde Lima Gomes, conhecida como Linda, sempre tocava a campainha para separar as brigas e, principalmente, acalmar os ânimos. Posso dizer que isso era um gesto generoso de uma mãe amorosa, uma advogada brilhante e um ser humano cheio de amor. Eram ela, seu marido Ulisses e seus filhos que cantavam com meus avós as serestas e tangos quando meu avô já estava em estágio avançado do Parkinson, eram eles que nos levavam aos grupos da igreja, olhavam em nossos olhos e nos ofereciam carinho e respeito.

Os pais de nossos amigos também se tornaram referências para nós. Como Cristina Fonseca, mãe de nosso amigo Thiago que, nascida no Uruguai e professora de idiomas, nos estimulava falando em espanhol. Ou Antonio Francisco Souza, engenheiro técnico da Embrapa que chamávamos de tio Toni, pai de nosso amigo Paulo, o Palu, e que nos ensinava sobre o mundo das plantas e os fenômenos da física, enquanto sua esposa Graça nos mimava. Recheados de comida gostosa e passeios, tínhamos em nossos amigos e suas famílias um aprendizado social e fraterno.

Quando ia à dentista, Arliane Fontanello, que cuidou dos meus dentes desde os 12 anos, ela sabia exatamente se eu estava feliz, triste ou ansioso. Nem sei se ela se dá conta de como foi generosa em tantos momentos do fim de minha infância e na juventude. Ela me deu muito apoio, de uma forma que poucos sabem fazer: com palavras carinhosas, um apoio moral que encontrei em poucas pessoas. Sempre perguntava sobre coisas que a maioria das pessoas não queria saber: como eu estava me sentindo, como estava minha cabeça, como estava a expectativa pelas melhorias das coisas. Era de uma alegria (ríamos muito juntos) e uma generosidade que iam além da relação dentista e paciente. Como jovem empreendedor e depois pai jovem, havia meses em que não conseguia pagar as consultas; aquilo me entristecia e até constrangia. Um dia fui falar com ela, explicar, me desculpar. Ela me deu as mãos, me abraçou, olhou nos meus olhos e disse algo que sempre repetia:

“Não se preocupe, eu sei que você vai vencer! Estou com você e estarei lá, como estou aqui. Sei que seus momentos às vezes são solitários, mas para mim o que importa é ver o menino que chegou aqui com os dentinhos pequenininhos, mordida torta, língua meio presa e tanta alegria, conseguir o que quer e merece. Pode anotar que você vai conseguir, mas não desanime e se empenhe muito agora! Estarei sempre na primeira fila do seu sucesso!”. Eu me emociono sempre com essa fala.

Tenho uma grande amiga de adolescência, Melina Cardoso, que sempre me incentivou muito a fazer o que eu quisesse. E seus pais, Saulo e Teresa, que são muito carinhosos comigo desde sempre, tinham uma brincadeira que era dizer que logo eu iria buscá-los para viajar de limusine – e eles estariam me esperando em traje de gala.

Ao conhecer o Dr. Augusto Muzilli e sua esposa Cely com as filhas Marina e Christina e o pequeno Augustinho, tive a certeza de que seríamos amigos para sempre. De lá para cá são muitos anos e muitas histórias para contar.

Há pessoas na nossa vida que representam um símbolo muito forte de força e superação, porque suas palavras e atitudes nos fazem enxergar nossa luz de protagonista. Mais do que ações concretas, a simbologia de uma amizade que acredita em você é muito preciosa. Eu não precisei buscá-los fisicamente com uma limusine, mas hoje tenho certeza que ela chegou em forma de notícias, conquistas e projetos de destaque.

Aqueles que enxergam nossas superações e sucessos antes de nós mesmos oferecem impulso para um passo importante no reconhecimento do protagonismo.

Meus agradecimentos aos anjos que, muitas vezes antes de mim, já enxergavam meu potencial:

Começo com a emoção pelo amor recebido por Eduardo e Graça, pais de Carla, com George, Teresa, Sarah, Daniela, Sylvain, Mathis e Iris. E de todos os primos e tios dessa família que tanto amo.

Aos tios, irmãos do meu pai e de minha mãe, assim como seus filhos. Aqui cito alguns dos que mais me influenciaram: Tia Cida e tio João, tia Dina, tio Fer e Andrea, tia Rê, Monica, Carolina e Renata; Tio Duar, Tia Isa, Tio Ailton e Caê; tia Maria Helena. E aos meus amados tios Ricardo e Mary e os primos peruanos Mariel, Mateo, Paloma, Benja e Bencho.

Aos professores do Moraes Barros, do Marquês de São Vicente, do Dr. Prudente, do COC Piracicaba, da Publicidade e Propaganda da Unimep e da ESAMC, em especial: Mazé, Roseli, Kátia e Nilo (Teatro), Carmen Freato, Geilsa, Neide Coratto do Nascimento, Regina, Luiza Faccio, Fabião, Sergião,

Denise, Nelson Massola Júnior, Luisa Pacheco Simioni, Sidney, Bello, Thaís Depieri, Alex, Horminda, Maria Clara, Geraldo, Neusa (diretora do Prudente), Marta Zago (Diretora do COC), Marisa, Neide Poli, Mazé, Rosana Zaccaria, Camilo Riani, Osvaldo Baptista e Luciano Gutierrez de Negri (canto).

Aos Lacôrte, pela convivência intensa, em especial tia Dirce, tio Paulo, Mai e Baca, João Paulo, Mariana, Ana e Celso, Pite, Marina, Lopa e Lucia, Vitor, Tomás, Ari (meu padrinho), Ana Teresa e Luísa;

Silvia Audi e Lina Inglez de Souza, minhas madrinhas brasileiras.

Belmira, Irene, Meirinha, Teresa, Santa, Kátia, Cleide, Dione, Dona Ivone, Elza, Paty e Dona Adélia (que cuidaram de nossa família por tantos anos);

Landinha, Edson, Dona Ester, Catarina, seu Hermes, Nivaldo e todos os funcionários do Edifício Pedro Ometto, por sua cordialidade e carinho com nossa família por décadas.

Uelton, Denise Cássia, Ulissinho e Débora Lima Gomes, Marcelo e Thiago Perches, Marcinha e Nina Ferraz, Viviane e Fabiana Frias Gerin, as irmãs Citadini, Sofia, Matheus, Sabrina e Duzinho, Sarita e Daniela Demétrio, Laura, Bruna, Isabela e João, Laura, Ana, Pedrinho e os outros netos da família Checoli, Marina, Thiago e Junior Freato, os Mokreys, dona Zenaide, Leonilda, Bruna, Rodrigo e tanta gente incrível que viveu a infância naquele prédio, assim como nos prédios vizinhos (Renata Grigolin Grisotto, Bia Storer, Silvia Storer, Bea e Juliane)

Ademir, Daniela, Ana e Andrea, os Lasmar Trevisan da Pizzaria Fontana di Trevi; Adriana Tayar e Antonio Trivelin; Adriano, Ademir e Silvia Brunelli; Alencar e Glauce Faula, Alfredo e Elaine Meyer; Ana Patrícia Pereira, a Fofa; Ana Maria Cerri, Magá e Pedro Maurano; Andrea, Chris, Rosa e Giu Galdi; Andrea Mesquita; Aninha Mafra Paulino; Ângela Furlan, Joacir Cury e Ivonete Moretto; Aref, Sonia, Paulo e Caio Sabbagh; Argemiro Rossi com Doretta, Stéfano e Carol, Amanda, Bruna e Marquinhos; Camila Trombini; Carla Fernandes; Carlos ABC; Carmelina Piza; Carmen e Juliana dos Santos; Cláudio e Cida Abe; Cristiane e Maurício Colpas; Cristiane, Giulia, Márcio e Vinícius; Cris Furlan; Cris Sanches; Cristina, Paulo, Juliana, Paula e Fernanda Anselmo; Cristina Matsuoka; Daniele Ricci; Denise Castelo Martins e Daniel Ribeiro; Denise Mokreys, Vinicius Cabral e suas famílias, minhas também; Denise Laudissi; Eduardo Pelas e Gizele Nalin; Elaine Nozella;

Com boa memória, celebro os amigos e colegas da infância e adolescência: Adriana Sparvulli de Mattos, André Queiroz, Camila, Carol e Lia Corazza, Ciça Viana, Cristina Kobaiashi, Emiliano, Ana e Vitinho Maroso Alves, Gustavo Cella, Helen Carla Poloni, Hilton Ferraz, Jota Tacla, Kellen Rodrigues, Laura, Tomás, Clara e Luisa Leme Simoni, Luciana, Luciano e Fernando Darcie, Livia Baltieri, Marina Moretti, Nathália Giannetti, Natália Ribocco, Pagui e

Cacá, Patchó, Priscila Garcia, Ramon Romanini, Renata Ferraz de Arruda, Renata Maggian, Soraya Gil Régis do Amaral, Thais Helena Zanin, Thiago Fonseca, Vitor, Julia e Rafael Vilella, entre tantos outros.

Fernanda Correa; Fernanda Galdi e família; Fernanda e Luiz Andreelo; Francisco Andrade e Christina Carrazedo; Gabriella Marques, Giancarlo e Aurora; Hermes Petrini e Cidinha, Mariana, Nina e Zahira Neder; Isaíra Aparecida Barbosa, a Zazá, seu filho Rafael Spolidorio com Isabella, Sergião, Valéria e cia; Ike e Carina Fernandes; Jairinho, Ana Maria, Teresa e Gill Mattos; Iuri Botão; Jé Takaki; José Antonio e Fernanda Baggio; José Luiz Guidotti Jr., Julia Simões; Juliano e Bia Dorizotto; Karen, Catharina, Raíssa e Harumi; Kiko e Eurides Uliana; Karina Pizzinatto; Larissa Costa e Tadeu Mendes; Laura Laguber e família; Legardeth Consolmagno; Leila Zitto; Leni, Ana Paula e Ana Luiza Pinheiro; Lia Gatti; Lili Fadigas; Livia Telles, Mafê e Carol Cavassani; Lourenço Tayar; Lucia, Emidio e André Sanches; Luciane Anhão; Lucia Fioravanti; Lucinha Vianna; Magali Aniceto; Marcela Matavelli; Marcel Yamauti; Mariana Lisboa; Mariana Zanolli Moreno; Marcelo Gimenes e Jaap Snijder; Márcia Carvalho; Márcia Maciente; Márcia Marcos; Marco Antonio e Fernanda Guidotti; Marcos, Sandra, Henrique, Fabiane, Mauro e Tere Ducatti; Maria Angélica e Toninho Dorizotto; Maria Terra e Galvão; Marinho Novello; Mauricio Cantoni; Mauro Massao Shimano; Maria Lúcia Pacini; Michele Maia; Monica Cabello e Klaus Duarte; Murilo e Márcia Puydinger; Nãna Toledo Dedini (sempre e para sempre juntos); Naty Litoldo; Nathalia Serra; Nayere Ruas; Neto e Ana Flávia; Neide Poli; Neyde Coelho; Omir Lourenço; Padre Otto Dana; Pablo, Rosmary, Paola e Sofia Calefe; Paula Scassa; Paulla Camargo; Pedro e Beth Paschoal; Paulo Ferretti e Tarcila Rubio; Priscila e Augusto Corrente; Rafael Popin; Rafaela, Roberta e Raquel Sabbagh; Regina Neres de Andrade e Thiago, meus amigos do teatro e de toda uma vida; Renata Villatoro Ikeda; Renato, Sonia, Maurício, Henrique, Daniela e Melissa Massano; Rita, Marcos e Raquel Gozetto; Robert Dona; Rodrigo, Elaine, Vitor e Sonia Brancalion; Rose Massarutto; Silvia Andrade; Simone Fávoro Garcia Guedes; Silvana Hion; Silvia e Silvio Pirolli; Sonia Scattolin; Tayo Cunha e Rafael Borges; Thiago e Maria Helena Corazza, Lorenzo e Monica Stefani; Thiago Sabbadin; Ulla Mikkola; Valdir de Almeida; Valéria Maluf Vergal; Valeska Aguilera; Vinicius Savoy; Viviane Romano; Wana Narval, Zé, Lenice e Joseane que sempre nos abraçaram no sítio dos Guerra.

E a você, leitor !

# Sumário

PREFÁCIO	14
APRESENTAÇÃO	18
INTRODUÇÃO   UMA HISTÓRIA DENTRO DE HISTÓRIAS	21

## ***Um protagonista voa desde o ninho***

<b>1 Como nasce um protagonista?</b>	<b>31</b>
As influências na formação de um protagonista	33
A formação de um protagonista	35
O protagonista legitimado	37
O sucesso nos rodeia	40
O protagonista visto em seu próprio lar	41
A origem do nome Chamochumbi	42
#TudoComCH: Alçando voos	44
Falando com a massa: Carta à mãe!	46
<b>2 Criar e inovar rimam com responsabilidade?</b>	<b>49</b>
Saindo do “básico”	51
#TudoComCH: Nasceu Papai Noel	54
O encontro	56
Meu palco na rua	56
Portas se abrindo	58
Criatividade ou inovação?	60
Criatividade, inovação e responsabilidade	62
O sucesso nos rodeia	64
Falando com a massa: Nossos olhos brilham!	65
<b>3 Nascer e morrer nos ensina a viver</b>	<b>67</b>
Pequeno guerreiro	68
O pai que ficou	70
Outro nascimento: O MBM Escritório de Ideias	71
#TudoComCH: Confiança	74
A hora da decisão	76
Decolando	77
Ser protagonista também é ter sentimentos	79
Superação	81
Luto e prosperidade, como assim?	82
O sucesso nos rodeia	84
Falando com a massa: A vida é poesia	86

## ***Um protagonista voa para fora do ninho***

<b>4 Tudo novo, para um novo voo juntos</b>	<b>91</b>
Os protagonistas em mim	92
De casa se leva ao trabalho	94
Relacionamento: Um diferencial no mercado	95
Viciados no “tutorial”	96
Família e trabalho: Haja entusiasmo!	97

#TudoComCH: Decifrando o desconhecido	100
O sucesso nos rodeia	101
Falando com a massa: A arte que promove vida	103
<b>5 A arte sempre é arte, não importa o tempo</b>	<b>105</b>
A vida imita a arte	107
Movido à música	108
A sensibilidade do design	109
Multimídia também é arte	110
A arte e os novos tempos	112
#TudoComCH: Arte e negócios	114
O sucesso nos rodeia	115
Falando com a massa: A arte que promove vida	116
<b>6 Para alguns, o voo tem pouso no sucesso</b>	<b>135</b>
Mais que portfólio, experiências	136
Grande evolução	137
Vivência e experiência para ensinar	138
Nos sinais de Deus, vemos que nossa luz não vai se apagar!	139
Protagonismo que ensina	140
Abram alas para a criatividade	141
O indivíduo em autoconhecimento	142
Diga sim para os desafios	143
Criação + foco = credibilidade	144
Compartilhando pelo poder da palavra	148
#TudoComCH: Semeando sucesso	150
O sucesso nos rodeia	154
Falando com a massa	155
<b>7 Cheio de ideias</b>	<b>157</b>
Imagem e mensagem: o que realmente importa?	159
Elementos indispensáveis para um evento de sucesso	161
Produção cultural é coisa séria	162
"Da hora esse nadar"	164
M.C. Com CH: O encantamento de ser mestre de cerimônias	168
O rádio é jovem!	169
O vendedor de CDs	171
Trabalhar com vidas para enxergar melhor a própria vida	172
Carnaval das Marchinhas	175
Samapi Distribuidora	176
I Love Pira	179
Colégio Polibrasil: Depoimento Luiz Andreelo Filho	180
Blu Esmalteria: Depoimento Giselle Ghirotti	181
Construtora Adolpho Lindenberg	183
Village Arte Decor	184
Trabalhando com o terceiro setor	186
Um jantar de excelência	188
Pandemia: Tudo novo para sempre	188
<b>CURTINHAS</b>	<b>190</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>194</b>
<b>APRESENTAÇÃO DO AUTOR E SEUS CONTATOS</b>	<b>196</b>



QUE É O QUE É?  
ÉPO QUE É?  
E É?  
QUE É?  
ÉPO QUE É?  
ARTE  
ORTE A POLITICA  
A PRIVACIDADE  
CERTO DORRUS O  
BELO QUE É?  
VIDA  
TRISTEZA  
FELICIDADE  
TEMPO O AMOR

# SOU UMA IDEIA



A  
U A  
O DESCE  
RED  
ND

QUÃO



## Prefácio

Vou falar sobre Bruno Chamochumbi, protagonista dessa história de vida repleta de lutas, superações e conquistas. Seu nome tem origem teutônica e significa “moreno”, “escuro”, o que na linhagem germânica pode ser interpretado como “luminoso” ou “brilhante”. Ao redor do mundo, é possível encontrar para ele uma infinidade de variações em idiomas e culturas diferentes, um nome popular que possui a maior quantidade de ramificações.

Bruno é uma marca registrada em Piracicaba e região, estendendo-se ao redor do Brasil, por trabalhos que destacam seu talento e competência. Em meados de abril de 2019, ele buscou um processo de autoconhecimento por meio de psicoterapia psicanalítica. Em uma constância por meio da análise, estendendo-se na atualidade, tinha o objetivo de adentrar em questões conflitantes, associado a ansiedades e angústias que a existência pôde traduzir, com o principal tema “conheça a ti mesmo”, para compreender melhor seus sentimentos e as ações que pautavam suas experiências naquele momento primordial de maneira ambivalente, pois se percebia dando vazão ao seu lado mais instintivo, primitivo, principalmente em suas formas de se relacionar, misturando-se ao coletivo social e profissional de maneira até então não reconhecida em suas experiências anteriores, porque não existiam ou estavam latentes, e não foram manifestadas como necessárias até então.

Tamanha era sua voracidade por experiências novas, que em muitos momentos se sentia irreconhecível por ele próprio e demais pessoas da sua convivência. Porém, era extremamente prazeroso e intrigante reproduzir vivências que estavam registradas no inconsciente coletivo de sua história familiar. Nesse sentido, o processo de descoberta pelo autoconhecimento foi proporcionando estímulos de uma forma em perceber-se conectado ao mundo ao seu redor, buscando a compreensão de todos os estímulos recebidos no decorrer do seu desenvolvimento emocional, pautado pelos valores familiares, com os conteúdos que seus genitores proporcionaram a ele enquanto lhes foi permitida a existência, e os recursos desenvolvidos por ele mesmo no decorrer das experiências vividas em sua história.

Esse processo se misturou demais com suas relações de admiração, onde se sentia acolhido, representado, reeditando conteúdos da sua infância e adolescência. Bruno vem melhorando a percepção interna dos seus sentidos, se aprofundando em sua criatividade, numa expansividade que é vital

para a figura pública e ser humano de reconhecimento que se tornou. Vem despertando para o autoconhecimento em um processo de individuação, distanciando-se da projeção do coletivo, avaliando a si mesmo.

Ele busca sentido em se tornar alguém melhorado, chega mais próximo de uma versão almejada de si mesmo, não para o mundo, mas para suas ambições de escolhas seletivas que a maturidade lhe assegura, valorizando sua natureza ética, de fidelidade com sua subjetividade, de explosão em relação a tudo que quer e aposta, arrisca, e provoca para conhecer um lado que ficou suprimido pelas cobranças sociais e que nem sempre foi prioridade de direcionamento em suas reflexões, mas sim engessado para o alcance das suas produções profissionais, com produção incessante.

Para a sociedade, extrovertido, cativante com uma capacidade inata e sutil de persuasão, jamais pela força e sim pela doçura da sua sensibilidade. Em sua natureza um líder, com capacidade de atingir suas metas após analisar corretamente a situação que o envolve, claro sem esquecer o seu lado intuitivo, inovador, com personalidade marcante, gentil e acessível pela simplicidade. Uma explosão de sentimento e emoção, que em muitos momentos se desencontram com as necessidades racionais, expressando essa ambivalência que também desorganiza suas intenções e vontades.

Apresenta muitas manifestações conscientes que lhe proporcionam projetos novos e desafios para seu desenvolvimento pessoal, familiar, social e profissional. A família, intocável e inquestionável, em filhos e esposa deposita seus sintomas de cura, opiniões, afetos, fantasias e sonhos de forma que busca por ressignificações constantes, por ter desenvolvido corajosos e temidos recursos em sua existência: a ausência da figura paterna que se foi cedo demais, e tamanha sensibilidade que as figuras femininas, incluindo a figura materna, lhe proporcionaram por ensinamentos e mudanças com inúmeros rompimentos.

Vem descobrindo encontros e desencontros com pessoas, oportunidades e experiências um tanto dolorosas. No denso período da pandemia, ao invés de recluso, foi ousado, enquanto as restrições profissionais determinadas pelo próprio período o colocaram na espera, mergulhou na profundidade das relações familiares, o que no estágio presente contribui para sua retomada frenética a um mercado de trabalho excepcionalmente inclusivo. Esse encontro consigo mesmo lhe possibilitou um contato intrínseco com sua própria sombra, sem as máscaras necessárias para a sobrevivência em meio a uma sociedade que não permite mostrar a verdadeira face ao mundo,

encobrir a persona para evitar a exposição desmedida do real, quase que impossível no caso Bruno Chamocho, um ator, cantor, apresentador, radialista, publicitário, com sucesso global que só mostra seu talento, vivendo-o sem pensar muito.

O espelho não lisonjeia, mostrando fielmente o que nele aparece, mas o cuidado proporciona a diferença ao adentrar na quarta década de existência, com a preocupação da saúde, reduzindo os excessos que a vida proporciona, para que a qualidade prevaleça, aumentando os cuidados com a aparência, preservando a delicadeza nas relações, escancarando seu talento inerente, com uma espontaneidade imediata e descarada. Estreita as relações com tanta facilidade por conseguir naturalmente corresponder à demanda do outro, e sem perceber se adapta a qualquer contexto.

Defende suas verdades de forma convincente, seduzindo a concepção dos demais, e mesmo quando confuso estimula os demais a lhe concederem confiança para impressionar. Comunica-se em busca de reconhecimento das suas ideias, criatividade, emoções, aceitação. Suas vontades e desejos se destacam em escolhas pessoais, conduz sua vida pelas emoções, estabelece parcerias consistentes, costuma ser empático mesmo com indivíduos com reflexões conflitantes. Planeja e constrói grandes projetos com facilidade, seu pensamento é explanado com tanta velocidade que em muitos momentos suas ações não acompanham, consegue lidar com pressão com manejos que utilizam sua intolerância e irritabilidade. Após finalizações de ciclos e trabalhos estressores, apresenta movimento psíquico/comportamental em se permitir prazeres e lazeres que experiências e lugares inesquecíveis podem lhe proporcionar.

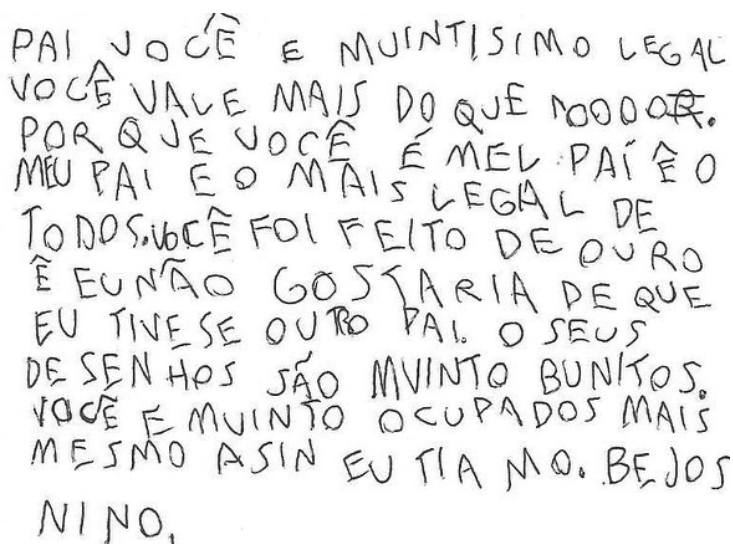
O trabalho de análise vem se construindo como uma viagem desafiadora, conduzindo Bruno para um encontro com ele mesmo, nessa busca incessante e inerente ao ser humano, caminhando para a descoberta de seu verdadeiro self (modo próprio de comportamento ou caráter particular de alguém). Bruno vem adentrando a um olhar sobre si mesmo, procurando perceber todo seu conteúdo acumulado por uma vida, repleto de momentos diversos, descobertas inúmeras, aprendendo com sabedoria a lidar com quem ele realmente se tornou até aqui. Bruno, em momentos intensos de dor, erros e vícios comportamentais que lhe desfavoreceram, compartilha conclusões reflexivas como as de que as consequências são desfechos da ignorância do que acreditava ser seu verdadeiro eu, dentro das superficialidades que o mantinham na ignorância sobre seu verdadeiro eu.

Claro que esse processo não tem fim, é uma tentativa constante com o objetivo de integrar o consciente ao inconsciente, mas sua finalidade é o autoconhecimento, com descobertas que antes pareciam inacessíveis, assustadoras e intrigantes, ainda que somente por um determinado momento da sua vida, assim como de qualquer outro indivíduo. Com isso, Bruno está em busca da cura pela aceitação e consciência com a estação da vida que se encontra e o contínuo compromisso com o restabelecimento do amor-próprio, lembrando que o verdadeiro amor é incondicional e libertador, aceitando toda diversidade e pluralidade da sua existência.

Esse livro é uma explanação do que venho acompanhando desde que nasceu seu projeto, da história de vida do brilhante, iluminado Bruno, com nome simples, de expressão fácil, nascido na primavera, um artista, empreendedor, publicitário, que vem deixando seu legado para nossa sociedade e me concedendo o privilégio dessa parceria profissional.

**Ana Carolina Carvalho Pascoalete**

*Psicoterapeuta*



PAI VOCE É MUITISSIMO LEGAL  
VOCE VALE MAIS DO QUE 1000000.  
POR QUE VOCE É MEL PAI É O  
MEU PAI É O MAIS LEGAL DE  
TODOS. VOCE FOI FEITO DE OURO  
E EU NÃO GOSTARIA DE QUE  
EU TIVESSE OUTRO PAI. OS SEUS  
DESENHOS SÃO MUITO BUNITOS.  
VOCE É MUITO OCUPADO MAIS  
MESMO ASSIM EU TIA MÔ. BEJOS  
NINO,

2011

## **Apresentação**

### *Você conhece o Bruno?*

Se não conhece, permita-me apresentar Bruno Fernandes Chamocho, o #TudoComCH, pelos meus olhos. Nosso primeiro contato foi em 2010, quando contratamos o MBM Escritório de Ideias para mudar e repaginar o Espaço Pipa, instituição não governamental que cuida de pessoas com síndrome de Down, que presidi por sete anos.

Minha primeira impressão, e dizem que esta é a que fica, foi de uma pessoa jovem, inteligente e com uma mente absurdamente criativa. Desinibido, falante e espontâneo, roubava a cena, mas revelava um toque de nervosismo pelas mãos. Isso mesmo, ao chegar, Bruno cumprimentava a todos e suas mãos estavam quase sempre suadas. Como faço leitura comportamental, senti que por trás de todo aquele personagem e mente visionária, existia um menino doce e frágil. Como nosso relacionamento era profissional, não sabia nada sobre aquele menino, mas o tempo foi revelador.

Nosso primeiro trabalho juntos foi um grande sucesso, a instituição se tornou conhecida e reconhecida por toda sociedade e essa visibilidade trouxe muitos recursos, com os quais pudemos ajudar muito mais famílias no tratamento e desenvolvimento de seus filhos. Bruno teve papel fundamental neste processo, sua visão trouxe graça e significado para a imagem da instituição.

O tempo foi passando, as relações foram crescendo, muitos projetos realizados e uma amizade surgiu. Amigos por admiração ao profissionalismo, competência e principalmente pelo caráter. Digo que sempre atraímos pessoas, circunstâncias e lugares que têm algo a nos ensinar e não foi por acaso que Bruno entrou na minha vida. Pude aprender com ele sobre resiliência, coragem, espontaneidade, sobre ser visionária, alegria de viver e simplicidade.

No seu olhar e riso fácil, todos se sentem acolhidos e muito à vontade, pois é só chegar que o coração é grande. Acredito que sua alma de artista é uma herança familiar e que os desafios de perder seu pai e sua mãe o tornaram mais adulto quando ele deveria ser apenas uma criança. Acredito que de certa forma as tragédias de sua vida o fizeram ser amigo de muitos, de todos, acolher o mundo ao seu redor, mas também o fizeram perceber que a vida pode ser dura e que é necessário ser forte e enfrentar, não ter vergonha de se expor e de mostrar sua vulnerabilidade quando preciso.

Bruno não vive o verniz social, pois ele é intenso demais para isso e este verniz derrete com tanta energia. Energia do bem, do cuidar, de estar além de seu tempo.

Nosso último projeto juntos foi na Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social, na qual enquanto secretária tive Bruno como meu assessor. Desenvolvemos e ampliamos os horizontes da Secretaria, trazendo soluções para o público em vulnerabilidade social. Tivemos a oportunidade de conhecer todas as comunidades de Piracicaba e ouvir atentamente a população e suas necessidades. Tivemos a oportunidade de ver beleza no caos. A vontade de ambos era de mudar o mundo de todas aquelas pessoas que sofrem, mas o tempo não nos permitiu colher as sementes que plantamos, no tempo que gostaríamos.

Porém, acredito que tudo é perfeito mesmo nas imperfeições e que em tempo oportuno, juntos ainda teremos a oportunidade de melhorar a vida de muitos. Porque a gente não cansa de criar e de fazer o bem de forma nada despretensiosa. Já se passaram tantos anos, às vezes nos falamos diariamente, às vezes ficamos meses sem nos ver, mas a amizade verdadeira não tem tempo ou espaço, ela acontece no aqui e no agora.

Bruno ganhou meu coração e minha admiração porque ele existe e sua existência faz o mundo ser um lugar mais divertido, colorido, bonito e muito melhor!

***Fabiane Fischer***

*Terapeuta e Ex-Secretária de Desenvolvimento Social de Piracicaba*

*“Se as coisas não saíram  
como planejei posso  
ficar feliz por ter hoje  
para recomeçar.*

*O dia está na minha  
frente esperando para  
ser o que eu quiser.”*

**Charlie Chaplin**

# Introdução

## *Uma história dentro de histórias*

Quem me conhece sabe o quanto sou apaixonado por ouvir, contar e recontar histórias das pessoas e para as pessoas, sempre com riqueza de detalhes, humor e muita emoção. Para mim, contar histórias é uma forma de enriquecer todo o processo de troca, de interação com o outro, exatamente porque estamos compartilhando nossas vivências.

Neste livro, conto um pouco da minha história e das histórias que trago de outras pessoas que tiveram participação importante em minha vida, formando minha visão do que é empreendedorismo e protagonismo jovem.

Vou mostrar o porquê de, aos 40 anos, já ter vivido tantas histórias para contar com bastante riqueza e variedade. E antes de contá-las, adianto um ponto importante: tudo começou cedo!

**Ao contar histórias, temos a oportunidade de aprender algo diferente e até nos imaginar vivendo coisas que ainda não vivemos e incorporar a narrativa à nossa visão de futuro.**

Creio que sou muito apaixonado por histórias porque cresci em uma família muito grande. Minha mãe Maria Isabel Silveira Fernandes Chamochochi tinha sete irmãos e foi criada numa família cheia de fatos e contextos bastante interessantes, peculiares, composta de pessoas relacionadas à arte e muito comunicativas. A família do meu pai Juan Alberto Vera Chamochochi é de Lima, no Peru, e também tem muitas histórias e tradições bastante peculiares. As vidas deles possuem trajetórias às vezes bem emocionantes e sempre dignas de que nos sentemos para ouvi-las, seja em uma mesa posta para o café ou num sofá. Minha família é uma verdadeira história para contar!

Uma curiosidade que posso até chamar de criativa em minha família é o fato de tanto o lado da minha mãe como o lado do meu pai terem nomes compostos. Da parte do meu pai os nomes dele e dos três irmãos peruanos são super latinos, me divirto ao compará-los a nomes de personagens de novelas mexicanas. Ao mesmo tempo são fortes e impactantes: Benjamin Fernando; Ricardo Armando; Juan Alberto e Carmen Milagros.

Já na família da minha mãe, pela devoção católica de meus avós, uma fila de Marias nas mulheres e Josés nos homens: Maria Dirce; Maria Apare-

cida; Maria Helena; Maria Regina; Maria Luiza; Maria Isabel; Eduardo José e Fernando José.

Ao ouvir e recontar suas histórias, sempre tive um sentimento comum em relação a todas elas: o de que posso mostrar às pessoas que há sempre algo interessante a aprender com as crônicas da vida real.

**Contar histórias é mostrar às pessoas aquilo que de alguma forma serve de aprendizado, algo que você já aprendeu e que agora pode compartilhar.**

Venho de uma família bastante diversa e com muitas coisas boas misturadas. Sou o primeiro homem dos dois filhos de um peruano com uma brasileira, neta de espanhóis. Minha mãe Maria Isabel, ou apenas Bell, nasceu em Piracicaba (SP) em 1953, viveu a infância em São Paulo e, quando jovem, conheceu meu pai Juan Alberto, cinco anos mais novo do que ela. Ele havia saído de Lima aos 19 anos para fazer faculdade de Agronomia na Esalq/USP (Escola de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo), em Piracicaba.

Minha mãe teve a arte correndo em suas veias por toda a sua vida. Ao olhar meus avós com a maturidade de hoje entendo a origem dessa paixão tão grande, porque ela é o resultado de toda a bagagem cultural acumulada por eles.

Meu avô materno, Eduardo Fernandes Filho, nasceu por acidente em Buenos Aires, na Argentina, e seis meses depois chegou ao Brasil com seus pais para morar em Piracicaba. Meu bisavô Eduardo Raphael Fernandes foi um dos primeiros fotógrafos do estado de São Paulo. Nascido em Frigiliana, uma cidade da província de Málaga, na Espanha, ele foi contemporâneo de Pablo Picasso. Por causa da influência de seu pai, meu avô sempre gostou de artes, apesar de ter tido a contabilidade como profissão, uma atividade mais lógica. Além disso, também foi comerciante, dono da loja A Mercantil Piracicaba, um magazine tradicional da cidade que foi um dos primeiros lugares a vender aparelhos de televisão no estado, além de atuar em usinas de cana-de-açúcar como Monte Alegre e Costa Pinto. Ele também foi um dos presidentes da Acipi - Associação Comercial e Industrial de Piracicaba e fundador benemérito do Clube de Campo de Piracicaba.

Ele foi um grande empreendedor cultural, e sua veia artística tão presente o levou a empreender também em nome da arte. Entre seus feitos, ajudou a fundar a Escola de Música de Piracicaba com o casal Cidinha e Ernest

Mahle. Sem dúvida alguma, posso dizer que meu avô teve uma vida muito rica, sobretudo culturalmente.

Meu avô Eduardo amava cantar tangos e boleros e acabou influenciando muito seus oito filhos a desenvolverem suas paixões pelo mundo das artes. A prova disso é que meus tios se tornaram desenhistas, músicos, produtores culturais, e até mesmo aqueles que não abraçaram a arte como profissão desenvolveram algum talento artístico como hobby. Ele amava o rádio.

Sempre tivemos essa paixão pelas artes como algo muito forte na família, o gosto pela música, pintura, literatura, e eu nasci e cresci nesse ambiente.

Já meu pai era louco por futebol, muito comunicativo, engraçado, bonito e “*amiguero*”<sup>1</sup>. Entre estudos e projetos, havia chegado aos 19 anos em Piracicaba, após conseguir uma bolsa oferecida pela Esalq em parceria com as embaixadas brasileira e peruana. Com poucos recursos, era filho de pais separados: meu avô, Juan Bautista Vera Guerrero, tinha uma pequena gráfica que veio a se chamar Piracicaba anos depois; já minha avó Emma Chamochumbi Gutty era vendedora de produtos como Avon. Uma das pessoas mais doces que eu conheci. Mãe amorosa, gentil e delicada, era também muito bem humorada. Andava quilômetros e quilômetros para atender seus clientes em toda a cidade de Lima. Uma mulher admirável que teve uma grande perda, de sua única filha mulher com poucos meses de vida.

Meu pai era conhecido como Beto para os seus e Perucho para a Esalq, onde cada aluno tem um apelido. Ele logo se adaptou à Piracicaba, mas achava as pessoas um pouco frias e sérias demais. Num passeio conheceu minha mãe, começaram a namorar, se apaixonaram e não se desgrudaram mais. Meu pai morou poucos meses na Casa do Estudante Universitário e fez muitos amigos brasileiros e de outras nacionalidades.

Minha mãe casou grávida de mim e sempre contou histórias engraçadas sobre ambos, como eles se conheceram e como a beleza deles combinou. Mais novo dos três irmãos homens, meu pai se tornou engenheiro agrônomo aos 25 anos. Quando casou com minha mãe, adotou minha irmã Andréa como sua filha.

Por um destino que só nos restou aceitar, quando eu tinha acabado de completar quatro anos aconteceu um fato trágico que influenciou bastante

1 “Amiguero”, termo peruano para quem tem muitos amigos, se relaciona bem com os amigos. Amigável.

o destino da minha família. Meu pai voltava sempre ao Peru para rever nossos parentes e desenvolver projetos como engenheiro agrônomo e, em uma dessas idas, acabou ficando alguns meses em Lima quando, com a mala já pronta, cheia de brinquedos para os filhos e outros presentes para a família, no dia 8 de dezembro de 1986, véspera do seu retorno ao Brasil, foi apartar uma briga na esquina de sua casa e acabou morrendo baleado. Aí surge meu primeiro sentimento de abandono.

**Perder o pai nunca é fácil, em idade alguma, mas sofrer essa perda na primeira infância deve ser muito mais difícil do que na fase adulta.**

É fato que acontecimentos assim deixam as famílias abaladas e com a minha não foi diferente, mas encontramos conforto para nossas dores uns nos outros.

Viúva ainda muito jovem, minha mãe recorreu à sua família para ajudá-la a criar os filhos e, a partir disso, passei a conviver ainda mais com meus avós Eduardo e Mariquinha, tios e primos. Da mesma forma que meu pai morreu muito novo aos 27 anos, minha mãe também tinha sua juventude para viver aos 33, e assim o fez.

Logo após a morte do meu pai, ela decidiu morar em Ihabela. Minha irmã ficou com meus avós e minha mãe pegou eu e meu irmão e nos levou para uma praia ainda sem estrutura, mas de uma beleza indescritível. Por dois anos ouvimos música, comemos frutos do mar quase todos os dias, convivemos com crianças e adultos felizes, vivemos aventuras inesquecíveis em paisagens sem igual. Não foram só momentos bons, mas enquanto crianças tivemos um grande presente para nossas memórias.

Acabamos voltando com ela para Piracicaba para morarmos com nossos avós. Estávamos na idade da alfabetização. Nossa avó Mariquinha era professora normalista e com muito amor nos ensinou a ler e escrever. Como uma leoa, foi nossa segunda e até primeira mãe em muitos momentos. Nos abraçou, mas também empurrou para o mundo. Com doçura, energia e ao mesmo tempo uma dureza quase insensível, ela parecia não aceitar o insucesso de quem amava, trabalhou muito pelos seus e leu muito durante a vida. Estou certo de que a canseira bateu em alguns momentos, afinal, criou oito filhos e vários netos debaixo de suas asas, fora os afillhados, sobrinhos e amigos. Como catequista, colocou centenas de crianças diante de um Deus amoroso, que ela conheceu com tantas vivências. Era bem-humorada, generosa, socialmente responsável, amiga e irmã fiel. Sua saúde não era das

melhores, mas sempre deu um jeito de cuidar bem de todos. Suas principais lições foram para um dia a dia mais centrado: leia, escreva, reze, aprenda poesias e se interesse pelos nomes e histórias de seus autores, conheça música boa. Ela cozinhava bem, mas comia mal, achava maçã sem graça – só gostava do suco –, tomava café com leite e sorria muito. Tinha alma nobre e dava valor às tradições. Seu colo foi, por muitas vezes, a certeza de que sobreviveríamos muito bem.

Hoje sei que minha mãe precisava ter vivido como quis. Ela optou por curtir a vida, viajar, dançar e viver tudo que os anos 80 tinham a oferecer, em vez de ficar sofrendo. Mas na época, para mim e meus irmãos, ainda imaturos, novos demais para entender tudo aquilo, experimentar mais uma vez a sensação de abandono foi inevitável.

Mas o fato é que ela nunca nos abandonou. Minha mãe nos deixou com nossos avós para que eles cuidassem da gente e nos dessem uma educação mais formal. Ela morou na casa deles conosco por um tempo, mas também viajava muito para participar de diversos eventos artísticos. Posso dizer que ela não foi ausente, foi fora do convencional. Ela não conseguia manter um trabalho de forma estável, com regularidade, ia muito a festas, o que impactou nossa vida.

Se por um lado isso gerou em nós alguma sensação de abandono por parte de nossa mãe, por outro possibilitou um contato mais intenso com uma educação tão rica como a da minha família extensa. Minha mãe participava de alguns desses momentos e isso nos trouxe muita alegria.

Me lembro bem que minha mãe sempre gostou de tocar piano e cantar, se aproveitando de seu ouvido absoluto para fazer isso divinamente bem. Além disso, desenhava, escrevia poesias e tudo isso nos encantava, nos colocava em um contexto no qual o que é extraordinário para muitas pessoas, na verdade, fazia parte de nosso cotidiano.

Minha mãe não entendia a juventude como algo da idade, mas atemporal. Para ela, todo esse vigor era sinônimo de vida e, sendo assim, enquanto ela estivesse viva, continuaria jovem.

Tão natural como sua juventude, sua arte também parecia não querer se limitar, se enquadrar dentro de formatos e tendências. Seu canto, sua habilidade com instrumentos, sua poesia e desenhos queriam ter a liberdade de se entrelaçar e desvencilhar quando bem entendessem. Racionalmente falando, minha mãe não teve foco, não fez de seus talentos algo que lhe garantisse o próprio sustento. Talvez ela não tivesse controle sobre sua própria

arte, que brotava em seu eu no cotidiano, como um canto ao piano em um final de tarde ou um bilhete cheio de poesia no meu caderno da escola, só para me dar apoio em um dia de prova.

Esses “torpedinhos” que brotavam inesperadamente nos meus livros, na minha lancheira ou no bolso do meu uniforme se tornaram fortemente desejados por mim após sua partida.

Foi depois da sua morte, em razão de um câncer fulminante na bexiga em 2010, que acabei entendendo melhor a complexidade de sua relação com a juventude e a arte. Na época, eu já estava com 27 anos, tinha acabado de me casar e, três meses depois disso, ela se foi. A expressão “morreu jovem” se encaixa muito bem na história dela. Mesmo não tendo falecido com uma idade tão curta como a do meu pai, sua juventude continuava pulsando aos 56 anos.

Sem dúvida, minha mãe morreu jovem. Aliás, agindo ainda como uma adolescente em muitos momentos. Meses antes de ela falecer nós discutimos e no meio da discussão falei:

— Você não é mais uma adolescente, mãe! Você pensa que ainda tem 15 anos, mas não tem! Acorda para a vida!

Meses se passaram, ela faleceu e, tempos depois de sua morte, fui surpreendido com um daqueles “torpedinhos” dela para mim, dentro de um livro, que ela havia comprado justamente por causa da discussão que tivemos. O nome do livro? “Acorda para a Vida”. Quando eu o abri, logo em uma das primeiras páginas, ela havia escrito assim num bilhete:

— Você errou, eu não tenho 15 anos. Tenho 16.

Ela era viva, uma pessoa super comunicativa e trouxe isso para seus filhos. Enquanto nossos avós nos deram uma educação formal, o acesso às pessoas, como se comportar em uma mesa, como pegar um talher, como se dirigir aos mais velhos, nossa mãe nos mostrou um jeito super divertido e diferente de se comunicar.

Meus avós maternos também eram muito comunicativos, gentis, mas a grande influência sobre nosso jeito de comunicar veio dela.

Minha mãe era como água: conseguia se adaptar e se comunicar com praticamente todo e qualquer tipo de pessoa. Desde o analfabeto até o mais estudado, desde aquele que não tinha o que calçar nos pés até os que andavam em carros importados. Ela não fazia distinção se era padre, budista ou pai de santo; se era homem, mulher, criança ou idoso. Sempre nos aplaudiu, incentivou a realizar nossos sonhos e ir além do que ela mesma foi como profissional. Vibrava com cada passo que dávamos, sentia-se muito orgulhosa

do nosso sucesso. Quando comecei a atuar no rádio, ela ouvia tudo e opinava em tudo. Foi muito marcante o dia que ela me chamou para conversar e me disse algo que até hoje carrego. “Bruno, você tem uma voz. Tem pessoas que te ouvem e acreditam em você. Use isso para inspirar, para motivar e para animar. Lembre-se sempre que há pessoas que podem estar tristes, sofrendo, chorando e precisando de alguém como você.” Todos os dias isso vem à minha mente e no meu coração: a responsabilidade de poder ajudar as pessoas a melhorarem suas vidas com a minha comunicação.

**Ser como água é conseguir se adaptar e se comunicar com praticamente todo e qualquer tipo de pessoa.**

Encerro essa introdução com o recorte de meu artigo publicado em 2016 na Revista Tutti<sup>2</sup>, que bem exemplifica e resume o meu pensamento protagonista, que mesmo tendo histórias costurando a minha história, compreendo muito claramente o meu propósito e trajetória:

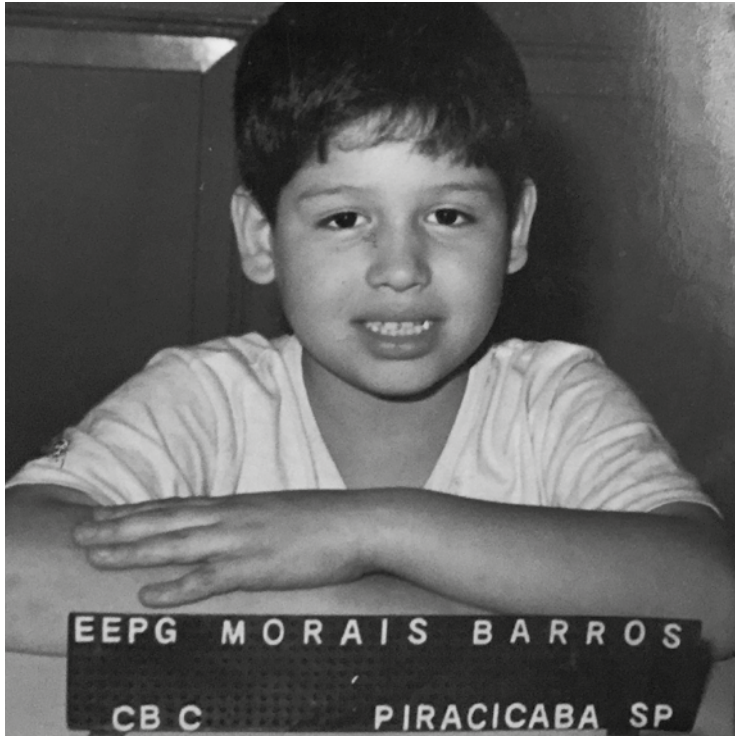
*“É neste ponto que quero chegar: a satisfação de fazermos o que gostamos, independentemente do dinheiro que aquilo gera. E, por incrível que pareça, mais cedo ou mais tarde o dinheiro vem. Pode ser que ele não venha a jato, mas para quem gosta do que faz, pode até vir a cavalo. Afinal, quando ele vier, ainda estaremos lá, no mesmo lugar, fazendo o que nascemos para fazer. E quem não gosta do que faz está sempre mudando de projeto, de função, porque está somente atrás da grana. Nestes tempos em que ‘ser esperto’ é inversamente proporcional a ‘fazer o que gosta’, a sociedade começa a encontrar pessoas que se dispõem a assumir um novo tipo de liderança para uma vida mais sustentável, exercida com autoconhecimento. Não acredito na sustentabilidade pregada em folhetos de grupos A, B ou C. Acredito que podemos somar tudo junto e misturado quando o assunto é uma vida mais feliz. E empreendedores felizes devem ser mais valorizados...”*

Portanto, convido você a percorrer comigo a história de resiliência e empreendedorismo de um protagonista criativo e apaixonado.

2 Bruno Chamochumbi. Publicado na Revista Tutti, Edição nº 26, Agosto de 2016.

**Um protagonista  
voa desde o ninho.**





*"Só se ama aquilo que se conhece."*

SANTO AGOSTINHO  
TEÓLOGO E FILÓSOFO DO SÉCULO 6

# Como nasce um protagonista?

Como toda história tem um protagonista, estou aqui contando minha trajetória, e posso dizer que o cenário onde cresci, extremamente rico cultural e artisticamente, teve um papel importantíssimo para formar o protagonista que sou hoje.

E dentro desse cenário há dois contextos importantes e essenciais para minha formação como protagonista. O primeiro deles é a adversidade que me provoca uma vontade imensa de sobreviver, apesar dela. Desde muito pequeno, apesar de eu sentir que estava vivendo uma situação difícil, em uma família que muitas vezes não se encaixava perfeitamente nos padrões que a sociedade exigia, não me lembro de perder muito tempo sofrendo.

Observava meus amigos e até alguns primos que tinham mães mais tradicionais que a minha, que faziam bolo e eram mais tranquilas. Ela às vezes fazia bolo, mas não era uma mãe comum. Eu e meus irmãos não encontramos nada disso em minha mãe e, muitas vezes, era só o que queríamos. Por outro lado, tinha algo nela que quase nenhuma mãe de amigo meu tinha: sua alma, sua alegria intensa, sua pele que parecia transbordar arte pelos poros. Exemplo disso é que uma vez “descobrimos” minha mãe na televisão cantando como *backing vocal* do Tom Jobim. No início não acreditei, chamei minha avó, que me confirmou: era ela mesma! Com o passar do tempo, fui lidando bem e até me divertindo com essas “surpresas”.

Também lembro com riqueza de detalhes do dia em que eu e meu irmão, aos 11 e 9 anos respectivamente, estivemos no auditório do “Programa Raul Gil”, onde ela se apresentou vestida com um terninho rosa num quadro de

calouros cantando “Saigon”. A então jurada Marly Marley (1938-2014) literalmente “descascou” minha mãe, mas mesmo assim Raul Gil gostou tanto dela que lhe deu uma pulseira de ouro.

Em outra ocasião, minha mãe levou o cantor Cazuza (1958-1990) para dançar no meio da pista da boate The Wall, em Piracicaba, na época uma das mais frequentadas da cidade. Cazuza estava no auge de sua carreira e ela fez amizade com ele por causa da minha tia Rê que morava no Rio de Janeiro. Me lembro dele chegando na minha casa, eu bem pequeno sentado na entrada e ele muito gentil e conversador. Eu tinha no máximo 5 anos.

Samira Kraide, grande amiga da minha mãe, contou que um dia no Rio de Janeiro elas foram parar numa festa na casa da Regina Casé, onde estavam muitos artistas, entre eles Caetano Veloso, Giberto Gil e Gal Costa (1945-2022). Samira se diverte lembrando que minha mãe ficou brava porque ela estava encantada e pediu para ela ser mais discreta, mais blasé: “Disfarça, Samira!”.

Creio que toda a dinâmica familiar fora do convencional na qual cresci me ajudou a desenvolver a resiliência, que contribuiu muito para formar o comportamento empreendedor que tenho hoje.

### **Minha resiliência diante da diversidade e adversidade me torna um protagonista.**

Creio também que dessa resiliência veio um senso de responsabilidade muito forte. Sou o primeiro filho do relacionamento da minha mãe com meu pai. Ela já tinha minha irmã Andréa, de um relacionamento anterior.

Logo que recebemos a notícia da morte do meu pai, meu irmão Pedro – na época, com apenas dois anos de idade – sofreu uma reação neurológica muito severa, que o impediu de andar e falar. Com isso, meus avós tiveram que levá-lo para Ribeirão Preto em busca de tratamento para esta reação, e a partir desse momento, eu fiquei mais independente. Apesar de muito novo, compreendi que meu irmão menor precisava de mais atenção e cuidado naquele momento, e foi como se eu buscasse fazer a minha parte em todo esse processo.

Me lembro de algumas cenas, como eu, ainda muito pequeno, amparando meu irmão, disciplinando – quase que como um pai mesmo. Isso me impactou, porque me trouxe ainda bem cedo um senso de responsabilidade, uma tendência a um amadurecimento precoce, o que chamam hoje de autorresponsabilidade.

Posso dizer que o que me tornou um líder, um protagonista, foram dois fatores que começaram a me instigar bastante, principalmente entre os meus 15 e 25 anos: a resiliência devido à uma vida atípica, difícil, não convencional e diversificada, e o impacto de uma perda muito aguda que me levou à autorresponsabilidade de forma precoce.

Era como se – ainda que inconscientemente – eu pensasse:

— Preciso achar sucesso no meio dessa confusão toda.

Estou falando do nascimento de um protagonista, e isso nos remete a uma pergunta indispensável: o protagonista sempre já nasce pronto, ou assim se forma durante a sua caminhada?

## **AS INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE UM PROTAGONISTA**

Meus irmãos foram e ainda são meus primeiros professores. Minha convivência com meus irmãos é um dos maiores motivadores da minha criatividade. De formas diferentes, Andréa e Pedro estimulam em mim memórias muito fortes de astúcia, alegria e resiliência.

Andréa é uma mulher muito justa, humilde e alegre. Sua inteligência e gosto pela leitura a tornam uma pessoa agradável e cheia de histórias. Tenho um orgulho gigante de sua educação e gentileza, fatores importantes para a vida pessoal e profissional. Podemos conversar horas e horas sem repetir assunto, rindo e alternando nossa convivência entre afinidades artísticas, gastronômicas e intelectuais. Sua vida não foi das mais fáceis, mas sempre estivemos juntos. Em minhas lembranças de infância, tenho seu gosto pelo espelho, roupas coloridas e as músicas da Madonna, que na época eram bem malucas para um moleque. Hoje sei que temos muitos gostos parecidos, afinal, somos bons librianos. Ela me trouxe o primeiro sobrinho, Stefano, com quem convivi muito e aprendi a ser o pai que me tornei.

Pedro é um HD ambulante. Quem me conhece sabe de minha boa memória (adoro decorar sobrenomes, datas, números de telefone, RG e CPF), mas a dele é algo impressionante. Ele lembra da música que tocava, da hora, dos diálogos, das pessoas, das roupas, da temperatura que fazia no dia, enfim, é uma delícia lembrar das coisas boas de nossa infância, porque podemos revivê-las. Desde muito pequeno, sua sensibilidade é muito forte. Ele é reservado, mas aos seus consegue promover momentos mágicos. Tem um humor

muito inteligente, faz imitações e consegue reunir muitas pessoas em torno de suas inspirações. Desde pequenos tivemos acesso a muitos recursos para brincar, como Lego, bonequinhos, videogame e as brincadeiras de rua, patins, skate, clube e festa. No final da adolescência, se tornou pai e me presenteou com uma sobrinha e afilhada incrível, Isabela. Com a administradora Helen partilha mais de 20 anos de um relacionamento cheio de crescimentos, e ganharam também Maria, minha segunda sobrinha. Como especialista em meio ambiente, inovação e empreendedorismo 4.0, está trilhando uma carreira linda, que ele faz questão de sempre lembrar: inspirado por nosso pai. Ele ensina e desvenda muitos mitos corporativos para o trabalho de um futuro que já chegou, a construção de ambientes colaborativos e inovadores para profissionais e empresas. Ele é o próprio HUB!

Aqui vou explorar mais um pouco a influência de meu pai e suas raízes peruanas na minha formação protagonista. Entender a vida do meu pai foi algo importante na construção de meu protagonismo. Isso se fortaleceu com nossas primeiras idas ao Peru, quando eu e meu irmão estávamos entrando na adolescência. Eu e meu irmão somos muito parecidos fisicamente com ele, temos os traços peruanos muito fortes, assim como nossos filhos: morenos, olhos amendoados e, diríamos, belas orelhas. Muitas de suas histórias, como as bebedeiras e confusões entre os estrangeiros na Casa do Estudante, estão em cartas que ele trocou com meu tio Ricardo quando estava no Brasil, e com minha mãe quando retornava ao Peru. Tivemos acesso a estas correspondências quando, por ironia do destino, tanto o pai de minha irmã quanto ele morreram em períodos próximos, deixando minha mãe com seus três filhos sem pai. Dele herdamos tantas coisas boas, um sobrenome diferente e uma família cheia de amor. Logo após sua morte, seus amigos plantaram uma árvore na Rua *Hermilio Valdizán*, no bairro de *Jesus Maria*, em Lima. Hoje um *ficus* gigante, igual o amor e a vontade de crescer que está em nosso DNA. Como uma espécie de elo mantido neste clã, tivemos a contínua comunicação com nosso tio Ricardo, que além de seus três filhos e meus outros primos, nos tem como seus “*sobrijos*” (um neologismo com as palavras *sobrinos* e *hijos*). Com ele ganhamos também nossa tia Mary, que coincidentemente tem sete irmãos como minha mãe, e todos eles sempre foram muito amorosos conosco. Além disso, os irmãos de tia Mary nos ensinaram o que é uma festa de verdade.

São as memórias construídas que mantêm os elos do amor. E são as influências recebidas nos elos vividos e construídos que formam um protagonista desde o ninho.

## **A FORMAÇÃO DE UM PROTAGONISTA**

Há quem diga que um protagonista já nasce com o protagonismo dentro de si, mas também há quem fale que essa característica pode ser desenvolvida ao longo do tempo. E quem está certo nessa história toda? Eu digo: ambos! Eu mesmo sou a prova disso.

Como já contei, tive experiências que desenvolveram esse protagonista em mim. Por outro lado, esse desenvolvimento foi de um perfil pré-existente, talvez, desde o meu nascimento, algo como uma herança que recebi dos meus pais.

Lembro-me que desde os três ou quatro anos de idade, eu gostava de subir ao palco, acenar para a plateia – se estivesse cheia, ótimo, se não, eu inventava que havia gente ali – gostava do holofote, dos concursos de arte da escola, em que podia dançar, cantar, ser premiado, como nos festivais de dança e teatro que participei desde pequeno.

Por isso creio que o protagonismo tem duas vertentes muito importantes. A primeira é nata. Uma personalidade de protagonista, a qual eu acredito que há em mim desde sempre. É um sentimento, como se algo dentro de mim dissesse:

— Não tem ninguém lá em cima daquele palco, alguém tem que subir primeiro e esse alguém é você.

Há protagonistas assim, que já nascem prontos para começar, porque têm uma pré-disposição, mas isso não quer dizer que esse caráter não possa se desenvolver com o passar do tempo, aí reside a outra vertente. A segunda é desenvolvida.

Minha história comprova bem essas duas vertentes que o protagonismo pode seguir. Cabe ao protagonista identificar como suas próprias vivências podem fazê-lo avançar no desenvolvimento desse perfil.

Mas aí você pode me perguntar:

— Ok, Bruno! Mas e no caso de alguém que nasceu com 0% de protagonismo, há alguma chance de desenvolver esse perfil?

Bom, tenho absoluta certeza que sim. A começar pelo fato de que de alguma forma já fomos e podemos decidir todos os dias sermos protagonistas de nossas próprias vidas. Este já é um bom começo.

**Temos que decidir todos os dias sermos verdadeiros protagonistas de nossas vidas.**

Falando de forma mais ampla sobre a questão de desenvolver de fato um protagonismo, aquele que nos faz subir ao palco, lidar com a timidez, tomar à frente das situações, entre outras atitudes, creio que é importante nos atentarmos para alguns fatores principais no desenvolvimento desse perfil.

Para aqueles que não têm um protagonismo nato, mas têm vontade de desenvolvê-lo, inevitavelmente, vale lembrar que existe um processo para construir esse perfil. Muito provavelmente, ele será um pouco mais lento que o avanço daqueles que já nasceram protagonistas, mas não é impossível. O processo de construção de um protagonista envolve quatro elementos muito importantes:

- Disciplina;
- Alegria;
- Gentileza;
- Resiliência.

A *disciplina* é essencial para que o candidato a protagonista se treine efetivamente no ato de se posicionar, inserindo-se de forma a assumir o papel central de sua própria vida em um plano mais geral ou no ambiente de trabalho, que seria um plano mais segmentado ou público. A *alegria* tem nesse processo o papel de ajudar a tocar com leveza – na medida do possível – para que essa sequência de esforços não se torne tão pesada, como pode parecer às vezes com tanta disciplina, e por conseguinte, não pareça mais longa do que ela realmente é. Funciona como um contrapeso da disciplina.

A *gentileza* tem sua importância nesse processo, porque é muito provável que o protagonista não seja sempre tão bem recebido por todos em sua caminhada. Muitas vezes ele vai esbarrar em impedimentos, não só por parte dele mesmo, gerados por suas crenças limitantes, mas também pela falta de aceitação de outras pessoas, que no caso, são o seu “público”. Não é tão fácil subir no palco, não é tão fácil alcançar esse brilho do sucesso que é

algo tão evidente do protagonismo. Por isso, nesse aspecto, a gentileza surge como uma chave capaz de abrir muitas portas, cadeados, desarmar posturas carrancudas, ganhar sorrisos e conquistar parceiros e público.

Por fim, há um fator que eu poderia dizer que é a linha transversal que costura todos esses elementos, deixando-os bem acoplados: a *resiliência*.

A *resiliência* é necessária em todas as etapas do processo porque nos ajuda a cultivar a disciplina; a manter a alegria, mesmo nos momentos mais complicados; e a sermos gentis, mesmo quando achamos que as pessoas não merecem ou quando nos sentimos cansados demais para isso.

**A verdade é que a vontade de ser protagonista vai ser testada, provada, confrontada o tempo todo, e por isso é importante estar preparado.**

## **O PROTAGONISTA LEGITIMADO**

Outro ponto importante da caminhada de um protagonista é que o protagonismo é uma via de mão dupla. Como já contei, sempre gostei de subir ao palco para ser visto e ouvido, falando cada vez mais para um maior número de pessoas, observado pelo público e quando não havia plateia eu a criava. Por quê? Porque o público é uma parte muito importante dessa relação.

**O protagonismo é uma relação entre quem protagoniza e o público.**

Se o protagonista não for aceito, reconhecido como tal, se não tiver a permissão do público, ele não avança na construção de seu perfil.

— Mas e então, Bruno? O que o protagonista deve fazer diante disso? Desistir?

Não! Como falei, esse não reconhecimento do protagonista pelo público é parte das provações que ele terá em sua caminhada, na qual são necessários aqueles quatro pontos: *disciplina, alegria, gentileza e resiliência*.

Cabe ao protagonista estudar o seu próprio perfil e ver o que está faltando ser levado ao palco. Vale lembrar que esse “algo mais” não deve ser fingido, falseado, mas buscado pelo protagonista dentro de si, algo que ele tenha consigo, talvez ainda escondido, um diamante bruto ainda não lapidado que irá encantar o público. E algo muito importante é saber que o palco não estará sempre iluminado com gente na plateia.

Lembro-me bem de quando eu era garoto, que sonhava em ser o representante de classe na escola, mas isso não aconteceu. Entre outros motivos, meus colegas não me reconheciam ainda como um líder naquela função e eu não conseguiria liderar só por querer aquilo, eu precisava conquistar meus liderados. Naquela época, apesar de já ter o protagonismo dentro de mim, não sabia moldá-lo para a liderança.

Por isso, creio que há um contexto social para que haja êxito. Há também uma verdade sobre esse cenário que deve ser dita: nem todos sobem ao palco e nem todos ficam na plateia. No momento em que a plateia se forma, há espaço para que os atores subam ao palco e, dentre eles, o protagonista se revela.

Essa permissão do público é necessária, importante, mas antes mesmo dela acontecer é preciso que o próprio protagonista se enxergue:

— Sou um protagonista e quero assumir esse lugar!

Na plateia existem pessoas que de alguma forma se identificam com você, se enxergam em você, querem o que você está oferecendo. Isso serve também para as empresas que têm seus “públicos-alvo”. Você precisa se perceber e às vezes ser o galo que vai cantar em outra freguesia, com gente que é da sua turma, mudar de público e até se retirar, se for preciso.

Quando assumi meu protagonismo, nem mesmo tinha ideia do que isso significava ou de todos os efeitos que isso iria surtir em minha vida. À medida que esse meu perfil era construído pelo contexto extremamente rico no qual cresci, ouvindo músicas de Gal Costa, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Tim Maia, Roberto Carlos e Zizi Possi como canções de ninar, desenvolvi uma sensibilidade artística mais apurada e um desejo imenso de protagonizar.

Porém, à medida que cresci, passei a entender que o papel do protagonista ultrapassa os palcos, as telas, a televisão, os quadros, as fotos. Ele também implica na construção de valores, de mobilização, antecedência, pioneirismo, liderança e força. E começa em casa.

**O protagonista se acostuma a ser o primeiro, a se arriscar com aquilo que é novo.**

Ao longo dessa trajetória, percebi que o protagonista dentro de mim estava se desenvolvendo e gerando questionamentos: “Quem é e o que deseja ser efetivamente o protagonista?”; “Quem é o que deseja receber essa influência do protagonista?”.

Entendo que estou escrevendo este livro neste momento da minha vida porque só agora, depois de tantas vivências, meu papel de protagonista ficou muito mais claro para mim. Mesmo trabalhando há mais de 20 anos em diversos projetos de estilos diferenciados nos quais sou protagonista, indo desde um espetáculo de Natal, onde sou o Papai Noel Cantor, até trabalhos na minha carreira de publicitário atendendo clientes e também na rádio, em que sempre assumo a dianteira, sinto que precisei de todo esse tempo para compilar minhas experiências e essas histórias, absorvê-las, para então contá-las aqui.

**O protagonista que há em mim nasceu comigo, e se confirmou por meio das atividades que desenvolvi no dia a dia, consolidado na trajetória.**



---

## O SUCESSO NOS RODEIA

Nessa minha caminhada, algumas pessoas ajudaram bastante a construir meu perfil protagonista. Além da minha mãe e dos meus avós, quero citar aqui umas senhorinhas que tiveram grande importância, ainda quando eu era criança.

Minha avó materna tinha dez irmãos. E tinha quatro irmãs solteiras, professoras, que moravam juntas no Paraíso, em São Paulo: tia Valdomira, tia Coraly, tia Lourdes e tia Odila. Elas foram sempre muito legais com a gente, porque conseguiram estimular em seus sobrinhos e sobrinhos-netos a autoestima em diversas áreas da vida, como nos estudos e nos negócios, por exemplo.

Elas eram engraçadas, animadas e faziam comidas gostosas. Todas as vezes que nos recebiam faziam delícias na cozinha e nos faziam sentir muito acolhidos com isso. Tinham senso de humor e eram “pra frente”.

Elas nos davam um envelope com 30 reais e lá dentro tinha um bilhete escrito:

- Para você comprar um pirulito.
- Meu Deus! Dá pra comprar 1000 pirulitos! – pensávamos.

Essas tias nos ajudaram a crescer alegres, comunicativos, cheios de sonhos, com muita imaginação e criatividade. Tudo isso era estimulado por elas.

O sucesso muitas vezes nos rodeia no cotidiano... e não percebemos!

## O PROTAGONISTA VISTO EM SEU PRÓPRIO LAR

Creio que uma das características que nascem com o protagonista e é a mais difícil de se adquirir é o carisma. Desde muito pequeno eu soube que possuía essa virtude, isso era validado pela reação das pessoas diante do que eu falava ou fazia.

Como comecei muito cedo, as pessoas passaram também a me enxergar desde muito garoto, mas muitas delas não perceberam que o tempo passou e acabaram me vendo sempre como aquele “menino empreendedor que começou aos 15 anos”.

As pessoas sempre me enxergaram como se eu fosse um prodígio, por ter feito coisas incomuns para a minha idade, mas a verdade é que isso não foi fruto de uma luz de inspiração que desceu sobre mim e me iluminou da noite para o dia, me levando a fazer tudo. A diferença é que passei por muitas etapas bem mais cedo do que outras pessoas e busquei tirar o aprendizado de todas essas vivências ainda menino.

Hoje reconheço que comecei cedo sim, mas foi porque quis e não porque alguém me forçou. Eu precisei, mas principalmente quis e me esforcei muito. Fui resiliente desde o começo, aprendi cedo a trabalhar aqueles quatro pontos principais do protagonismo: *disciplina; alegria; gentileza e resiliência*, e cuidei de exercitar tudo isso com muita vontade.

Então, ao longo de mais de 20 anos construindo conscientemente seu protagonismo, aquele menino mudou, cresceu. Ainda tenho um vínculo institucional com muitos trabalhos que iniciei, porque muitas das coisas que aquele adolescente começou um tempo atrás continuam acontecendo, mas me transformei totalmente e criei novos caminhos. Muitos dos trabalhos que faço hoje criei do zero.

Hoje o menino é formado, pós-graduado, foi professor de pós-graduação, tem sua família, tem uma empresa. Enfim... Passei por todos os processos necessários para chegar até aqui. Dentre aqueles que me viram começar, há quem compreende e reconhece a minha evolução e há aqueles que continuam me vendo como o “garoto prodígio” – creio que não por maldade, mas por algum tipo de nostalgia, talvez, ou dificuldade em reconhecer o avanço do tempo.

De qualquer forma, seja como um garoto prodígio ou como o homem multimídia no qual me transformei ao final das contas, celebro essas visões sobre mim. Ambas me colocam como protagonista, liderando, sendo agente de

mudanças, iniciando coisas novas e sendo sempre observado sobre um palco iluminado, como uma referência, um marco, um norte para outras pessoas.

Assim, não me importo se me enxergam ainda como um garoto cheio de potencial ou como um profissional bem-sucedido. O importante é que as pessoas observam em mim um trabalho resiliente, uma vontade infinita de não abandonar meus barcos criativos e eu coleciono isso dentro da minha história profissional, por isso navego por meio de voos. O desafio é reconhecer que os palcos nem sempre estão iluminados.

## **A ORIGEM DO NOME CHAMOCHUMBI**

Costumo brincar que, como publicitário e artista, ganhei um nome artístico de forma natural. O sobrenome Chamochochumbi sempre foi motivo de muitas, mas muitas brincadeiras desde criança. Para nós, eram recorrentes as reações das pessoas quando informávamos nosso nome no primeiro dia de aula, para preencher algum documento ou em uma fila. A resposta era quase sempre a mesma, antes de escrever de todas as formas menos a correta, sempre acompanhada de risadas.

— Como se escreve isso? Não sei escrever!

— Nossa, menino! Não entendi não! Que nome engraçado!

Os apelidos eram inevitáveis: Chamburci, Comechumbo, Chumbinho, ChamaChuva, ChamaKombi, Catchup, Chapolin...

A origem do nome vem do norte peruano, e significa Homem de Ouro. A presença do CH no vocabulário hispânico e até em outros idiomas nativos peruanos, como o quechua, é muito forte. No Brasil somos no máximo oito pessoas com esse nome. Se aparecer mais algum, será provavelmente nosso parente. No Peru teve até uma novela chamada “*Los de arriba e los de abajo*” com um personagem de nome Chamochochumbi.

Para se ter uma ideia, de acordo com o site Forebears, que pesquisa sobrenomes no mundo todo, há menos de 900 pessoas com esse nome em todo o planeta. Temos muitos familiares no Peru com este sobrenome, outros que não são familiares diretos. Temos familiares nos Estados Unidos, e muitos outros que não são.

Como na maioria das vezes eu tenho que escrever meu nome para a pessoa acertar, não é incomum informar o seguinte: escreva do jeito que estou falando, tudo com CH. Se você escrever uma vez não esquece mais.

Por ser tão diferente e sonoro, brinco que nos trouxe muita sorte. Meu pai se foi, mas deixou um nome especial para nós.

Depois de 10 anos no ar com um programa regional na rádio Jovem Pan Piracicaba, acabei criando um bordão: “Aqui é Bruno Chamocho, do MBM Escritório de Ideias. E não se esqueça, meu nome é fácil: tem CH no Cha e CH no Chu. É tudo com CH!”. Se tornou uma brincadeira curiosa, um assunto engraçado, uma marca, um nome artístico de verdade e não criado.

Durante a pandemia acabou se fortalecendo muito minha atuação enquanto comunicador, com lives, apresentações e conteúdos nas redes sociais. Nesta época pedi para meu amigo, o designer Guilherme Victoria (o mesmo desse livro), para fazer a identidade visual e depois encomendei um *jingle* para minha amiga Julia Simões, uma trilha sonora para o #TudoComCH.



---

## #TudoComCH

### *Alçando voos*

Apesar de não me importar com o fato de ainda ser visto como um “garoto prodígio” em meu próprio ninho, meu lar, minha cidade natal, percebi que à medida que ia crescendo, se evidenciava cada vez mais a vontade – chegando a ser um anseio – de alçar novos voos, para mais longe, buscando olhar para novos horizontes.

Meu avô materno Eduardo é alguém que me inspirou também a alçar novos voos. Ainda tenho viva na memória a lembrança dele me contando uma história muito forte. Com apenas seis anos de idade, ele já ajudava a carregar caixas no Mercado Municipal de Piracicaba. Isso me marcou muito e gerou em mim uma visão muito positiva e apaixonada pelo trabalho. Quanto mais eu ouvia aquela história, mais se fortalecia em mim o conceito de que trabalhar é libertador.

Assim, já aos 14 anos, quando comecei a tomar conhecimento do mundo do trabalho, fui aprender a me virar. Quando quis uma bicicleta e não tinha dinheiro para comprar, fui animar festa infantil, me vestir de palhaço, ser monitor de recreação infantil, animar plateia de programa de televisão. Dos 15 aos 18 anos vivi muitas experiências interessantes para ingressar no mundo do trabalho, que ainda hoje levo com muito carinho. Considero como bases para o estabelecimento de conexões saudáveis com as pessoas, entendendo suas diferenças e potencialidades.

Uma dessas experiências foi me tornar animador de plateia, uma espécie de agitador de público. Chamava as pessoas no palco para dançarem e contarem histórias e deixava a plateia agitada e animada para a hora da gravação do programa. Assim, começando o trabalho de animação com antecedência no palco, todos já estariam conectados e aceitariam meus comandos na hora da gravação (aplausos, silêncio, gritos e outros). Essa também era mais ou menos a dinâmica do “Lhaço”, o Palhaço, quando eu animava as festinhas infantis: gerar identificação com as famílias e crianças. Fico pensando que nesta época meus sonhos de criança se misturavam com as responsabilidades do futuro. Eu conseguia exercer de forma encantadora o lado humano, envolvendo pessoas e oferecendo arte com graça em cores e palavras. Ainda faço isso de formas diferentes, mas com a essência do menino que se entregava sem pudor. Acho que todo mundo deveria experimentar



pelo menos uma vez na vida essa sensação de arrancar um sorriso das pessoas, como quando eu me vestia de Maritaka. Era uma roupa quente, de pelúcia, com uma cabeça gigante me deixando quase sem visão. Mas era muito divertido fazer todo mundo chorar de rir. Depois que comecei a ganhar meu dinheiro, entrei no ciclo trabalha, recebe e consome, sentindo um gostinho do que todo adolescente/jovem gosta de sentir: a independência.

Por isso já tinha um conceito muito forte que me levava a associar o trabalho à liberdade. Antes eu não tinha liberdade nenhuma, nem mesmo de sentimentos. Mas a partir do momento que comecei a trabalhar, que consegui minha própria remuneração, aquilo foi muito mágico. E com apenas 15 anos comecei o embrião do projeto que até hoje é minha grande escola: a Casa de Noel.

---

## FALANDO COM A MASSA

### *Carta à mãe!*

Já faz tempo que ela partiu. E o vazio que ficou foi porque ela era uma mãe tão diferente, tão imperfeita, tão real. Que acordava a gente de madrugada para tirar fotos e dizer que amava, e beijar, abraçar. Não bastava fazer isso conosco acordados?

Ela deixava infinitos bilhetes escritos nos cadernos da escola, junto com o dinheiro do lanche ou dentro de livros. Eu hoje torço muito para encontrar pelo menos um bilhete inédito.

Ela tinha um humor variável. Uma gentileza surpreendente. Tinha uma ironia difícil de imitar. Pintava, tocava piano, cantava, escrevia. Não tinha vergonha de chorar.

Gostava de cozinhar o mais trivial. Sabia juntar o cheiro do café com o gosto do ovo mole e a música do “Bom Dia Brasil”. Ou só acordava ao meio-dia. Sem meios termos.

Sincera e aguda. Sabia sorrir e abraçar. Sabia fechar a cara e bater o pé.

Não fazia diferença entre lixeiro e banqueiro, entre Fusca e Ferrari.

Falava de feijão, sexo e fé com a mesma naturalidade. Sabia que teria muitos netos. Sentia orgulho leonino de seus filhos. A ponto de mostrar os dentes e garras para defendê-los. Às vezes recomendava que dormíssemos de uniforme para facilitar o acordar no dia seguinte.

Viveu e sobreviveu aos anos 70 e 80. Quem a conhecia sabia que eles não iriam passar. Assistia as barbaridades da humanidade com a certeza que ainda viria o pior e que “afortunadamente” não estaria mais aqui para ver.

Dançando com Cazuzu, fugindo para ser backing vocal de um show do Tom Jobim ou cantar no Raul Gil, ela viveu cada dia como se fosse único. Como se ela tivesse tudo para aprender. Como uma menina. Pegou seus meninos pequenos e foi morar em Ilhabela, onde só tínhamos um bugue amarelo e uma natureza incrível. Comíamos peixe e frutos do mar todo dia e tomávamos sorvete Rochinha ao som de A-HA e muita MPB. Que mais eu poderia querer hoje?

Entre perdas e limitações, Maria Isabel Silveira Fernandes Chamochumbi nos deixou um nome grande, um apelido pequeno (Bell) e uma herança rara: nada de dinheiro e um amor infinito.

Nos ensinou o Amor ao próximo.

Arte na veia. Não beba a ponto de cair e não perceber o cachorro lamber sua boca. Telefone para quem ama de vez em quando. Acalente um coração que sofre com olhar, palavras ou presença. Não seja tão rígido. Acredite nos detalhes. Dinheiro acaba. A beleza nunca acaba, só se transforma. Conheça o maior número de músicas, bandas e artistas, pois eles podem salvar você. Os animais são adoráveis e merecem nomes lindos.

Tenha sempre uma criança na família. Reze alto para Deus ouvir. Sinta-se bonito quando sair. Elogie somente quando vier do coração. Tome sol. Leia muito. Ofereça amizade, converse muito, conte suas histórias. Ouça o que as pessoas têm a dizer. Agradeça! E mesmo se estiver doendo muito, mas depois de tentar muito, tenha a consciência da hora de se retirar para sempre de um lugar, da vida de alguém ou de uma ideia.

Estes e tantos outros ensinamentos não foram formais, mas vieram de uma vida cheia de desafios e nós assimilamos pela convivência. Muitos inclusive só nos ficaram claros depois de sua morte. Morte cheia de poesia e gratidão. Sem dor. E diante de um câncer fulminante, o cumprimento de uma missão na qual como filhos tivemos a oportunidade de estar presentes no fim. Fim que se concretiza exatamente no momento em que dissemos amém. A despedida foi numa oração. E a vida continua.

Tudo fica bem depois do amém, pra quem fica e pra quem vai. Eu sei.

Valeu, mãe! Seu amor pela arte e entrega estão em meu DNA, na memória e no coração. Você conseguiu!





*"Os elementos mais dotados da espécie humana encontram-se no auge da sua criatividade quando as suas vontades não são satisfeitas"*

**ERIC HOFFER**  
**FILÓSOFO AMERICANO**

# Criar e inovar rimam com responsabilidade?

Antes de ingressar com tanta energia e prazer no mundo do trabalho, tive a chance de marcar essa transição na minha adolescência com uma bela viagem onde conheci melhor as origens da minha família paterna, nossas raízes em outro país: o Peru. Foi essa experiência um marco, que saí de simplesmente curtir a vida para começar a ganhar meu próprio dinheiro.

O ano era 1994. Entre o primeiro e o segundo semestre, eu aos 12 anos e meu irmão aos 10, começamos a ter contato com algumas fotos antigas e documentos dos nossos avós paternos. Sempre tive essa alma investigativa, era a criança que ia na casa das tias e elas tinham que ficar de olho, porque senão abria todas as gavetas para saber o que tinha dentro.

Queria entender o mundo e para mim o mundo mais legal era o das gavetas, dos papéis de carta e adesivos da minha prima Renata, dos lápis de cor da tia Rê no Rio de Janeiro, e dos livros e brinquedos da tia Cida em Piracicaba. Comecei a ter contato com as cartas de amor que meu pai trocava com minha mãe, quando ele ia para o Peru passar um tempo. Encontrei algumas cartas e fotografias antigas e essa referência do meu pai começou a ser cada vez mais intensa. Como cresci sem ter o pai ao lado, passei a sentir falta da figura paterna.

Eu, meus irmãos e primos tivemos um avô materno muito presente, mas ele estava começando a sentir o avanço da idade de forma ainda mais veloz, porque sofria com o Parkinson. Nós ajudávamos a cuidar dele, a dar banho, levar para tomar sol, dar café na boca. Tudo isso eu tinha como responsabilidade quando estava com cerca de 12 anos. O Parkinson o puxou ladeira

abaixo, fisicamente falando. Hoje, os recursos, medicamentos e tratamentos são mais amplos.

Em apenas dois anos, vimos o Parkinson levar meu avô. Eu e meus irmãos nos assustamos com o rápido avanço da doença, muito evidente de 1993 para 1994, quando nos mudamos para a casa dele depois de uma temporada com nossa mãe em Santos.

Com sua doença, tivemos o sentimento de que estávamos realmente perdendo aquele que havia se tornado nossa referência de pai. Enquanto isso, eu buscava e encontrava cada vez mais cartas e fotos antigas. No meio de todo esse material, o artesanato peruano e os objetos da família paterna davam uma tônica muito peculiar àqueles arquivos. Meu avô materno morreu em 1996, quando eu tinha acabado de completar 14 anos e visitado o Peru duas vezes.

Nós tínhamos, por exemplo, uma blusa de frio de alpaca e todas essas coisas familiares a esse tipo de artesanato, porque recebíamos muita coisa que nossa avó paterna enviava do Peru e também havia trazido nas poucas vezes que pôde nos visitar no Brasil. Por isso também comecei a ficar ansioso para visitar a terra do meu pai, fiquei obstinado, tinha muita curiosidade.

O que eu fiz? No meio do ano de 1994, mandei uma carta para meu tio Ricardo – sim, ainda não era e-mail – e comecei a me comunicar com ele.

— Tio Richard, queremos visitar você aí – a gente dizia nas primeiras cartas.

— Para vocês virem temos que fazer algumas coisas, como tirar passaporte e tomar vacinas – ele respondia.

Comecei a me entusiasmar e contagiar meu irmão, e depois inspirei também minha avó, que liberou parte do dinheiro de uma poupança que havia feito para nós e nos deu condições de comprar as passagens.

Desde as datas de ida e volta, até nosso roteiro no Peru, eu e meu irmão organizamos tudo por cartas com meu tio, que nos orientava e nós seguíamos suas recomendações. Depois, começamos a ir até uma agência de turismo com nossa avó, que supervisionava e pagava tudo.

Acabamos perdendo três dias de viagem por causa de uma falta de informação: eu e meu irmão precisávamos ter a certidão de óbito do meu pai para comprovar que minha mãe – que havia ido conosco ao aeroporto – não estava nos sequestrando ou nos levando para o Peru contra a vontade dele.

Quando tentamos fazer o embarque, ninguém – eu, meu irmão, minha mãe, nem mesmo nosso tio Ricardo – sabia sobre a necessidade do atestado

de óbito nesse caso. E quem disse que meu tio tinha um atestado de óbito atualizado? Acabamos embarcando somente três dias depois, porque nosso tio teve que ir ao cartório, tirar o atestado de óbito atualizado e passar para a companhia aérea por fax.

Passamos quase um mês em Lima, matriculados em cursos de verão do *Markam College*, um colégio britânico bilíngue. Também fomos à praia, fizemos amigos, estivemos muito tempo com nossa avó Emma, conhecemos todo mundo, e no outro ano, o que aconteceu? Quisemos ir de novo...

Meu tio Ricardo e minha tia Mary passavam as férias numa casa na praia e nos divertíamos muito por lá. O mais legal foi que conseguimos construir esse senso familiar do outro lado.

**Marcamos o fim da nossa infância com uma conquista nossa. Um gosto de completude e o pertencimento a uma cultura milenar, um país e uma família cheios de riquezas humanas.**

## **SAINDO DO “BÁSICO”**

A adolescência foi um período de muitas descobertas, principalmente no mundo do empreendedorismo. Parte da minha adolescência foi feita de brincar bastante no clube, ir ao centro da cidade tomar sorvete, ao shopping, sair para andar de patins, ouvir música, dançar, jogar bola. Mas enquanto muitos garotos e garotas da minha idade estavam somente pensando na programação com os amigos ou se teriam uma roupa nova descolada para essas ocasiões, eu já estava disposto a dividir a minha agenda entre lazer, estudos e trabalho.

Eu já queria ir além da convencional “mesada” comum aos meus colegas da escola.

**Entusiasmado por buscar minha própria fonte de renda, fui aprendendo que o dinheiro tem uma dinâmica própria.**

Eu observava o que ele poderia comprar e percebi que comprar as coisas que queria dependia muito mais de mim do que de outras pessoas da minha família.

Como adolescentes, eu e meu irmão éramos muito amparados pelos nossos avós maternos, que nos davam a educação formal e também o suporte

financeiro. Mas a dinâmica própria do dinheiro se revelou quando descobri que poderia ir além do “básico” e comprar algo mais do que aquilo que a mesada nos possibilitava.

Eu e meus irmãos morávamos muito bem com nossos avós, em um apartamento grande, localizado na região central de Piracicaba, muito bem cuidados, com empregada doméstica, roupa lavada, televisão a cabo. Mas todo adolescente quer algo a mais que ninguém pode dar. E o protagonismo da minha história profissional se desenvolve quando decido que quero algumas coisas “para já”, como uma bicicleta da moda, um dinheiro para uma viagem com meus primos, ir ao shopping para comprar uma roupa ou ao cinema, entre outros desejos comuns à adolescência.

Não fui um garoto que passou dificuldades como muitos outros, mas sim que era incansável no querer. Eu queria muita coisa.

O adolescente, em geral, deseja coisas diferentes, de acordo com as escalas proporcionais das realidades financeiras de cada família. Se em uma família bem abastada quer uma moto, em outras desprovidas do básico ele quer comida e roupa; já em outra com renda mediana, como a nossa, ele não pode sonhar além do básico a não ser tendo no trabalho a realização de suas vontades.

Sendo assim, aos 15 anos, em 1997, comecei a desenvolver em mim uma área mais empreendedora e desde então percebi que realmente sou um cara ousado, que se joga, destemido, comunicativo, capaz de fazer o que for preciso – dentro da ética e da legalidade – para conseguir o que quero.

Comecei a trabalhar como animador de festas infantis, me vestindo como palhaço ou atuando como monitor das brincadeiras. Acredito que o empreendedorismo começou a se revelar mais forte quando eu, aluno de escola pública, entendi que precisava estudar em um colégio particular para melhorar minha formação. Ainda na oitava série, passei a estudar muito para fazer exames para ganhar alguma bolsa de estudos para o colegial.

Certo dia, aconteceu algo que marcou esse início da minha jornada profissional: meu empreendedorismo se aliou ao espírito artístico e acabei descobrindo que algo extremamente divertido e prazeroso para mim poderia se tornar um dos meus maiores projetos.



 EDU BUSIN

---

## #TudoComCH

### *Nasceu Papai Noel*

Ainda no ano de 1997, eu estudava em uma escola de inglês e informática, então chamada DataBrasil, hoje PoliBrasil. Todos os professores e alunos já me conheciam pela “hiperatividade”, meu jeito intenso de me comunicar e não deixar que nenhuma aula fosse monótona, até porque era bem comum eu ser chamado pelos professores à frente da sala para entreter um pouco a classe nos intervalos. Perto do Natal, um dia o dono da escola, Luiz Andreelo Filho, me deu uma roupa de Papai Noel e falou:

– Pelo amor de Deus, Bruno! Você é muito elétrico! Vai pra rua gastar essa energia toda! Toma aqui essa roupa e veste, que vou te pagar para entregar folhetos da nossa escola no centro da cidade.

Eu adorei aquilo! Fiquei fascinado logo no primeiro dia. Mesmo cozinhando dentro daquela roupa, no calor do verão seco e sem vento de Piracicaba, nem me importava com isso, porque meu foco estava na oportunidade que aquilo estava gerando: nascia ali meu primeiro personagem, um protagonista que eu poderia criar e moldar completamente. Tinha acabado de cursar teatro, onde havia criado muitos personagens como um padre, um bêbado, um menino, um mudo, um grilo falante e feito amigos.

No segundo dia daquele trabalho já queria arrumar uma barba branca que parecesse de verdade e um enchimento para a barriga. Tínhamos em casa a Teresa, cuidadora do meu avô, que depois de sua morte continuou em casa cuidando da gente. Ela me ajudava a arrumar a roupa, me vestir com a fantasia e ainda a maquiagem.

O personagem do Papai Noel que desenvolvi saía do convencional, porque eu mesmo sempre fui assim: não aceito o básico. Minha vontade de encontrar uma barba branca “de verdade” e conseguir um enchimento para a barriga que fosse o mais real possível, sem me importar com o calor que o verão de Piracicaba fazia dentro daquela roupa era, sem dúvida, aquele protagonista falando dentro de mim que algo tão prazeroso merecia também dedicação, me fazendo acreditar que poderia fazer da minha nova paixão um grande e divertido trabalho. Eu e todos os professores e alunos ríamos muito. Decidi dar ouvidos ao dono da escola e sempre serei grato por isso. Entendi que na comunicação não basta só a gente falar, ouvir também é muito importante. Pessoas de todas as idades vinham conversar com o Papai Noel, contar suas histórias

de vida, seus sonhos, seus desejos de Natal. Me enxerguei como um meio de escuta, como ponto de esperança naquela roupa.

Hoje posso dizer que aquele adolescente continua vivo em mim com toda sua vitalidade, entendendo seu papel de líder e protagonista, justamente por ter compreendido sua necessidade naquela época: eu sabia que, embora fosse um estudante, não queria ficar parado, queria me movimentar e trabalhar.

Acabei me tornando uma junção daqueles perfis: o adolescente que curte bem seus momentos de lazer, o estudante dedicado e carismático e o empreendedor que vê até mesmo em uma panfletagem numa roupa quente de Papai Noel uma grande oportunidade.



## **O ENCONTRO**

O ano de 1997 foi intenso em relação às minhas descobertas e o surgimento de grandes oportunidades. Mas o modo como uma delas se apresentou considero que foi particularmente fascinante.

Estava estudando na Escola Estadual Prudente de Moraes, que eu amava e, à medida que se aproximava o final do ano letivo, vários colégios particulares vinham oferecer oportunidades de avaliação para bolsas de estudos aos alunos. Veio um homem representando o então Alphaville COC (hoje COC Piracicaba) e fez toda sua apresentação, explicou o funcionamento e falou muito bem do centro de ensino, e fiquei encantado com a imagem daquele colégio cheio de tecnologia. Então pensei:

— Quero estudar nesse colégio, mas minha família não vai ter dinheiro para pagar a mensalidade.

Depois de apresentar o colégio em outras salas, esse homem saiu no corredor e fui atrás dele. Desinibido como sempre, deixei meu protagonismo tomar a frente e não tive qualquer dificuldade em fazer contato.

— Oi, tudo bem? Com é seu nome mesmo? – perguntei.

— Meu nome é Edvaldo, mas pode me chamar de Zago – ele respondeu, parecendo também uma pessoa de fácil comunicação.

— Eu me chamo Bruno e quero falar uma coisa muito séria para você: vou estudar no seu colégio, quero muito isso! Ainda não sei como, mas sei que de algum jeito vou estudar lá.

Quando falei isso, ele ficou totalmente impressionado com minha atitude, com a ênfase.

— Puxa! Que bom que você gostou da nossa escola! Espero que você consiga mesmo! Fique atento ao exame de bolsas que logo será divulgado.

## **MEU PALCO NA RUA**

Eu tenho desde sempre o senso de que tenho um palco, o meu palco, e por buscar ocupar esse espaço, ocupei também o papel de protagonista da minha própria vida.

Enquanto o Natal de 1997 se aproximava mais ainda, eu estava na rua, vestido de Papai Noel, fazendo aquela panfletagem da escola de informática e inglês, quando um homem veio falar comigo.

— Oi, tudo bem? Nós temos uma casa de bingo e vamos fazer um evento no estádio de futebol aqui da cidade. Como está próximo do Natal, queremos que o Papai Noel chegue de helicóptero no meio do estádio, você quer ir? A gente te paga!

Como recusar? O trabalho era legal, o dinheiro era uma ótima quantia. E o adolescente – que não tem nada a perder – pirou quando se deu conta do que estava acontecendo.

— Meu Deus! Que legal! Eu vou descer de helicóptero!

Sempre tive muita liberdade dentro de casa para aceitar ou recusar propostas de trabalho, e se sentisse que havia qualquer barreira me impedindo de conseguir o que queria, corria atrás e conquistava.

Aceitei a proposta, me preparei, e no dia do evento desci de helicóptero no Estádio do XV de Piracicaba. Naquele momento, meu palco ganhou uma expansão inimaginável. Afinal, participar de uma ação como aquela significaria momentos de glória para qualquer artista de rua, como eu era na época, um jovem de 15 anos tirando onda, ainda aprendendo tudo.

No outro dia eu já estava na rua de novo vestido de Papai Noel, entregando panfletos, quando uma amiga da minha avó, dona Cleusa, que havia sido síndica do nosso prédio, se aproximou.

— Oi Bruno, tudo bem? Moro no Edifício Canadá e vamos fazer uma decoração natalina bem bonita. Gostaríamos de ter um Papai Noel na portaria para interagir um pouco com os moradores – propôs.

Ela estava me convidando para ser o Papai Noel de um dos prédios elegantes daquela época, onde moravam famílias de sobrenomes tradicionais de Piracicaba, com elevador panorâmico, localizado de frente para a praça José Bonifácio, a principal da cidade. Eu morava três quadras dali.

A administração do prédio havia contratado uma decoração realmente bem elaborada, com sistema elétrico para iluminar toda a fachada e o local acabou se tornando uma atração turística, de tão bonito que ficou. A proposta era que eu ficasse das 19h às 22h interagindo com os moradores. Fiquei feliz e negocieei com eles o valor – que era sensacional – e fui para a recepção do edifício, todos os dias, vestido de Papai Noel. Uma grande fila acabou se formando em volta daquele (meu) “palco” que nascia ali.

As pessoas também queriam passar em frente ao prédio para tirar fotos e falar com o Papai Noel que estava esbanjando simpatia pela cidade. Até mesmo a EPTV Campinas, afiliada da Rede Globo, noticiou sobre essa decoração do Edifício Canadá.

Eu inventava música, cantava, brincava, tirava fotos com as pessoas, contava piadas e os moradores do prédio – que naturalmente subiam e desciam todos os dias – começaram a se afeiçoar a mim de tal forma que dessa circunstância surgiram boas amizades.

Me lembro, por exemplo, do relato de uma grande amiga minha que conheci durante esses dias de trabalho no Edifício Canadá. Anos depois, Priscila Corrente contou que às vezes estava triste em seu apartamento e ficava melhor depois de rir muito sozinha, ouvindo as músicas que eu cantava. Então, ela e a mãe Eliana desciam e me mandavam lanches, conversavam comigo... Isso me possibilitou conhecer melhor alguns dos moradores do prédio.

Passei a entender que meu palco também era dinâmico, que podia ser onde eu enxergasse oportunidade de armá-lo: em casa, na escola, na rua, no estádio, na portaria de um prédio... não importava.

**Protagonista é sempre protagonista, não importa se em um palco gigante ou em um pequeno tablado, se descendo do céu em um helicóptero ou panfletando folders debaixo de um sol escaldante, um protagonista encara tudo como boas experiências.**

## **PORTAS SE ABRINDO**

Entre os moradores do Edifício Canadá estavam algumas famílias tradicionais e que muito contribuía para a cidade, e um desses encontros marcou minha adolescência. Acabei descobrindo que o professor Edvaldo Zago, que havia feito a apresentação do Alphaville COC em minha sala de aula na escola pública, na verdade, era o dono do colégio e morava lá. Conheci então sua esposa e grande professora Marta, e também suas filhas. Quando me dei conta de quem eles eram, mais uma vez coloquei meu protagonismo para guiar minhas atitudes – o que foi uma ótima decisão.

— Professor Zago, você sabe quem sou eu? Sou o Bruno, aquele menino que veio falar alguns meses atrás que um dia ainda iria estudar na sua escola.

— Oh, Bruno! Que legal te reencontrar. Como assim? Então o Papai Noel do nosso prédio tem 15 anos? Vamos ter um exame de bolsas de estudos em nossa escola. Você não pode faltar!

Estudei, fui muito bem na prova, consegui um super desconto e em 1998, aos 16 anos, me tornei bolsista do colégio COC, onde fiquei três anos. Além

de bolsista, também me tornei protagonista na escola, chegando inclusive a dar aulas de reforço de algumas matérias, sendo monitor de provas e professor de teatro. Inventei até uma rádio interna que eu apresentava nos intervalos. Eu criava cursos, festas e outras atividades culturais. Participei também de festivais de teatro e literatura.

Dentro dessa escola eu pude vivenciar os dois lados da moeda, do adolescente que estudava e trabalhava, mas que também se divertia muito. Fiz amigos e amava o ambiente, levei muito puxão de orelha da Marta Zago, e ao mesmo tempo entrei de cabeça no mundo do trabalho. Tive a oportunidade de ser monitor de prova de vestibular e de trabalhar como animador de alguns dos eventos que eles realizaram e ainda gravar matérias de TV com Kal Mattus e outros apresentadores locais. Aprendi muitas coisas com a Marta, com o Zago, suas filhas, os professores e funcionários da escola. Lá, mais uma vez, experimentei a educação com amor.

Na época da minha entrada na escola já era o segundo ano que trabalhava como Papai Noel e queria inovar esse projeto de Natal. Não queria mais ir para a rua, me sentindo um animador comercial. Queria algo artístico e teatral e na escola havia um produtor de vídeos que hoje é diretor da Rede Brasil de TV. João Luiz Borges viu em mim carisma e comecei a fazer vídeos para a escola de divulgação, comercial etc. Então ele disse:

— Vou ser diretor de um programa de TV na Band e preciso de um animador de plateia, você quer fazer?

Eu disse sim. Esse programa era gravado no Thermas Water Park, que tem toboáguas, várias piscinas e fica em São Pedro, uma das cidades de águas termais do Brasil. Assim, minha experiência profissional ia se tornando cada vez mais ampla, mais rica e mais variada. Fiz curso de Teatro com o apresentador do programa, João Vitor, filho do João Andrade e da Sílvia, diretores do Thermas, e ia sempre com amigos em comum curtir o Carnaval no parque, apresentar eventos e animar festas. Foi nesta época também que nasceu no Thermas um dos grupos de animação musical mais bem-sucedidos do interior de São Paulo, o Axé 40 Graus, do meu amigo Mateus Sabatim, que também conheci no curso de teatro.

Como minha adolescência foi marcada pela transição de deixar de brincar para trabalhar, percebi uma fase capaz de canalizar a minha curiosidade de experimentação para atividades positivas e criativas. Brinco que não tive tempo de saber como era usar drogas, por exemplo, ou tomar grandes porres – porque canalizei toda essa energia para o mundo do trabalho, tanto que

isso gera um impacto positivo sobre mim ainda hoje. Para mim não tinha tempo ruim, me lembro que desde os 15 anos eu pegava ônibus, taxi, carona, tudo que fosse necessário para chegar aos compromissos.

**Gosto de sair, dançar e fazer algumas coisas porque já trabalhei mais de 20 anos de forma muito intensa, não raro desistindo de curtir eventos e festas. Mas não vejo esses momentos como um “alívio” do trabalho, porque não vejo o trabalhar como um peso, e sim como algo prazeroso.**

Considero que esse período, dos 15 aos 18 anos, corresponde aos embriões dos grandes projetos que eu, como líder e protagonista, vivencio hoje, a gênese de todo meu sucesso. Nesse período inicial pude exercitar variadas ações sem uma necessidade muito intensa do dinheiro, porque eu tinha o básico em casa: o “arroz com feijão”, o sustento diário. Não comecei a trabalhar por necessidade, mas sim por vontade própria, para sentir a independência que fortalece a autoestima. Pude escolher, exercitar o meu prazer de fazer coisas agradáveis e descobrir o que no trabalho me agradava mais. Por isso acredito que prazer e alegria no trabalho devem andar unidos, sempre que isso for possível.

## **CRIATIVIDADE OU INOVAÇÃO?**

Olhando para minha história até aqui, muitos podem imaginar: “Puxa! Como o Bruno é criativo” ou “Como o Bruno é inovador”.

Basicamente, conforme falo em minhas palestras, considero que criatividade é o processo resultante de uma série de etapas que precisam de condições básicas para acontecerem ou é resultante da pressão, de um momento de necessidade. A pessoa que não tem dinheiro para se alimentar à noite vai ter que ser muito criativa para fazer alguma coisa acontecer durante o dia. E mesmo sendo criativa, às vezes não vai conseguir.

Comigo a criatividade é resultante do processo natural entre a ideia vir à cabeça, eu processá-la e testá-la com outros, até validá-la. Sim, porque às vezes vem uma ideia muito boa, eu consigo processar claramente por um tempo e quando compartilho com as pessoas, nenhuma delas entende, nem valida. Fato é que muitas vezes precisamos buscar a validação verbal de uma ideia criativa e depois validá-la em outras esferas.

**Entendo que criatividade é o processo que vem para transformar situações e para atender alguma questão ou situação, demanda ou necessidade. Já a inovação é a forma de colocar a ideia em prática, a forma de executar aquilo que até então tem se considerado criativo.**

A criatividade na minha vida emerge ao desenvolver projetos que vêm como resultado dos meus pensamentos, o DNA do meu coração e da minha mente, e é validada por referências externas. Já a inovação acontece quando associo minha criatividade a um método meu, associo a minha vontade de vê-la acontecendo ao meu diferencial e a desenvolvo do começo ao fim, do pensamento à prática. Considero que esta seja a forma como a criatividade e a inovação trabalham juntas.

Vejo muita gente falando “ah, fulano tem a mente criativa!”. Sim, ele pode pensar qualquer coisa, mas para mim a criatividade não sai do campo das ideias sem a inovação, por isso considero que as duas andam de mãos dadas.

**A criatividade é quem inventa, a inovação é quem executa de forma diferenciada. A inovação é o que faz a coisa acontecer com identidade própria.**

Eu vivo de forma criativa, porque consigo achar vários caminhos para um problema, como uma conta de matemática, que você pode dizer que 10 pode ser o resultado de  $2 \times 5$  ou  $5 + 5$ , ou até mesmo de  $5 + 2 + 3$ . E a inovação é como eu faço. Por exemplo, a criatividade iniciou no momento em que utilizei a fantasia de Papai Noel; quando desenvolvi o personagem, fiz ele acontecer; e a inovação foi como eu poderia fazer ele acontecer a partir do segundo ano, para não ter meu projeto tratado simplesmente como a ideia de um animador de rua entregando balinha. Eu queria mais do que isso e essa inquietação, quando bem trabalhada, gera inovação.

Tenho clientes que são super criativos, que entendem muito de comunicação e marketing, mas não sabem executar. Assim como tenho clientes que são muito bons de execução e não conseguem conceber uma ideia, um objetivo final. Isso é muito comum.

Penso que o que me salvou muitas vezes profissionalmente e me trouxe um olhar resiliente para o futuro foi o fato de eu ter conseguido perceber em mim esses dois fatores, formando um processo criativo que se executa com um traço próprio e não fica somente no campo das ideias. Gosto disso,

sou criativo e inovador e, para mim, isso serviu de protagonismo no exercício da liderança.

## **CRIATIVIDADE, INOVAÇÃO E RESPONSABILIDADE**

Quando se fala em criatividade e inovação, é interessante também quebrar o paradigma de que esses fatores estão sempre ligados à desorganização e irresponsabilidade, com atitudes impulsivas. Na verdade, a criatividade pode até nascer e se desenvolver de alguma forma em um ambiente caótico, mas a inovação não, porque ela consiste no processo de achar uma forma eficiente de realizar aquela ideia criativa. Se isso não estiver bem organizado e programado, por melhor que seja essa ideia, ela pode não ser colocada em prática. Se não houver organização e responsabilidade ela não nasce.

Eu mesmo tive que aprender isso aos 18 anos. No ano de lançamento da Casa de Noel, estava pedindo patrocínio na Florense, uma marca de móveis planejados do Sul do Brasil que havia acabado de instalar sua loja franqueada em Piracicaba. O dono era o Marcos, que depois se tornou nosso amigo e me alertou:

— Bruno, eu patrocinei o evento. Está sendo o maior sucesso, mas antes tive muitas dúvidas! Você pediu uma reforma completa de uma cozinha de um evento, algo enorme, e o fez vestido de chinelo e bermuda? Não pode! Só fiz porque acreditei muito em você e paguei para ver.

Cristiane Colpas, uma das pessoas que organizou a primeira edição do evento comigo naquele ano 2000, ri dessa história até hoje. Isso foi uma grande lição para desenvolvermos um protocolo cada vez mais profissional para abordar empresas em busca de patrocínio. Senão não funciona.

Aprendi com esse baque. Ao longo dos anos, fui entendendo que existem diferentes contextos e em muitos deles, para provar que minha ideia vale a pena, é preciso mostrar que também sou organizado e tenho responsabilidade, que minha imagem está alinhada a determinados padrões. Quando me tornei publicitário, também entendi que o estereótipo do publicitário cabeludo, cheio de roupas malucas e gírias não é sempre verdade.

Olhando para todo este cenário que envolve criatividade, inovação e responsabilidade, você pode me perguntar:

— Bruno, como é possível conciliar o processo de criatividade e inovação à responsabilidade?

Bom, o primeiro aspecto que vivenciei foi: **cerque-se das pessoas em quem você pode confiar**. Crie um time duro de pessoas, eu fiz isso e agradeço muito até hoje. Pessoas que te incentivam, acreditam em você e conseguem compartilhar atividades com você. Pessoas diferentes, complementares, mas com valores parecidos, olhares parecidos sobre os negócios, sobre o próximo, sobre o ser humano.

Segundo aspecto que aprendi: **tenha senso de realidade**. Às vezes você tem um processo criativo, mas ele não é passível de execução. Ele não é possível, você não vai conseguir mesmo, ninguém comprou sua ideia. Por que estou falando isso? Porque em alguns projetos pouca gente comprou minha ideia. Mas não foi zero, foi pouca gente. Aprender a aceitar o zero também é importante. O prazer do sucesso foi bom porque tinha pouca gente, mas se ninguém acreditar (zero pessoas) você não consegue, porque precisa do primeiro aspecto: pessoas em quem possa confiar para validar e tocar suas ideias com você.

Terceiro aspecto que vivenciei: se existem pessoas na sua equipe, faça um teste com elas para ver se conseguiram comprar de verdade sua ideia, não desista porque não vai ser fácil. Mas vai valer a pena ter toda a **equipe engajada**.

Eu menciono esses três aspectos porque os vivi. Escolhi não desistir e viver cada acerto e cada erro, para aprender o que é inegociável para ser protagonista.



---

## O SUCESSO NOS RODEIA

Nem só de inspiração vivem a criatividade e a inovação, mas também de apoio e respaldo nos momentos certos. E foi assim que me senti, por exemplo, com a força que recebi dos educadores Edvaldo e Marta Zago. Eles foram importantíssimos para mim, porque me ouviram e incentivaram na estruturação da Casa de Noel, conseguindo reuniões com profissionais que me orientaram de forma essencial, para conseguir encontrar o melhor caminho para este projeto da forma que eu queria.

Me lembro de uma vez em que eu e o Zago ficamos horas esperando e acabamos não sendo atendidos numa reunião que estava marcada com a coordenadora de marketing do Shopping Piracicaba. E ele, um empresário super ocupado, estava lá comigo, acreditando em meu projeto juvenil. Estávamos alinhados na frequência do acreditar, do realizar, um engenheiro agrônomo, empresário bem-sucedido, dono de escola e um jovem sonhador. Isso não é incrível?

Luiz Andreelo Filho - que me deu aquela despreziosa roupa de Papai Noel - também foi outra pessoa muito importante para mim neste processo criativo, porque deu a ideia de canalizar toda a minha energia, minha criatividade e fazer disso tudo algo realmente produtivo. Depois, ainda aprendi muito sobre marketing trabalhando por alguns anos em sua escola de informática e idiomas, convivendo com sua gerente Magali Aniceto e sua filha Fernanda Andreelo. Não posso me esquecer dos conselhos preciosos que recebi de meus tios Rê, Cida, Fer e Duar. Os quatro foram uma espécie de anjos em muitas ocasiões, afinal, me mostraram que ética e valores não são negociáveis, que sonhos para se realizarem precisam ser colocados no papel e que muitas coisas acontecem no tempo certo.

Entre os tantos amigos que me deram a oportunidade de trabalharmos juntos, o trio Juliano Dorizotto, Cristiane e Maurício Colpas. Realizarmos juntos a primeira Casa de Noel foi um verdadeiro milagre criativo. E para Cristina Anselmo, minha parceira de projetos por tantos anos, me sobram admiração, agradecimento e amizade, pois só nós sabemos as batalhas profissionais que tivemos para consolidar a marca Casa de Noel. Sem contar nos desafios artísticos que sempre tiveram meu amigo e grande professor da vida Hermes Petrini como mentor.

---

## **FALANDO COM A MASSA:** *Nossos olhos brilham!*

Nossos olhos brilham! Tenho uma equipe que acorda todos os dias acreditando em novas ideias, ações diferentes e realizações fantásticas. Criando desde 2005 com o @mbmideias, tenho a certeza de que tantos caminhos nos trouxeram a um amadurecimento, principalmente humano.

Colecionamos projetos especiais, eventos de diversos setores, publicações e livros, consultorias de marketing, modelagens, roteiros. Participamos da transformação de empresas, de vidas.

Para isso, temos uma equipe fixa enxuta, e contamos com muita gente bacana em cada projeto: sócios, parceiros, profissionais terceirizados, fornecedores, patrocinadores e clientes. Acreditamos no trabalho multimídia e além da técnica, estamos prontos para fazer o que gostamos, com responsabilidade, criatividade e sobretudo, amor.

Gostamos de agradecer pelo que temos, somos gentis, damos as mãos ao sucesso. Temos uma identidade pautada por três cores que dizem muito sobre nós: o magenta é amor pelo que fazemos; o azul ciano é responsabilidade e o laranja é comunicação criadora.

Alegria e trabalho, entusiasmo e engajamento... Todo dia o sol se põe, porém, todo dia pode nascer ensolarado.





*"Quem não tem medo da vida também não tem medo da morte"*

ARTHUR SCHOPENHAUER  
FILÓSOFO ALEMÃO

# Nascer e morrer nos ensina a viver.

Me tornei pai ainda cedo. Quando meu primeiro filho nasceu, em 2004, eu tinha 21 anos. Era 12 de junho, Dia dos Namorados, e em setembro iria completar 22 anos. Então, ainda jovem, me vi pai de um menino chamado Antonio, de apelido Nino.

Foi bastante desafiador, hoje ele está na faculdade e consigo enxergar que não só ele, mas todos os meus filhos, quando nasceram me trouxeram desafios muito claros. Mas além dos desafios, não posso deixar de destacar, eles também me trouxeram muita prosperidade. Digo isso porque a chegada de cada um deles provocou uma motivação pessoal e profissional.

Quando meu primeiro filho nasceu eu não tinha nada. Não tinha dinheiro, mobilidade e minha família não podia fazer nada mais do que já fazia. O que eu tinha era o meu trabalho e meus sonhos. Então, apesar de não ter posses e investimentos, nenhuma segurança financeira nem estabilidade, eu já trabalhava e empreendia projetos – que para muitas pessoas, naquele momento, ainda eram só projetos sonhadores ou até mesmo impossíveis.

Se até hoje, muitas vezes, ainda me vejo sendo tratado como sonhador por algumas pessoas, clientes e até membros da família, imagine naquela época, quando eu não tinha histórias de sucesso para mostrar, e além de tudo usava o cabelo comprido e todo bagunçado!

O nascimento do Nino significou um desafio para mim, hoje entendo que eu ainda era realmente imaturo como pessoa – algo natural a qualquer jovem nessa idade. Uma experiência “precoce” em relação a outras áreas da minha vida, como por exemplo desenvolver uma mente empreendedora e começar a trabalhar bem cedo. E foi justamente encarando minha própria

imaturidade que comecei a focar meus pensamentos no que precisaria fazer para me tornar um pai presente, evitando assim que o meu filho crescesse sentindo a falta do pai, como eu senti.

Os desafios para me manter por perto não foram poucos. Eu e a mãe dele passávamos por uma fase já complicada em nosso namoro e o relacionamento estava fragilizado e finalizando. Não é preciso contar muito para que se imagine todo o arranjo logístico que isso exigiu de nós. Mesmo eu não estando com ela, ainda estaria com ele para sempre. Isso era e ainda é um desejo claro. Não me arrependo de nada do que fiz para estar com ele. Pelo contrário, considero que tudo foi de grande aprendizado e que fui muito bem recompensado pela companhia e o relacionamento que desenvolvi com meu primogênito e mantenho até hoje.

Há quem encare a paternidade jovem como uma “pedra no caminho”, uma “interrupção abrupta dos sonhos”, uma “demolição dos planos”, mas não a vi dessa forma. Quando meu filho nasceu, não digo que não senti medo porque isso seria uma mentira, mas fui movido pelo amor que já sentia por ele a vencer os desafios que foram surgindo. Meu primeiro filho me ensinou muitas coisas e me trouxe um processo de amadurecimento que posso considerar um dos pilares do meu protagonismo.

**Mesmo sem saber, ainda bebê, meu primeiro filho me desafiou a assumir um forte papel. Ele se apresentou de maneira muito corajosa, lutando para viver.**

## **PEQUENO GUERREIRO**

Antonio me desafiou a desenvolver o protagonismo, a ser mais resistente, mas isso aconteceu porque ele também se mostrou assim já no ventre da mãe. Em primeiro lugar, quando ela ficou grávida, eu não tinha recurso algum, nenhuma reserva para cuidar desse garoto. Em segundo lugar, ele nasceu aos oito meses e teve Síndrome da Angústia Respiratória (ou Doença da Membrana Hialina) – um problema grave de saúde, um distúrbio respiratório no qual os alvéolos dos pulmões do recém-nascido não permanecem abertos, o que dificulta a respiração do bebê, além de outras complicações. Por isso, assim que nasceu, foi diretamente encaminhado para a UTI neonatal da Santa Casa de Piracicaba, onde ficou por longos 12 dias.

Então, pode-se dizer que antes do meu primeiro filho saber o que é vida, já provou o que é batalha, a luta, porque precisou lutar para viver. Sem dúvida alguma, um pequeno guerreiro.

Ver nosso filho recém-nascido naquela situação foi um choque muito grande. Mas, apesar disso, aquele contexto difícil serviu como um empurrão para que me tornasse mais focado e persistente na área profissional. Afinal, tinha que conseguir mais recursos e segurança para pagar os custos que toda a situação estava me gerando. Esse foi – e ainda é – outro grande desafio para mim, porque como sou visionário, idealizo muito as coisas da vida.

Desde muito novo, a grande quantidade de ideias que me passam pela cabeça e envolvem inovação e criatividade, acabam me levando a assumir esse papel de “sonhador” na sociedade, que na verdade é um potencial visionário. Quem não entende esse perfil acaba por tachar de sonhador a pessoa que tem poder de criação, inovação e visão de futuro. É uma linha muito tênue.

Naquele momento, eu ainda com 21 anos, super “sonhador” e emotivo, mas conseguindo começar a provar como profissional que meus sonhos não eram em vão, eles se tornavam realizações, somei a isso tudo meu papel de pai que estava começando.

Eu tinha que construir e conquistar a credibilidade de pai, mas como? Paternidade não vem com manual de instruções, mas vem com vida e respondi a isso com disposição para arriscar e aprender. Assim, a construção e conquista dessa credibilidade vieram muito mais por intuição do que por intenção. Na época, não estava nos meus planos correr atrás de um amadurecimento nessa área, mas era preciso agir e por isso a intuição me guiou.

Na área profissional, passei a buscar situações que me proporcionassem pelo menos o mínimo necessário para pagar as despesas do meu filho, que depois acabaram se transformando em pensão, depois em escola e plano de saúde ao longo dos anos, além de alguns extras como um passeio diferente, uma viagem legal. Sempre investi o possível para que ele se sentisse confortável em casa com sua mãe e também comigo. Fico muito feliz que ele sempre entendeu a situação de seus pais e cresceu sem grandes grilos.

Além disso, esse novo momento me trouxe um sentimento único, não apenas de que eu havia me tornado pai, mas também que permaneceria pai, e por isso, meu perfil protagonista precisava se fortalecer a cada dia.

## O PAI QUE FICOU

Eu tive que ser um pai protagonista, porque senão teria sido aquele pai que muitos acabam sendo: os que geram o filho, mas não conseguem encontrá-lo, não ajudam, não se fazem presentes, não veem o filho crescendo ou mesmo não querem nada disso. Mas fiz e faço questão de estar sempre perto. Por isso, desenvolvemos uma relação muito próxima, de pai e filho que conversam de tudo.

Eu queria ser um pai que ficaria, e por que posso dizer hoje que sou o pai que ficou? Porque como meu pai morreu quando eu ainda era muito novo, eu olhava para meu filho e pensava:

– Ele vai ter um pai diferente do que eu tive, vai ter um pai que vai ficar, não vou me afastar do meu filho. Ele vai ter o pai sempre junto dele.

Eu sempre pedi a Deus para não morrer cedo como meu pai, para estar o máximo de tempo possível ao lado dele. Este foi um estímulo para meu protagonismo familiar. Decidi acompanhar o crescimento do meu filho e essa decisão me levou a lutar por ele em muitos sentidos. Todas as vezes em que eu me esforçava mais no trabalho, para otimizar meu ganho – e também o meu tempo – fazia isso por ele.

**Eu não queria que a minha presença de pai fosse coadjuvante, mas sim protagonista. Com ou sem dinheiro, a pé, de carro, de mototáxi, de ônibus, no sol ou na chuva, lutei muito para estar com ele e oferecer o meu melhor.**

Hoje, quando olho para trás, ainda penso: “Apesar de alguns momentos muito difíceis, eu consegui. Aqui estou, com meu filho sempre perto e aprendendo todos os dias com ele”.

De alguma maneira também creio que hoje ele consiga me enxergar como um vencedor, alguém que superou muita coisa para manter essa relação.

— Pai, você não só sonhou, mas também realizou – ele me disse uma vez numa conversa emocionante que tivemos num jantar em São Paulo.

## **OUTRO NASCIMENTO: O MBM ESCRITÓRIO DE IDEIAS**

Aos 15 anos de idade, quando comecei a entregar folhetos na rua, trabalhar com telemarketing e divulgação, ainda não imaginava no que aquilo poderia resultar, mas uma coisa era clara: não me faltava disposição para correr atrás e ganhar o dinheiro que eu queria para, aos poucos, começar a conquistar a minha independência. Quando cheguei aos meus 22 anos, após iniciar aquele processo de me tornar mais focado, de tentar sonhar com os pés no chão, equilibrar sonhos e realizações, vejo que junto com toda essa energia que eu já tinha na minha juventude, somada à motivação resultante do nascimento do meu filho e também à necessidade de ser mais realizador, me veio a capacidade de alçar novos voos.

Estava cursando a faculdade de Publicidade e Propaganda e conhecia duas profissionais de rádio, que acabaram se tornando minhas parceiras de projetos e também amigas. Uma delas era Marcela Matavelli, que trabalhava na Rádio Educativa; a outra era Mariana Zanolli Moreno, estagiária da emissora. Nos juntamos e passamos a prestar serviços na área de divulgação como freelancers e tivemos algumas boas experiências em parceria.

Assim, começamos a conversar sobre a possibilidade de criarmos uma agência de comunicação que atendesse nossos clientes de forma mais personalizada, mais exclusiva, porque achávamos que estava faltando esse tipo de atendimento e poderíamos fazer isso.

Na época, percebíamos que havia muita disponibilidade de assessoria de imprensa para elaborar releases, enviar para os jornais impressos, televisão e rádio, além de agências de publicidade, que faziam layout, logotipos, anúncios, folhetos etc. Tinha muitos clientes em potencial para desenvolvermos eventos. Pensando na nossa nova empresa, me dei conta de que eu contratava muito esses serviços, e quando o material chegava às minhas mãos, me envolvia bastante em todos os processos, produções, opinava e sugeria várias alterações pertinentes. Foi então que ponderei:

— Bom, se conheço e vou bem em todas as etapas de produção, sei o que é preciso fazer. Então, em vez de contratar uma empresa, posso criar uma para isso!

Como eu tinha muitos contatos, as pessoas começaram a me pedir para fazer exatamente esse tipo de serviço, porque havia uma demanda no mer-

cado da minha região. Aquela foi minha chance de mostrar que eu poderia realizar um trabalho de qualidade.

Então, eu, Marcela e Mariana nos reunimos para criar o embrião dessa empresa: o MBM Bureau de Comunicação, que tem essa sigla em razão das iniciais dos nossos nomes. Passamos a elaborar projetos e, quando nos demos conta, a empresa estava começando a acontecer com quase nenhum recurso financeiro – apenas o nosso trabalho. Acredite, nós não tínhamos nenhum capital de giro!

Creio que a grande sacada do MBM foi a coragem, por justamente começar com uma mesa, uma estrutura física tímida e muita vontade de dar certo. Eu me divirto muito hoje ao lembrar da dureza, das movimentações calculadas e das planilhas justas que tínhamos.

Começamos como escritório de comunicação e marketing para desenvolver as estratégias de comunicação integrada, de internet e outras plataformas. Mas não tínhamos dinheiro para praticamente nada. Eu fazia faculdade e tinha que trabalhar como funcionário da Renato Massano Comercial, uma empresa de materiais hidráulicos dos meus amigos Renato e Sonia, onde era responsável por todo o Departamento de Marketing, além dos projetos culturais que já mantinha – e realizo até hoje – como o espetáculo do Papai Noel Cantor e o Carnaval das Marchinhas.

Começamos a ter tanto trabalho que para mim se tornou inevitável sacrificar festas, viagens e namoros. Havia semanas em que eu tinha que faltar da faculdade para trabalhar à noite, quando campanhas grandes exigiam muito trabalho de produção de texto, design e planejamento financeiro.

Além disso, eu tinha muitos *freelas* de fim de semana. Lembro de uma vez em que acompanhei um grupo de italianos que visitou Piracicaba e fiquei o fim de semana passeando com eles. No fim do passeio, o grupo organizou, além do cachê, uma caixinha que me salvou por 15 dias. Sempre fui muito bom com relacionamentos, conversa, contato humano. E muitas vezes de forma natural isso foi importante para gerar ganhos.

Olhando a minha história superficialmente, pode haver quem imagine que, ao me tornar pai, abracei responsabilidades profissionais demais de forma aparentemente insana e sonhadora, quando eu deveria me acomodar num trabalho formal e teoricamente mais seguro para atender as demandas de uma nova vida. Mas a realidade por trás desta minha “loucura” era muito mais do que uma vontade de não parar, era sim o sentimento de responsabilidade,

somado à minha vontade de crescer e batalhar pelo meu filho, que estavam falando alto dentro de mim, do meu jeito e com a minha real competência.

Antes de dar esse importante passo de abrir o MBM, eu já era acostumado a correr atrás de tudo e todos que me conheciam, porque era um verdadeiro agitador – não propriamente político, mas de ideias, de criatividade. Eu estava sempre em todo lugar, envolvido na organização de todo tipo de evento, de desfiles a jantares, de cursos de culinária a peças de teatro, musicais e orquestras. Quando abrimos a empresa eu estava nessa ebulição, precisava de dinheiro e não tinha nada para investir, muito menos capital de giro. Não tinha como comprar equipamentos e minhas amigas também não.

Começamos assim: Mariana levou o computador dela. Porém ela permaneceu só alguns meses no projeto e acabou saindo. Isso poderia significar uma alteração no nome do negócio – até mesmo porque ainda não o tínhamos registrado como pessoa jurídica – mas havíamos gostado dele e estávamos começando a divulgação da marca.

Com a saída da Mariana, perdemos uma grande parceira. Mas ela tinha outros planos, é uma grande profissional.

Hoje, olho para esse começo com muito bom humor. Brinco que a empresa cresceu muito no primeiro ano. Não tínhamos nenhum computador, compramos um e ela cresceu 100% na tecnologia. Bem, de 0 para 1, de um ano para o outro, isso equivale a 100%, não é mesmo?



---

## #TudoComCH

### Confiança

Começamos o MBM Escritório de Ideias em uma sala bem localizada no centro da cidade pertencente à nossa primeira cliente, Rita Gozetto, artesã e dona de espaços comerciais. Trocamos serviços, ela cedia a sala, enquanto nós desenvolvíamos um projeto de marketing para sua loja, um ateliê criativo que desenvolve brindes personalizados em tecido, madeira, porcelana e outros materiais, além de comercializar presentes de marcas exclusivas. Assim caminhamos por dois anos, pagando nosso aluguel com serviços, e de quebra, acumulando portfólio. Foi um tempo muito interessante, porque pudemos ver nossas empresas nascendo e crescendo juntas.

Fizemos todo o trabalho de marketing, comunicação, fotos, site, tudo que ela precisou por dois anos. O mais interessante é que transformamos esse relacionamento profissional em uma grande amizade. Hoje ela ainda eventualmente nos contrata, é uma amiga querida que abre as portas da sua casa e coleciona boas histórias conosco. Já viajamos para uma feira em Holambra e como os recursos tinham que caber no orçamento pequeno de uma empresa de artes e artesanato, ela conseguiu um motorhome e dormimos toda a equipe nele. Depois de dias intensos de trabalho, cozinávamos e conversávamos muito. Ríamos muito, de doer a barriga. Mas no dia seguinte o trabalho continuava, cheio de vontade de ver o negócio dela dar certo.

Sempre fui envolvido com o sucesso de meus clientes. Quando os irmãos veterinários Fernanda e Felipe Sansígolo lançaram um petshop, nos pediram toda a consultoria de marketing e comunicação. Durante o projeto, não pensei duas vezes e os convenci a irmos para uma feira no Rio de Janeiro para ver de perto as novidades do setor animal/veterinário, captar conteúdo e gerar parcerias. Isso aproxima, gera confiança e vínculo.

O processo de construção e criação da nossa agência aconteceu juntamente com o ateliê da Rita, ela ajudando nossa empresa a acontecer como cliente e nós ajudando a dela, promovendo-a para o público. Uma troca só é boa quando atende aos dois lados.

Diria que esse foi um tempo de superação mútua, que se tornou possível porque fizemos isso de mãos dadas, nos apoiando sempre.

**Protagonismo sempre começa com confiança: Confiança em si mesmo, confiança nos outros e responsabilidade ao ser depositário da confiança recebida.**

Ela acreditou em nós e nós acreditamos nela. Serei sempre grato pela confiança de clientes e parceiros!



## A HORA DA DECISÃO

A boa localização da nossa sala e a facilidade de fazermos e mantermos bons contatos contribuíram para que conseguíssemos muitos clientes. Realizamos muitos trabalhos, mas mesmo assim, dois anos depois de criarmos a empresa, continuávamos não tendo muito dinheiro investido. O negócio estava basicamente “se pagando”.

Na época, eu trabalhava na loja de materiais hidráulicos ainda, já morava sozinho, tinha toda uma vida para dar conta. Bancava tudo com o dinheiro desse emprego e dos trabalhos extras que realizava. Mas enfim, no ano de 2007, aos 25 anos chegou o momento decisivo na minha caminhada profissional, o qual acredito que a maioria dos empreendedores vivenciam no início de suas empresas: deixar meu emprego para me dedicar mais ao meu negócio. Essa decisão é muito difícil de tomar, porque temos medo do gap, de faltar grana.

Conversando com minha sócia Marcela, tivemos que decidir se iríamos continuar ou não trabalhando dentro e fora do MBM. Então, resolvi sair do meu trabalho e dar esse salto importante.

A boa notícia disso tudo foi que a empresa onde eu estava como funcionário gostava tanto do meu trabalho que me contratou como prestador de serviço. Isso prova que saí de lá deixando portas abertas e a empresa se tornou cliente do meu novo negócio, ajudando a alavancar esta nova etapa.

Comecei essa nova fase indo por um ou dois dias da semana ao meu trabalho anterior como freelancer, e no restante da semana eu trabalhava na minha própria empresa. O resultado desse passo importante veio antes mesmo do esperado. A ebulição foi quase que instantânea. Comecei a trabalhar mais na minha empresa e com isso ela aumentou consideravelmente sua carteira de clientes. O crescimento foi notável.

Mas para acompanhar toda essa ebulição do MBM, era preciso estar no ambiente da empresa, no dia a dia do escritório e, apesar de Marcela ser extremamente competente, organizada e responsável, ela não conseguia estar tanto tempo quanto eu na agência. Enquanto isso, os acontecimentos no escritório eram tantos e tão dinâmicos, que eu não conseguia mais atualizá-la sobre tudo.

Após conversarmos abertamente sobre o assunto, Marcela decidiu que seria melhor sair e seguir outros caminhos. Apesar de eu sentir sua saída no começo, de sentir sua falta como profissional, o processo de desligamento da

sociedade ocorreu com tranquilidade, sem desgastes, e a amizade continuou. Afinal, isso já existia antes mesmo do MBM.

Fizemos o inventário de tudo o que tinha investido de material, equipamentos e entramos em um acordo de que eu a pagaria em parcelas. Consegui cumprir o acordo, porque apareceram novos projetos.

**A coragem faz parte do protagonismo. Ela não chega de repente, e mesmo quando nata precisa ser trabalhada. A coragem é construída passo a passo no processo, em doses pequenas e específicas, voltadas para cada nova necessidade.**

Para protagonizar é preciso gerar, mas também é preciso deixar nascer e crescer. Com coragem aprendemos a voar!

## **DECOLANDO**

Em 2008, tivemos um pico altíssimo de crescimento. Enquanto a crise nos Estados Unidos preocupava os norte-americanos e tantos outros países – inclusive o Brasil – minha empresa teve um bom resultado. Tive uma clientela bem variada, conseguindo atender de pequenos a grandes projetos. Como já tínhamos uma equipe muito boa, atendíamos tudo que chegava às nossas mãos, não recusávamos nada. Isso fez com que a empresa crescesse muito e tivéssemos experiências muito ricas para poder decidir, anos depois, em qual área trabalharíamos melhor.

Depois disso, em 2010, tivemos outro pico de crescimento. Atendemos um cliente muito grande, que nos contratou para elaborar um dos maiores projetos que assumimos até hoje, uma campanha nacional para projetar a marca e os produtos da empresa piracicabana Candura.

Com um melhor fluxo de caixa, saímos então daquele escritório no centro da cidade, onde ficamos por pouco mais de dois anos e fomos para outro lugar, também no centro, onde estivemos por mais ou menos o mesmo período. Quando o MBM estava prestes a completar cinco anos, decidimos que mudaríamos novamente, desta vez para uma grande casa.

Vale lembrar que, ao completar cinco anos, as mudanças não foram apenas físicas. Apesar de tão jovem, o MBM chegou a um nível de amadurecimento muito importante. A expansão física da empresa marcou também

sua expansão como negócio, seu porte aumentou. Percebemos a necessidade de deixar claras as nossas atividades e a nossa imagem. Isso nos levou a definir nossa gramática corporativa e mudar nossa identidade, baseada nas três cores que substituiriam o preto e o prata de até então:

Laranja – a cor da energia: comunicação criadora

Azul – a cor da responsabilidade e consequência: sucesso consciente

Magenta – a cor do amor universal: amor pelo que fazemos

Também foi nesse momento que a empresa entendeu como inevitável incorporar seu slogan ao nome. Assinávamos nossos trabalhos como MBM Bureau de Comunicação - “seu escritório de ideias”. E decidimos que assumiríamos o nome mais adequado à nossa personalidade: seríamos o MBM Escritório de Ideias.

O crescimento do MBM se desenvolveu dessa forma e creio que parte do seu sucesso se deve ao empenho de todos que por ele passaram, mas acima de tudo, pelo fato de que sempre foram aplicados os três princípios ligados à nossa política: Comunicação Criadora; Responsabilidade e Amor pelo que fazemos, associados aos quatro princípios primordiais de *Disciplina, Alegria, Gentileza e Resiliência*.

Foram esses fatores que usei para a minha empresa tornar-se o que é hoje – não somente conhecida em Piracicaba, mas também em outras cidades do interior de São Paulo.

Merece ser destacado ao final de todo esse relato é que hoje o MBM tem uma reputação construída, conquistada com muito trabalho e dedicação.

Se pensar onde estou hoje, entendo que cheguei até aqui porque tive muita disciplina, alegria, gentileza e resiliência, vinculadas à inovação, além de não ter medo de sonhar, ousar e realizar.

**Um protagonista não é constituído só de iniciativas, coragem e visão de futuro, mas também de princípios pensados e vivenciados.**

Empreender no Brasil é algo muito desafiador. Sofri – e ainda sofro, como tantos empreendedores – tudo isso na pele, com a carga tributária pesada, desafios trabalhistas, oscilações de mercado, gerenciamento de equipes e de projetos. É preciso estar atento para assumir a responsabilidade em cada crise.

Isso tudo é muito difícil na área da comunicação e do marketing, porque muitas empresas e pessoas contratam nossos serviços sem saber direito o que estão contratando. Por isso a confiança vem antes. É um serviço subjetivo, e meu papel é tornar essa subjetividade em algo objetivo, trazendo resultados que sejam numéricos ou humanos. Ou é um ou é outro, não tem jeito. E só consegui esse alcance, em quase 20 anos de MBM, porque adotei uma linha muito clara de trabalho e não saí dela.

A linha que adotei consistia – e ainda consiste – em não abandonar meus clientes e projetos, chegar até o fim, mesmo que eu tenha errado a conta na hora de vender e cobrar, mesmo que durante o desenvolvimento do projeto ele se torne “caro demais para mim”. Não importa. O que foi prometido será entregue.

**Um protagonista entrega o que acordou com seus clientes internos e externos.**

## **SER PROTAGONISTA TAMBÉM É TER SENTIMENTOS**

Posso dizer que minha história é uma sequência de momentos que me provocaram, me levaram a assumir papéis de protagonista. Desde a perda do meu pai na minha infância, passando pelas primeiras experiências de trabalho na adolescência, o nascimento do meu filho na juventude e chegando ao empreendedorismo de fato com o MBM, em cada um desses cenários identifiquei que havia uma oportunidade de amadurecer como protagonista.

E quando o protagonista assume esse papel, precisa ter em mente que o subir ao palco, brilhar, fazer sucesso e dar algumas palavras de comando também dependem da permissão do “público”.

**O protagonismo passa pela legitimação do público.**

Dentro desse movimento todo, é preciso lembrar que o protagonista necessariamente é um líder, o pioneiro em muitas coisas, ele abre caminhos que não existiam antes. Em outros casos ocupa papéis que estão vagos, e em outros cria papéis para que ele mesmo brilhe – e isso não necessariamente é sinal de arrogância, mas sim de independência, de autonomia, pois ele

tem capacidade de criar oportunidades e não precisa esperar que outras pessoas as criem.

Mas um protagonista não avança de forma fria e calculista. Tudo isso envolve muito sentimento, intensidade, emoção. Ao passo que ele entende que sua atuação pode resultar em aplausos, também precisa se lembrar que as críticas – e até vaias – chegam em algum momento. Ele não pode achar que será infalível, perfeito, sem defeitos e sem erros. Por isso entendo que a dimensão humana é super importante.

O protagonista tem brilho, mas isso requer uma responsabilidade ainda maior, porque ele vai servir de exemplo, de modelo, ser referência. Então, se ele não usar e expor os sentimentos humanos, pode passar a ideia de que não tem falhas e neste caso, a frustração – tanto por parte dele, quanto do público – é certa. Assim, se estiver engessado, mais cedo ou mais tarde, o menor dos deslizes será suficiente para condená-lo.

Quando o protagonista mostra que tem sentimentos – amor, alegria, raiva, entusiasmo, tristeza, frustração – está dizendo ao público que não se acha perfeito e sabe que está exposto a tudo isso, que em algum momento pode cometer uma grande falha ou um grande acerto.

Trazendo essa ideia para um contexto mais prático, vejo que o próprio mundo corporativo está se humanizando. Este cenário que antes era conhecido pela formalidade e inflexibilidade, hoje já vive uma fase de transição em algumas áreas. A começar pelo código de vestimenta e visual a serem adotados. Os escritórios não exigem tanto mais terno e gravata como antigamente. Os homens não precisam mais fazer a barba impecavelmente, as mulheres não precisam usar salto alto. A quantidade de pessoas que trabalham em um sistema home office aumentou consideravelmente e vai aumentar muito mais depois dos novos mindsets adquiridos por causa da pandemia da Covid-19. A vida pessoal está cada vez mais misturada à profissional e as empresas – espontaneamente ou não – estão reconhecendo isso.

Além do fator estético, externo, há também uma mudança no trato, na conduta, nos critérios usados para avaliar a eficiência do profissional. A consciência do processo erro/acerto aumentou, porque hoje entende-se que isso faz parte do ser humano e que há uma diferença entre permitir e aceitar. O erro continua sendo erro, mas há um foco maior na capacidade de resolução das falhas que as pessoas têm desenvolvido.

**O erro não é mais suficiente para tirar o brilho do protagonista. O show precisa continuar.**

## **SUPERAÇÃO**

Quando o protagonista se expõe, ele coloca no palco suas falhas, seus medos, mas também suas virtudes e sua coragem. Por isso penso que tal exposição faz parte da entrega que é assumir o protagonismo. Cada um desses elementos expostos se torna essencial para que se abra espaço para um resultado magnífico: a superação.

A superação é um dos resultados positivos dessa exposição da humanidade do protagonista. Afinal, por que a superação se faria necessária se não existissem dificuldades, medos, temores e incertezas? Por outro lado, como ela seria possível se não houvesse coragem, vontade e virtudes?

Por isso entendo que, de modo prático, superação é o que um pai alcança quando se vê sem dinheiro suficiente para sustentar seus filhos, mas consegue aumentar seu ganho para dar conforto a eles, quando uma mãe consegue executar seus projetos profissionais, mesmo tendo que levar seu filho ao escritório, ou quando alguém com deficiência física prova que, apesar das limitações, continua capaz de criar grandes ideias e realizá-las para si e para os outros.

**O protagonista é um ser humano que se supera constantemente.**

Depois que a superação se tornou algo recorrente em minha vida, passei a entender que ela tem uma marca inicial e assim reconhecer esse momento. Para mim, essa linha divisória se forma quando me sinto só, quando me vejo no ponto entre ter a ajuda de uma equipe grande ou estar ameaçado de não ter ninguém; entre ter minha família inteira acreditando no meu novo projeto ou de repente não sentir firmeza no apoio das pessoas mais próximas da minha vida. É exatamente no momento em que me vejo sozinho que a chama da superação se acende em mim.

Na minha vida, a superação está diretamente ligada a momentos de solidão que frutificam, se transformando em solidão. Não julgo, nem guardo rancor daqueles que não acreditaram nos meus projetos. Talvez eu realmente precisasse ficar a sós comigo mesmo para conseguir pensar melhor, para

que este senso de necessidade acendesse dentro de mim e me ajudasse a permanecer mais focado. E é exatamente esse ponto, esse marco, que me leva à superação.

## **LUTO E PROSPERIDADE, COMO ASSIM?**

Da mesma forma que reflito sobre o nascimento dos meus três filhos ter me trazido prosperidade e responsabilidade, hoje entendo que a morte dos meus pais me trouxe esses mesmos fatores. Sei que há quem possa estranhar essa minha declaração.

— Nossa, Bruno! Que as mortes do seu pai e da sua mãe te trouxeram responsabilidade até entendo, mas prosperidade? Como assim?

Eu explico. Quando meu pai morreu, mesmo eu tendo apenas quatro anos, isso me trouxe um senso de responsabilidade maior – obviamente dentro das possibilidades da minha idade. E ter esse senso de responsabilidade mais desenvolvido foi essencial para que eu prosperasse, não financeiramente, mas como pessoa. Ali entendi que o meu papel estava mudando, ali comecei a assumir o meu protagonismo.

Quanto ao falecimento da minha mãe, por mais que isso tenha ocorrido três meses após um momento muito significativo da minha vida, que foi o dia do meu casamento, esse fato também marcou um momento de prosperidade na minha vida.

Nos últimos dias de vida da minha mãe, eu estava fechando um dos maiores contratos que já fiz até hoje na minha vida, tendo que apresentar um projeto para 80 pessoas em um auditório, enquanto ela estava em estágio terminal de câncer no hospital. Não acho que esses fatores estão desligados um do outro. Creio que são compensações da vida. Então, acho que cada vez que nasceu um filho meu ou morreu algum familiar, a vida soube, de uma forma energética, abrir uma oportunidade para que eu agarrasse. Imagino que isso não aconteça só comigo, mas nem todos percebem e agarram as oportunidades.

**Eu quis agarrar a responsabilidade e a prosperidade que o nascer e o morrer me trouxeram. Foi uma escolha entre afundar ou voar.**



---

## O SUCESSO NOS RODEIA

Quando eu era muito pequeno, morei com meus avós em um prédio até o tempo de me mudar para morar sozinho. No quinto andar desse prédio tem uma senhora de família italiana, dona Odila Guidotti, amiga de nossa família. Ela tem vários filhos e um deles é Marco Antonio Guidotti. Ele conhecia meus pais e me conhece desde criança.

Anos mais tarde, ele se tornou uma das pessoas mais importantes na minha formação profissional, porque antes de abrir minha empresa, ainda aos 19 anos, estava na faculdade e buscando descobrir o que eu ia fazer da minha vida.

Como já contei aqui, nessa idade pegava diversos tipos de trabalhos e um deles era na Società Italiana, onde ele era o presidente. Em 2001, antes de me tornar pai e de abrir minha empresa, eu e ele conseguimos realizar um trabalho que reformou a Società Italiana: a segunda edição da Casa de Noel, que ainda era uma mostra de arquitetura e decoração mesclada com apresentações musicais. Conseguimos reunir muita gente para ajudar a reformar a sede da entidade, que foi construída em 1904. Marco foi uma pessoa muito importante na Società, pois conseguiu mudar sua imagem na região, proporcionando grandes transformações administrativas, institucionais e físicas. Ele montou uma diretoria com membros atuantes e muito engajados.

A importância dele em minha vida profissional foi marcada por ensinamentos muitos valiosos. Guidotti me ensinou muita coisa sobre administração, sobre gerenciar projetos e até mesmo sobre relacionamento humano, porque trabalhamos em parceria por muitos anos. Ele foi uma das pessoas que me deu o maior número de oportunidades, porque me deixou pensar e fazer, além de sempre me ensinar a balizar os meus trabalhos, indicando onde errei e onde acertei, mas em tudo me estimulando a ir em frente, com muito respeito, seriedade e generosidade.

Certa vez, depois do primeiro semestre da faculdade, tinha que pagar a matrícula para mais um semestre e, preocupado, eu não tinha dinheiro para isso e ele me emprestou esse montante. Tenho muita gratidão por isso e, principalmente, como essa história se concluiu.

Pouco tempo depois, quando ele me chamou para fazer um trabalho, eu já tinha a empresa.

– Você faz um trabalho para mim? Preciso que você faça todas as ações de desenvolvimento da comunicação de Condomínio Monte Alegre, que estamos lançando! – ele pediu.

Ele foi um dos criadores desse condomínio com 303 lotes, um projeto muito grande e me contratou para fazer a divulgação do empreendimento: identidade corporativa, eventos de lançamento, brindes, as placas de sinalização de madeira dentro do condomínio... fizemos um trabalho fantástico!

Quando fui receber o primeiro pagamento, me lembrei do empréstimo que ele havia me feito. No momento em que mandei a conta, falei:

- Olha, deu este valor, mas quero descontar daí aquele empréstimo que você me fez, quando precisei para pagar a matrícula da faculdade.

Foi muito legal, porque paguei tudo usando o dinheiro de outra oportunidade que ele mesmo me deu. Imagino que ele jamais iria me cobrar, mas a seriedade que me transmitiu em alguns anos de trabalho voltou como uma forma de estabelecermos ainda mais o vínculo de confiança. Ele me deu uma oportunidade de não só poder superar como a de poder pagá-lo de volta, de forma muito responsável.

Sou agradecido pelo que ele fez por mim! Alguém que fez tanto por outro alguém tão jovem como eu na época. Hoje procuro fazer isso por pessoas mais jovens, porque quero passar adiante o que recebi. Além de dinheiro, quando muito jovem precisei muito de orientações sobre vida e trabalho. Ele foi uma dessas pessoas.

Hoje procuro ajudar os mais jovens com palavras, conteúdo, informação, com palestras para grupos ou até quando recebo pedidos de aconselhamento profissional. Sempre tem um café no meu escritório para falar verdades e sugerir caminhos aos mais jovens que realmente querem exemplo, inspiração e referências. Senti muita falta disso em alguns momentos-chave da minha trajetória. E quando tive, dei muito valor, procurei retribuir aquela credibilidade com sucesso e um agradecimento muito mais prático do que verbal. Muitas vezes quem nos ajuda tem aquilo para dar, e não está muito preocupado com o agradecimento. E sim, quer que você avance, por isso tome o exemplo dessa pessoa para acelerar sua vida como um foguete.

---

## **FALANDO COM A MASSA**

### *A vida é poesia*

O tempo voa, mas quando temos quem nos ame, quando amamos... voamos junto. Sonho acordado e realizo de mãos dadas.

Aprendo isso todos os dias.

Quando eu era pequeno, queria muito as pessoas que tenho hoje e as conquistas do trabalho que alcancei.

Cheguei a uma idade em que sinto muita força para compartilhar, contar histórias, inspirar e ensinar. Nessa busca afetiva, amadurecer é o maior e melhor resultado.

Agradeço pelo encontro com Carla e juntos termos gerado Eduardo e Vitor, tão carinhoso com seu irmão mais velho e conosco.

Eduardo tem muita disciplina para os esportes, um humor fino e muita vontade de cumprir com qualidade seus compromissos. Tanto ele quanto Vitor têm uma curiosidade muito bonita sobre a vida. Já Vitor é muito divertido, desinibido, risonho e decidido. Ele é muito querido por seus amigos porque tem muita disponibilidade para se divertir.

Nos braços da família e nas boas conversas dos amigos (novos ou antigos, mas de sempre), só tenho a certeza de agradecer!

Obrigado por tudo, Vida!

Voemos então para fora do Ninho...



**Um protagonista voa  
para fora do ninho.**





*“Uma vez que você tenha experimentado voar,  
andarà pela terra com seus olhos voltados para o céu,  
pois lá você esteve e para lá você desejará voltar”*

**LEONARDO DA VINCI**

**CIENTISTA, MATEMÁTICO, ENGENHEIRO, INVENTOR, ANATOMISTA, PINTOR,  
ESCULTOR, ARQUITETO, BOTÂNICO, POETA E MÚSICO ITALIANO**

## Tudo novo, para um novo voo juntos.

Creio muitas vezes que responsabilidades assumidas são também conquistadas e, quando isso ocorre, se manifestam de uma forma muito clara. No meu caso, havia uma vontade suprema: construir uma nova família.

O casamento com a Carla veio de forma natural, porque estávamos namorando havia cerca de três anos, já éramos muito parceiros, cúmplices em todas as situações da vida e, curiosamente, o dia do nosso casamento é o dia do nosso aniversário de namoro. Considero que ganhei mais um motivo para celebrar e não mais uma data para errar.

Durante nossos três anos de namoro ficamos muito próximos e entendendo melhor essa nossa afinidade, paixão, tesão. Assim ficamos, muito colados, e então decidimos nos casar e cerca de seis meses depois nos casamos.

Nos apaixonamos rapidamente, porque antes disso teve uma afinidade de amizade. Nos conhecemos em uma festa dançando e começamos a querer nos encontrar de novo e de novo, até que descobri que Carla estudava especialização na mesma faculdade que eu. Enquanto eu estudava para a minha graduação à noite, ela fazia especialização pela manhã.

Por várias vezes tentamos nos encontrar na faculdade e não conseguimos, mas enfim nos encontramos e não nos largamos mais.

Entre namoro e casamento, são quase 20 anos juntos e considero que a decisão de formar uma família foi resultante dos sentimentos de responsabilidade e da vivência que eu tinha até aquele momento. Somando a isso o fato de que eu estava muito a fim de seguir minha vida com ela, decidimos nos casar e isso foi muito bom para nós.

Organizamos nosso casamento inteiro, fizemos uma super festa. Creio que essa formação de família me trouxe o entendimento de que eu estava preparado para novas responsabilidades, novos voos e com a presença de uma companheira linda.

Tudo que vivemos e ensinamos um ao outro é como uma marca, uma tatuagem no coração, um show de fogos de artifício na alma. Toda a intensidade de uma dança, de músicas que tocam o coração, de viagens cheias de significado e sobretudo de frutos maravilhosos que contam essa história de amor. Ela me ensinou a amar, a me amar, a gostar de tantas coisas. Me ensinou a valorizar as conquistas e a projetar o futuro.

## **OS PROTAGONISTAS EM MIM**

Quando me casei, em 2009, já estava há dois anos tocando a empresa sozinho. Apesar disso, o negócio havia entrado em um processo mais efervescente, porque em 2008 ele teve um pico de crescimento e conquistou forte reputação.

Chegando ao início de 2010, com poucos meses de casado, a saúde da minha mãe piorou consideravelmente devido ao câncer de bexiga e ela acabou falecendo. Imagina o turbilhão de sensações que passei: ainda na euforia de ser recém-casado, batalhando para criar um filho pequeno, minha empresa colhendo frutos de um pico de crescimento e eu acabo sofrendo a morte da minha mãe.

O volume de negócios que o escritório passou a ter naquele momento e os valores absolutos que começaram a passar por ele por conta das minhas ideias me mostraram que, apesar do luto pela perda da minha mãe ser um fato e merecer por completo ser validado, minha vida seguia em prosperidade, em uma crescente.

Ao mesmo tempo em que eu chorava uma grande perda, colhia frutos não apenas de dois ou três anos de dedicação, mas sim de um empenho que vinha desde a minha adolescência.

Se em 2008 minha empresa passou por um pico de crescimento, em 2010 ela continuou crescendo regularmente e se consolidou diante de tantos desafios que um negócio geralmente enfrenta. O MBM foi dando retorno positivo, tudo foi acontecendo, as demandas foram crescendo e comecei a ter que delegar muitas funções para conseguir atender a essas necessidades.

Isso gerou em mim uma tensão, não como um fardo, mas sim o peso da responsabilidade, o impacto da minha presença como dono, criador, autoridade na empresa e também como pai, marido, amigo e protagonista na vida pessoal.

**Chegava a hora de encarar o bom e velho conflito entre o protagonista pessoa jurídica e o protagonista pessoa física.**

Em 2010 esse conflito começa a dar seus sinais e fica ainda mais forte a partir de 2015, quando a empresa chega aos 10 anos, e novamente em 2020, quando atinge 15 anos. Muitas vezes me peguei pensando, tentando avaliar até quando eu deveria me dedicar tanto ao trabalho, enquanto isso me custava momentos preciosos da minha vida pessoal. Talvez não quisesse trabalhar tanto, mas como havia trabalhado muito até então, isso acabava sempre se tornando comum para mim, um hábito, algo natural.

**Inevitavelmente existe esse conflito entre as pessoas física e jurídica de cada um, porque ele é resultante de uma fase de avaliações e descobertas sobre a vida profissional e pessoal e como elas podem se relacionar de uma forma saudável.**

Creio que consegui chegar onde cheguei, construindo tanta história, porque a minha pessoa foi uma só, o meu protagonismo foi o mesmo nessas duas esferas. É como se de um lado estivesse o protagonista jurídico, do outro o físico e eu estivesse no meio dos dois. Eu fui o elo. A minha personalidade não muda muito. Busco melhorar a cada dia, mas a essência permanece. Então, creio que foi exatamente essa permanência que me levou a ser diferente dentro do processo.

Quando vou para a Rádio, por exemplo, participar de um programa, a minha voz é a mesma, eu não me imposto, não crio um personagem para isso. Obviamente que existe um bom senso com relação ao contexto de cada momento, mas hoje vejo que meus protagonistas não vivem mais em tensão e sim em uma relação mais harmoniosa, de cumplicidade entre eles. E eu? Continuo da mesma forma, me mantendo no meio, sendo vínculo, deixando minha essência ser a cola.

E qual foi o ponto que uniu os dois? A minha imagem, a minha pessoa próxima de tudo que faço. Prova disso é que nos projetos em que eu traba-

lho atendo meus clientes pessoalmente, de uma forma bem “pessoalizada” e personalizada.

## **DE CASA SE LEVA AO TRABALHO**

Se anos atrás era extremamente comum as pessoas levarem trabalho para casa, atualmente é cada vez mais comum ver a vida pessoal entrando um pouco mais na vida profissional. O mundo corporativo está se humanizando e isso já é uma realidade. E é isso que vejo acontecendo no meu negócio.

No meu caso, entendo que meu ambiente familiar – tanto de origem como atual – influencia bastante na maneira como me relaciono com as pessoas no mundo dos negócios. Digo isso porque foi dentro da minha família que aprendi a me relacionar, a lidar com conquistas, frustrações, e inevitavelmente trago isso para meu ambiente de trabalho.

Creio que uma das chaves do bom relacionamento, que é uma das bandeiras do meu trabalho como líder e protagonista, é entender-se no papel do outro, a empatia. É perceber o que o outro quer, do que o outro precisa. Isso começa exatamente na família, no entender que precisamos exercer a humildade, que não é o que nós queremos que importa, que também precisa ser considerada a vontade do próximo. Além disso, também é importante entender a diferença entre querer, poder e precisar, e isso também se aprende na família.

No meu caso, o relacionamento com vários tipos e níveis de clientes e funcionários que trabalharam comigo – que na maior parte foi muito bom, chegando até a criar laços de amizade com alguns – foi porque consegui ler cada uma dessas pessoas individualmente, sem pasteurização, sem aplicar rótulos ou empacotá-los todos da mesma forma. Consegui entender que cada pessoa é única, e cada uma tem um estilo de comunicação, de vida, uma história.

Não enxergo as pessoas como elementos fabricados em série, que colocamos em uma caixa de papelão e damos um destino para cada grupo. Simplesmente não me vejo fazendo isso, tanto é que me comunico com cada pessoa de uma maneira diferente, tentando encontrar o canal pelo qual elas me entendem melhor, sem precisar alterar a mensagem que quero passar.

Não teria me tornado ator amador, nem publicitário e comunicador multimídia se não compreendesse a importância dessa sensibilidade e versa-

tilidade para me comunicar em diferentes canais. Chego até a afirmar que o publicitário é um tipo de ator, porque veste as roupas de vários clientes: um médico, um advogado, um arquiteto, uma loja, uma indústria... enfim, são vários tipos de clientes que precisam ser incorporados para uma exposição no “palco”, que no caso da publicidade são as diversas plataformas que atualmente nos possibilitam divulgação.

E o que mais eles – ator e publicitário – têm em comum? O nicho, a customização. Como ator eu troco de roupa e maquiagem cada vez que subo ao palco para interpretar um personagem e ainda assim o público reconhece quem está por trás da caracterização, e aplaude o meu talento e capacidade de interpretação. Enquanto isso, como publicitário, atendo cada cliente de uma forma personalizada, buscando falar sua linguagem e usar um canal de comunicação que ele entenda. Se ele é mais direto, sou mais objetivo em minhas explicações, focando na apresentação dos resultados estimados. Se é mais detalhista, cuido para preparar uma apresentação com dados contundentes, gráficos e estatísticas. Enfim, a comunicação não depende apenas da mensagem que quero passar, mas sim da compreensão de quem vai ouvi-la.

**O fato de vestir a roupa do outro, tentar calçar seus sapatos, entender sua realidade, facilita a visualização de suas necessidades e assim a identificação do canal a ser usado para passar a mensagem.**

Esse fator acabou me impactando como publicitário e como comunicador. Acho que visto a roupa do outro, aprendi a falar bem o que o outro quer ouvir, com verdade e com similaridade, mas isso acontece porque me coloco no lugar do outro, com empatia.

## **RELACIONAMENTO: UM DIFERENCIAL NO MERCADO**

Creio que saber se relacionar é algo que traz diferenciação para a atuação do profissional no mercado, e vejo que isso acontece atualmente porque estamos vivendo tempos em que as ferramentas oferecidas são acessíveis a todas as pessoas.

Por um lado, isso é positivo, porque faz com que todos tenham acesso à informação em seus mais diversos formatos – texto, vídeo, fotos, áudio – e

as fronteiras geográficas estão sendo vencidas com a ajuda da tecnologia. Atualmente, qualquer pessoa pode se tornar rapidamente famosa ao “viralizar” na internet.

Por outro lado, essa agilidade da comunicação pode criar um ambiente favorável à pasteurização das relações, cada vez mais mecânicas, fabricadas, programadas, repetitivas, baseadas em receitas, métodos, aplicativos. Isso cria então uma falsa sensação de aproximação entre as pessoas. Mas por que falsa? Veja bem, atualmente se tornou comum pessoas que moram na mesma cidade se falarem bastante usando aplicativos tecnológicos, mas não se encontram pessoalmente para conversar.

Não sou completamente avesso à tecnologia e à velocidade da informação, até mesmo porque entendo que não tem como eu tentar viver sem fazer uso dessa ferramenta, me alienar do restante do mundo. Porém, creio que é preciso estar atento a esse empacotamento das personalidades. Por isso, gosto de continuar mantendo meu atendimento customizado, personalizado, individualizado, presencial, que percebo não ser uma abordagem tão comum atualmente, mas vejo que está se tornando uma demanda do mercado.

Acredito que quando conseguimos dar personalidade, um amor e uma comunicação diferentes para cada pessoa, isso impacta em um negócio novo, mais fluido, que se torna próximo do seu cliente.

Minha filosofia de trabalho é que preciso visitar o cliente, visitar as pessoas, saber as histórias que a tecnologia não consegue transmitir, dar e receber um abraço, olhar no olho sem a pixelização gerada pelas oscilações de conexão da internet, preciso me emocionar com a pessoa, saber se o café está quente, fraco ou frio, saber de coisas que só são feitas pessoalmente, e que na esfera do mundo dos negócios se perderam.

**A grande disputa entre o analógico e o digital está nas mãos do relacionamento: remoto ou presencial.**

## **VICIADOS NO “TUTORIAL”**

A inclusão digital possibilitou compartilhar facilmente em grande escala nosso conhecimento. Fato é que, ao mesmo tempo que a internet se abriu para que desde a dona de casa até uma celebridade se torne produtor de conteúdo, a cada dia surge uma nova receita para vender mais, para se tornar

um milionário, atingir metas, influenciar pessoas, ser mais eficiente e acredite, até para “ser feliz”. A cada minuto surge um novo tutorial na internet.

Quem ainda não se pegou buscando um “tutorial” de alguma coisa na internet? Queremos a solução rápida e “mastigada” nas nossas mãos, porque estamos sempre sem tempo a perder. Se meu computador tem algum problema em casa, rapidamente busco alguma orientação na internet, por mais que eu tenha algum amigo que saiba resolver a questão.

— Ah não, não vou incomodar ele – pensamos.

Com isso perdemos um pouco do nosso senso de troca, de cumplicidade, de estender a mão.

**Se antes uma mão lavava a outra, hoje buscamos um aplicativo que ajude cada mão a se lavar sozinha.**

O computador quebrado poderia ser uma oportunidade de encontrar o amigo que estou há um tempão sem ver, poderia convidá-lo à minha casa para tomar um café e deixar que ele tentasse descobrir o problema. Mas quem tem tempo para isso?

As experiências e sensações humanas estão sendo trocadas por receitas prontas. Mas continuo não acreditando muito que isso seja um benefício da tecnologia, e sim uma desvantagem. Não estou dizendo que as receitas prontas não sirvam para nada, mas sim que é importante que as experiências humanas de interação pessoal continuem existindo e sendo praticadas. Também acredito que tais experiências gerem bons negócios, porque essas interações conferem mais verdade e credibilidade aos contratos firmados. A inteligência artificial veio para ficar e pode desmerecer os processos criativos.

## **FAMÍLIA E TRABALHO: HAJA ENTUSIASMO!**

Uma nova família e um novo trabalho exigem entusiasmo, muito entusiasmo! Mas antes de continuar com esse raciocínio, vale a pena conceituarmos este termo. Entusiasmo vem do grego entheos, que significa estar “preenchido por Deus”.

Sabendo disso, creio que essa palavra é muito forte dentro da minha trajetória, porque ela tem uma linha do tempo que mostra muitos momentos

em que tive que ficar de pé, mesmo não sendo provável que eu conseguisse, mas consegui.

O entusiasmo foi um ingrediente para me fortalecer no meio do caminho, porque no começo, muitas vezes me apoiiei naquelas palavras: resiliência, gentileza... Mas o entusiasmo me erguia justamente na hora em que eu pensava em desistir, quando já estava cansando das ideias – e olha que não sou de me cansar tão facilmente.

Além de ser uma palavra importante na minha trajetória, o entusiasmo também é um traço muito importante da minha identidade como empreendedor, líder e protagonista. Ele é quase a reciclagem de uma situação: tudo parecia estar caindo e ele vinha para dar uma injeção nova de ânimo, de alma em mim.

Então, dentro desse movimento todo, de muitas vezes ter dúvidas se eu chegaria ao fim de um projeto, se daria certo, ou se não valeria a pena, o entusiasmo parecia ser Deus – não no sentido religioso, mas sim espiritual – carregando uma mensagem:

— Não desista! Continue!

O interessante disso tudo é que essa mensagem parece ser exclusivamente para a gente. Ele me traz a confirmação de certezas solitárias, surge como um reforço em meus momentos de solidão, porém frutifica com uma inspiração divina que não deve permanecer guardada e sim compartilhada, que deve tornar-se coletiva, social, porque é tão abundante que transborda da pessoa em que é gerada. É contagiante.

Por isso acredito que a presença do entusiasmo foi o que fez com que boa parte dos meus projetos que começaram na solidão se transformassem na realização validada por um grupo de pessoas que me ajudaram a desenvolver esse meu protagonismo. Porque eu quis ser, mas elas validaram e, principalmente, trabalharam para que a minha ideia ou aquela minha inspiração acontecesse efetivamente e fosse até o fim.

Sendo assim, a palavra entusiasmo merece um destaque neste capítulo, porque creio que seja um sentimento que me acompanha até hoje e me estimula, me dá coragem toda vez que preciso alçar novos e ousados voos.

Muitas vezes, quando tenho uma ideia que vejo como inovadora em algum sentido, sinto o entusiasmo me confirmando que estou no caminho certo:

— Mas isso alguém já fez – respondem alguns diante da minha ideia.

— Mas a gente pode fazer diferente, pode montar isso com outras referências aqui e ali – eu insisto.

Essa certeza de que a minha proposta faz sentido é gerada justamente pelo entusiasmo, que é o ingrediente de muita força dentro de um processo onde há líderes e liderados, há protagonistas, coadjuvantes e plateia.

Tudo novo, para um novo voo juntos!



---

## **#TudoComCH**

### *Decifrando o desconhecido*

O MBM fez um trabalho importante para a Candura, uma fábrica de produtos de limpeza localizada em Piracicaba. A companhia estava em uma fase de crescimento nacional e precisava de uma ação de mídia nesse nível de abrangência.

Elaboramos o projeto de um comercial de televisão para eles, que foi veiculado em muitas regiões brasileiras. Foi muito interessante, porque participamos desse processo de promoção da imagem dela em algumas regiões, como o Sul de Minas Gerais e em cidades como Sorocaba e Campinas.

Foi um trabalho marcado pelo profissionalismo, que aconteceu devido ao entusiasmo de vencermos um desafio: fazer um comercial de televisão. Na época, aprendemos muito sobre os tipos de mídia, padrões exigidos pelas emissoras, qualidade da imagem, contratação de elenco, elaboração de roteiro, uso do rótulo com tridimensionalização do produto... A maioria dos fatores dentro desse processo eram novos para nós, pois nossas ações de marketing envolviam outras plataformas.

Sem dúvida alguma, essa foi uma ação que exigiu muito entusiasmo de nós, porque a cada exigência ainda tínhamos que descobrir como fazer e poderíamos ter desanimado, mas acreditamos na nossa capacidade de vencer o desafio.

Com esse trabalho, entendi que o entusiasmo muitas vezes vem para compensar, nos ajudar a decifrar o desconhecido, vencer o medo de executar algo que nunca executamos. O entusiasmo surge como um mentor.

---

## O SUCESSO NOS RODEIA

Quando falo sobre essa fase de tantas descobertas sobre meu potencial com a empresa e o modo de equilibrar meus protagonismos, me lembro muito da minha tia Maria Regina (conhecida como Rê Fernandes). Ela foi uma mulher fantástica, que se tornou um nome importante do design no Brasil.

Na década de 60, ainda jovem, mas já com três filhas, ela foi para Pittsburgh, nos Estados Unidos, estudar Design, e fez parte do grupo que trouxe a teoria da cor ao nosso país, e então escreveu um livro sobre isso, chamado “Da Cor Magenta, Um Tratado Sobre o Fenômeno da Cor e Suas Aplicações”, pela editora Synergia.

Minha tia se tornou referência na minha vida muito antes da minha carreira profissional ter início. Quando meu pai morreu e ficamos eu e meus irmãos com nossos avós, a presença da tia Regina foi muito forte. Ela nos levava à praia para respirar novos ares e, de certa forma, até fez o papel de mãe – um pouco mais light – que se perdurou desde nossa infância até parte da fase adulta. Cerca de um ano depois que meu terceiro filho nasceu, ela descobriu que estava com câncer no ovário e acabou falecendo.

Jamais vou me esquecer de como ela me deu subsídios teóricos para construir a Casa de Noel. Foi ela também que me fez sonhar desde criança em ter uma casa e formar uma família. Ela me dava papel, lápis de cor e falava:

– Vamos desenhar uma casa com um lago e patinhos!

Tia Regina também me estimulou a viajar, estudar artes, música e teatro, porque ela trabalhava com isso, era professora de cores, de artes, cenógrafa, cinema, enfim... uma grande artista.

Quando pensei em montar o conceito da minha empresa baseado nas cores, ela também me orientou na elaboração desse projeto.

Quando minha mãe faleceu, ela me visitou bastante e me deu muito apoio. Sem dúvida alguma, foi uma pessoa que expressou muito amor por mim durante todo o tempo que esteve viva, ao nosso lado.

Hoje, depois da sua morte, percebo que a grande referência de entusiasmo e valorização dos relacionamentos na minha vida veio dela. Porque ela dizia exatamente essa frase:

– Sucesso é tudo aquilo que acontece, sabe por quê? Porque aquilo que acontece é aquilo que sucede, que gera sucessão, sucesso.

Tia Regina era uma pessoa de alma voadora, tinha uma identificação muito forte comigo. Nós tínhamos uma relação muito parceira.

Eu não a colocava em um pedestal, assim com ela também não me olhava de cima. Nós dois olhávamos para o lado e víamos um ao outro.

Ela sempre tinha uma palavra de estímulo, era uma pessoa que eu tenho muita saudade, porque foi muito brilhante, alguém que era da minha turma, independentemente da idade.

Por ser uma pessoa com asas, se hoje consigo voar, não tenho dúvidas de que foi ela quem me ensinou.



---

## **FALANDO COM A MASSA**

### *A arte que promove vida*

Toda ideia criativa começa no silêncio do EU. Se você quer fazer acontecer, comece a realização por convencer a si mesmo de que ela é possível, com entusiasmo e muita energia.

Trabalhando com marketing, publicidade, mídia, eventos e consultoria, encontro-me com meu maior talento e entendo o propósito de mantê-lo vivo.

Eu gosto de fazer comunicação! Gosto de falar para muita gente ao mesmo tempo! Gosto de abraçar as pessoas e entregar para elas o que tenho de melhor. A minha arte é a palavra.

Pela arte da música, da dança, do teatro, da escultura, do desenho, da fotografia, da pintura, da arquitetura e do design eu vivo alimentado.

**A arte me alimenta, me dá vida e traz grande contribuição para as minhas ideias.**

Em um berço cheio de arte, recebi como herança a sensibilidade de enxergar o mundo como um lugar possível.

Neste manifesto, falo àqueles que, como eu, respiram arte, para juntos lembrarmos o que ainda resta de um mundo bom. Não é loucura. Não é devaneio. Não é sonho impossível. É o ser humano acreditando no seu melhor como presente para o outro.

Eu acredito que a magia acontece quando gente boa se une para criar.



*"A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível"*

**LEONARDO DA VINCI**

**CIENTISTA, MATEMÁTICO, ENGENHEIRO, INVENTOR, ANATOMISTA, PINTOR,  
ESCULTOR, ARQUITETO, BOTÂNICO, POETA E MÚSICO ITALIANO**

# A arte sempre é arte, não importa o tempo.

Sempre que compartilho a minha história e a caminhada como protagonista até aqui, fica cada vez mais claro que a arte teve – e sempre terá – um papel essencial em toda a jornada. Seja pela música, pintura, dança, teatro, as manifestações artísticas têm um lugar muito especial na minha vida, de forma que sem ela o meu protagonismo estaria incompleto.

Na minha história, está bem claro que a arte não tem idade e suas manifestações foram intergeracionais, de forma que aprendi com meus avós, meus pais, tios, irmãos e primos, com cada um deles dando sua contribuição preciosa nessa construção do meu protagonista.

A primeira das modalidades artísticas mais importantes a marcar essa minha caminhada foi a música. Não só por parte da minha mãe, mas principalmente pelo meu avô, que ajudou a fundar a Escola de Música de Piracicaba. Ele cantava tangos e boleros na rádio com seus amigos Cobrinha e Mauro Vianna, e desde mais novo na rádio com seu primo Ramon Vidal.

Minha mãe e todo o talento dela se encaixavam em um contexto familiar mais amplo. Ela cantava e tocava piano, minhas tias também tocavam o mesmo instrumento, meu tio tocava violino e assim a música dava um belo passeio pela nossa família.

A música sempre foi muito presente, ao ponto de a família criar forte identificação com outras pessoas tendo essa arte como um vínculo de aproximação. Exemplo disso foi dona Neyde, professora de piano. Ela se tornou tão próxima da família, que era uma de nós.

Além da música, também fomos muito influenciados pelo desenho e a pintura, e um dos canais de entrada dessas artes em nosso lar foi por meu

tio Fernando e também pela minha tia Regina, que sempre foram muito presentes em nossas vidas.

Tio Fernando é um grande artista gráfico que trabalhou na extinta TV Manchete e na Rede Globo e toda nossa infância foi marcada pelos lindos desenhos que ele fazia para nós, além de suas aquarelas, e projetos de identidade visual para grandes marcas. Já tia Regina pintava quadros lindos e estudou artes no Estados Unidos, tornando-se uma renomada teórica das cores. Além deles, minha mãe também amava desenhar, comprovando assim sua multiplicidade de talentos.

A terceira modalidade que me marcou muito nesse desenvolvimento do meu protagonismo foi a dança. Minha tia Dirce Lacôrte foi fundadora da principal escola de dança de Piracicaba – o Studio 415 – e teve até escola de dança na capital. A filha dela, minha prima Mai – já falecida – também era uma grande bailarina. Minhas tias Ana Lúcia Cobra Lacôrte e Lúcia Lacôrte também representavam bem a arte no nosso cotidiano. Então, tínhamos muito forte a presença da dança e do balé na família.

A quarta modalidade artística que marcou bastante a família e por consequência o meu protagonismo foi a fotografia. Contemporâneo do renomado pintor e escultor espanhol Pablo Picasso, meu bisavô espanhol veio para Piracicaba e foi um dos primeiros fotógrafos do interior de São Paulo. Depois, minha tia mais velha – a mesma que abriu a escola de balé – se casou com um grande fotógrafo, Lacôrte, que também trazia essa arte como uma tradição de família, e isso só fortaleceu essa manifestação artística em nossa casa. As fotografias social e artística sempre foram referências para nós.

Como quinta modalidade artística que me influenciou consideravelmente posso citar o teatro. A verdade é que como publicitário me sinto um ator social, porque na mesma proporção que o ator pode se vestir de qualquer personagem que queira ou precise interpretar no palco, na publicidade também preciso me vestir com os valores e necessidades de cada empresa ou pessoa que se torna minha cliente.

Então, não deixo de ser um ator social e corporativo, porque assumo esse papel pela empresa de alguém, como um agente que está levando ao público a informação que ela precisa divulgar.

Sem dúvida alguma, o teatro foi importante para me ajudar a assumir vários personagens corporativos ao mesmo tempo.

## A VIDA IMITA A ARTE

Fato interessante é que cada uma dessas manifestações artísticas me influenciou positivamente e ajudou de uma forma muito bonita e notável a desenvolver o meu protagonismo. No caso da dança, ela me ensinou um pouco sobre o ritmo da vida.

É bem verdade que, quando tive meus primeiros contatos com a dança, mal sabia sobre a vida, mas quando comecei a aprender sobre a vida já sabia bastante sobre dança e isso me ajudou a olhar para o meu protagonismo de uma forma bem mais proativa e resiliente.

**Compreendo que, assim como a dança, a vida tem movimentos altos, baixos, bruscos, suaves, às vezes alegres como um samba, às vezes cheios de charme como um jazz e às vezes dramáticos como um tango.**

De forma prática, a dança me ajudou a lançar um olhar mais dinâmico sobre trabalhos, como a organização de um evento. De forma ideal, ele funciona exatamente como uma coreografia, pensada, planejada, ensaiada e cronometrada, para que no momento da apresentação sua estética seja impecável, bem como a verdade, a mensagem nele transmitida, precisa carregar sua essência.

Já o desenho e a pintura tiveram forte influência sobre meu trabalho como publicitário, porque são artes muito presentes nessa profissão. Quando vou fazer um esboço, o planejamento visual de alguma coisa, logotipo, tudo isso precisa muito do desenho. Desde criança, sempre gostei de desenhar e essa arte não ficou apenas no “gostar”. Acabei aprimorando técnicas e adaptando-as para meu ramo profissional.

A cada dia mais compreendo o quanto o desenho foi – e ainda é – muito importante para meu trabalho como um movimento estético para o planejamento. É bem verdade que a essência de um projeto é extremamente importante, mas entendo que o formato também precisa estar à altura, para apresentar a proposta de forma digna. O desenho tem justamente essa força de ajudar a esclarecer as ideias.

Da mesma forma, a pintura me ajudou a formar meu senso estético de proporção, cores e contrastes para dar aos projetos a beleza, suavidade ou força que eles merecem, conforme suas propostas.

Com isso, já deu para ver que sou uma pessoa muito voltada à imagem – não simplesmente de aparência, mas sim com o objetivo de traduzir a essência

em um formato que seja merecido, fidedigno. Então, seguindo essa linha, entendo que a fotografia também entra nesse conjunto de influências, pois ela representa esse congelamento de momentos e imagens que vão se tornar importantes de forma quase eterna. Desde a infância até hoje a fotografia ganhou para mim um significado muito importante, porque ela qualifica, quantifica, recorta uma postura, nos marca e dela vem a linguagem do vídeo.

A união dessas linguagens artísticas me torna um profissional preparado para liderar, emitir comunicação, elementos de economia criativa e principalmente refletir, saindo do meu cotidiano para ter ideias e projetos inovadores.

**Essa confluência das modalidades artísticas é um grande estímulo para profissionais que querem acertar nos projetos e trabalhos que executam. Representa uma verdadeira união de forças.**

Pessoalmente, essa união das linguagens artísticas me motiva todos os dias para que eu desenvolva a minha busca pelo autoconhecimento, e uma das formas mais importantes que utilizo para o autoconhecimento é a arte, pelo acesso às emoções que são geradas por meio das suas expressões estéticas.

## **MOVIDO À MÚSICA**

Sem dúvida, a música é um motor muito grande para mim, pessoal e profissionalmente.

Exemplo dessa grande influência que a música traz é a Casa de Noel, meu principal projeto musical e que tenho como um tesouro da minha carreira, pois foi um dos primeiros que desenvolvi. Da mesma forma que preciso comer, beber água e descansar, preciso ouvir pelo menos meia hora de música todos os dias. No meu fator pessoal a música tem uma fundamentação e importância muito grandes, salvando o meu olhar para muitas questões mal resolvidas. É essa arte que geralmente me traz uma frase, uma melodia, que são capazes até de amenizar algum sentimento ruim ou aflorar sentimentos bons, quando a playlist encaixa bem com o momento.

**Apesar de ser verbal, a música também tem uma grande carga de sensibilidade não verbal, conforme o acorde, a nota, conforme o instrumento, as nuances e melodias, e por isso consegue gerar resultados maravilhosos.**

Creio que às vezes a música tem o poder de resolver coisas que eu nem sei que precisam ser resolvidas, porque ela aguça muito a sensibilidade e a percepção – a começar, obviamente pelas áreas artística e criativa.

Então, sempre que me sinto desafiado, quando preciso escrever um grande projeto que precisa de uma atenção ou de um olhar mais sensível para entender seu público, recorro à música como um elemento de estímulo, porque ela me traz a emoção do riso, do choro, a introspecção e também o extravasar de sentimentos.

Essa arte tem um poder muito grande sobre mim, inclusive porque hoje dependo da música como um elemento agregador de valor. Se eu fizer um evento, por exemplo, e ele tiver música, isso deixa a ação mais incrementada, sem dúvida. Ou se eu fizer uma reunião, em algum momento da apresentação, vou passar um trecho de uma música, porque entendo que uma letra/melodia bem escolhida tem um poder de mobilização social muito alto.

## **A SENSIBILIDADE DO DESIGN**

Nas minhas lembranças, tenho o registro de que desde criança sempre gostei de artigos e produtos que carregam consigo um conceito ou padrão – estético ou de status – de alto valor, e que não podia ter na época por serem muito caras e eu ainda não ter dinheiro suficiente para comprá-las – nem mesmo minha família. Sou muito sensível àquilo que acredito ser bonito e também entendo que esse conceito pode ser estabelecido, tanto de forma coletiva quanto individualmente.

Cada um tem um senso de beleza e é influenciado de alguma forma – muito ou pouco – por ele. O meu senso de beleza me move muito e enxergo que o design tem essa lição de organizar e dar forma justamente àquilo que ainda não tem definição, mas principalmente de organizar na minha mente esse entendimento de forma, conteúdo e função.

**Além do design movimentar muito o olhar estético-ético, ele lança sobre as nossas mesas um questionamento: o que é beleza?**

O design consegue aplicar função e forma para coisas que talvez as pessoas não percebam que são tão importantes dentro do processo criativo de trabalho. Desde a definição de uma cor de paredes em um projeto que estamos

inseridos até a construção do cenário de um evento, o design está presente em todas essas aplicações.

O design exige e ao mesmo tempo aguça a sensibilidade do profissional que decide aprender e trabalhar com ele. Afinal, sensibilidade é indiscutivelmente essencial nessa área. Sabendo disso, você pode me questionar:

— Mas Bruno, até que ponto essa sensibilidade é algo nato e a partir de que ponto isso pode ser desenvolvido?

Na verdade, creio que a sensibilidade tem muito a ver com as experiências que cada um vivenciou ao longo da vida. No meu caso, a sensibilidade foi realmente fruto de um grande aprendizado, mesmo que não intencional. Algumas coisas me aconteceram e que não queria que tivessem acontecido, me causaram dores naqueles momentos específicos, mas depois me ensinaram que eu tinha força para superá-las e, ao mesmo tempo, sensibilidade para perceber a existência delas.

Essa sensibilidade que acabei desenvolvendo tem uma relação muito forte não simplesmente com fatores externos, mas antes de mais nada, com questões internas, com meu processo de autoconhecimento. A sensibilidade vem com o enfrentamento e não com a fuga de situações.

**O protagonista sabe lidar com as questões que apareceram e surgem na sua vida e esse processo exige dele o desenvolvimento da sensibilidade.**

Para o protagonista, ter sensibilidade é muito importante e, muitas vezes, ela reside no ato de se colocar no lugar do outro, compreender limitações dentro de uma equipe, compreender suas próprias limitações, dificuldades e superações diante de alguns processos criativos.

Hoje entendo que a sensibilidade contribuiu imensamente para meu protagonismo, porque me ajudou a criar coisas inovadoras, além de conseguir mesclar de forma muito equilibrada sentimentos e questões humanas, com questões e sentimentos ligados ao meio corporativo e empresarial, tornando assim esses processos mais humanizados e ao mesmo tempo viáveis.

## **MULTIMÍDIA TAMBÉM É ARTE**

Quando falo na convergência de todas essas modalidades artísticas somadas a uma boa dose de sensibilidade, entendo que nos dias atuais essa aborda-

gem ficaria incompleta se eu não considerasse a multiplicidade de opções de mídia existentes. Digo isso porque, acima de tudo, ser um profissional multimídia também é uma forma de se expressar. E o que é a arte senão a variedade das formas de expressão?

No meu caso, por exemplo, ser multimídia foi uma expressão artística sim, porque reuniu vários desses elementos que descrevemos no início deste capítulo, como me relaciono com eles e como eles foram referências para mim.

Sobretudo acredito que, à medida que agregamos novas mídias às nossas formas de expressão, entramos em um processo de autoconhecimento e isso gera muita força, porque muitas vezes, ao expormos vários talentos diferentes que são complementares, podemos trazer uma imagem errada de que não somos competentes, como se estivéssemos navegando à deriva.

Descobri isso e enfrentei o conceito pré-estabelecido de que “quem é multitarefas não faz nada direito”, que também é aplicado às artes por muitos que nem mesmo têm profundidade artística. Aos poucos, consegui mudar essa mentalidade em muitas pessoas com quem e para quem trabalhei.

Com o tempo, consegui mostrar que os diferentes trabalhos que desenvolvo conversam entre si e também mesclam minhas aptidões e talentos artísticos, se tornando uma manifestação sobretudo da minha personalidade múltipla, que busca diferentes formas de expressão nas várias artes de referência e formatos de negócios, de mercado, de inovação.

Foi durante a pandemia que o senso de sobrevivência se uniu à multimedialidade e consegui, mesmo com tantas dificuldades, criar e participar de vários projetos inovadores. Com minha amiga Julia Simões e um grupo de técnicos de som, áudio e vídeo das empresas EcoSound e LifeFilm Produtora, montamos um estúdio de lives que produziu muito conteúdo com uma estrutura fantástica. Aprendemos novas linguagens multimídia e movimentamos parcerias. Participei também das atividades do estúdio da Multimagem, parceira do MBM Escritório de Ideias há muitos anos, com a apresentação de uma agenda de *talk shows* online e minieventos. Ainda como forma de atuação criativa, apresentamos o espetáculo Casa de Noel online, em parceria com Popin e Drogal.

## A ARTE E OS NOVOS TEMPOS

Como alguém que tem manifestações artísticas e ao mesmo tempo trabalha com multimídia, entendo que a arte tem um papel muito importante na formação dos novos tempos. Independentemente da tecnologia, conseguimos manter a essência artística. E qual seria a essência da arte?

**A essência da arte é a livre expressão, a livre entrega e a crença que vai além dos padrões normais de uma sociedade.**

Por isso creio plenamente que a arte se manterá e será cada vez mais entendida como uma parte importante do nosso cotidiano e até mesmo dos nossos negócios. Em primeiro lugar, porque ela consegue nos manter conectados à nossa matriz humana, nossa origem, nosso comportamento em devidas épocas. Ela toca líderes e colaboradores, mundo corporativo e a sociedade. A arte integra e por isso entrega.

Em segundo lugar, porque ela nos estimula de uma forma muito natural a buscarmos sempre o nosso melhor, novos aprendizados com uma série de outros elementos. Sem dúvida, creio que essa busca leva o ser humano a avançar dentro das eras e marcar sua época com novas descobertas.

Independentemente de qualquer outra tecnologia, a arte nos leva à origem da nossa intenção primária, que não é simplesmente ganhar dinheiro e sim gerar uma sensação, expondo nossos sentimentos de forma livre e recebendo isso de fora.

Há quem discorde de mim, mas não deixo de acreditar, que de forma geral, a tecnologia não irá matar a arte, porque as expressões artísticas não estão presas a formatos ou épocas. Arte é sempre arte, não importa a plataforma em que se desenvolva ou se apresenta.

Atualmente vemos muitos aplicativos e outras ferramentas digitais que se valem da arte e do próprio design para alcançar seu público. Por mais que a pretensão da arte não seja chegar ao público e ter tantos resultados, por mais que a intenção direta não seja essa, é isso que acontece.

Não posso deixar de reconhecer – e temer – um possível “empacotamento” das expressões artísticas pela tecnologia, porque há muitas coisas nos dias de hoje que possibilitam uma reprodução em massa de “produtos artísticos”, como aplicativos que dispõem de templates, por exemplo. Cada

um daqueles modelos ali disponível é resultado da expressão artística de alguém. Por isso vejo o perigo da arte sendo “pasteurizada” em certas ocasiões.

**Como evitar essa pasteurização da arte? Ainda não tenho a fórmula dessa vacina, mas creio que a prevenção não esteja em demonizar a tecnologia, e sim usá-la sempre a favor da arte, nunca abandonando o toque humano, analógico e real.**

Exemplo disso seria provocar o contato das pessoas que estão no seu guarda-chuva de protagonista com expressões mais genuínas, manuais, orgânicas, artesanais, enquanto a tecnologia contribui com uma plataforma eficiente para a exposição dessas interações, estimulando assim que essa prática avance e se multiplique.



---

## #TudoComCH

### *Arte e negócios*

Ao falar sobre a minha intensa relação com a arte e suas múltiplas influências, lembro de um projeto que desenvolvi, quando licenciei no Brasil os papéis de parede de dois artistas, o brasileiro Marcelo Gimenes e o holandês Jaap Snijder. Foi um trabalho que ilustra de forma prática essa relação entre arte e negócios e como os dois podem conversar e gerar ótimos resultados.

Fui chamado pela companhia holandesa para licenciar no Brasil o papel de parede deles. Seus produtos são pintados à mão, porém têm uma linha transformada em painéis digitais para uma escala mais comercial.

Fui contratado para fazer um trabalho de prospecção no Brasil e acabei encontrando uma fábrica que poderia produzir os papéis de parede dessa empresa em solo brasileiro, após a licença ser concedida.

Hoje, essa empresa faz parte do portfólio da marca de papéis de parede. Os papéis de parede são vendidos em rolos, em painéis para fazer as sequências e como as matrizes do produto são pintadas à mão e depois digitalizadas, eles são exclusivos. O que conseguimos fazer? Unir a arte desse trabalho – de altíssima qualidade – ao poder de alcance e praticidade que a tecnologia tem.

Para atrair os clientes, investimos na divulgação do portfólio valioso que a empresa tem por desenvolver projetos para grandes famílias e até castelos da Europa, além de sua forte presença na mídia mundial. Então, divulguei esses fatores diferenciais em São Paulo – capital e interior.

Chegou o momento em que eu estava preparado para cuidar desse licenciamento. Então, acompanhei também o processo jurídico de contratação do design, ajustes e fornecimento dos arquivos. Apreendi muito na relação com o advogado que comigo redigiu os termos do documento de licenciamento e, claro, com os talentosos designers que sempre foram muito generosos com meu trabalho. O fabricante esteve entusiasmado desde o começo e isso refletiu muito no sucesso da parceria.

Eu gosto de citar esse case porque, sem dúvidas, é um ótimo resultado da união equilibrada entre arte e negócios.

Cuidamos do projeto de licenciamento e tive muito prazer por desenvolver esse trabalho de grande valor, que não deixou de respeitar a sensibilidade artística de um produto com matriz artesanal.

---

## O SUCESSO NOS RODEIA

Em toda minha trajetória profissional e pessoal influenciada pela arte, creio que vale a pena destacar pessoas que muito significam para o incentivo dentro de uma manifestação artística que hoje considero o meu combustível para a vida como um todo: a música.

Minha mãe e meu avô materno, sem dúvida, merecem lugar de destaque por claramente me inserirem de alguma forma na música – cada um a seu jeito, logicamente. Enquanto minha mãe vivia uma musicalidade completamente livre e visceral, meu avô – com seus tangos, boleros e serestas, a fundação da Escola e o incentivo aos filhos – me mostrava uma manifestação musical totalmente associada à disciplina, estudos e dedicação.

Meu amigo Hermes Petrini e sua família são também forte referência por respirarem música e tê-la de forma visceral em suas trajetórias de vida, inclusive com presença garantida em todas as edições do musical Casa de Noel, desde o ano 2000.

A professora de canto e coral Malu Canto foi muito importante para o despertar do meu potencial vocal. Fizemos muitas aulas em sua casa, ao piano, e não raras vezes com a presença de seus seis filhos e o professor Gil, seu marido e meu amigo.

A parceria com a cantora Wana Narval me proporcionou entender a leveza da entrega, a emoção como fator indispensável, a disciplina como tônica e a cumplicidade no palco. Nossas performances de Natal são repletas de mensagens e experiências espirituais. Sempre foi muito rico acompanhar meus amigos Aline Nunes, Alê Antunes, Ana Foizer, André Grella, Aninha Barros, Augusto Vecchini, Camilo, Carol Laudissi, Douglas Simões, Du Helene, Du Quadros, Eloy Porto Neto, Frank Tuba, Henrique Cândido, Janu, Juca Ferreira, Julia Simões, Laura Laguber, Lu Garcia, Lucas Galli, Marcia e Murilo, Marcos Moraes, Márcio Sartório, Mário Brito e Marina Falda, Nereu, Ramon Saci, Sandra Rodrigues, Zazá e Rafael, entre tantos outros.

Meus tios Rê Fernandes e Julinho Villani, que se conheceram num navio e tocaram a vida juntos por vários anos, com escaleta e piano.

A eles, minha gratidão por me apresentarem esses dois lados tão fascinantes dessa arte. Profissionalismo e liberdade juntos em prol da vida!

## FALANDO COM A MASSA

*A arte que promove vida*

Arte, ar, ter, terra, tear. O primitivo do ser em CORES. Certa vez viajei em uma reflexão sobre as origens e o ser que pulsa, que reconhece sua carga dramática e enxerga o futuro com determinação.

Tendo meu rosto como tela tridimensional e transitória, meu rosto colorido em uma foto provoca uma conversa animalésca entre luz e cor.

Olhos, nariz e boca formam muito mais que um rosto: eles são a pura expressão de uma alma inquieta, cheia de sonhos e amor sagaz.

Na cor e na luz, a existência cheia de buscas encontra sua essência, como se estar pintado fosse a condição mais natural, primitiva e sobretudo política, compatível com minhas experiências e entregas. Arte nos olhos, no corpo, inteiro, na boca, nas palavras.

Um ser humano intenso e que acredita que suas ideias pousam no sucesso.





























TED<sup>x</sup>

RioPiracicaba

x = independently organized TED event



TED RioPiracicaba





I ❤️ DIRA

Já que tá que fique

PORRRRR

Já que tá que fique

MUNDO

dome ABRAÇOS

amamos a nossa FAMÍLIA

eta

2+

arapahá do gnio







*"Quanto mais nos elevamos, menores parecemos aos olhos daqueles que não sabem voar"*

**FRIEDRICH NIETZSCHE**  
FILÓSOFO ALEMÃO

# Para alguns, o voo tem pouso no sucesso.

Se eu fosse montar uma linha do tempo desde 2005 até hoje, poderia avaliar meu protagonismo em diversas áreas e momentos marcantes em cada uma delas.

Falando sobre a empresa, por exemplo, creio que a primeira avaliação importante em relação aos avanços que marcaram essa trajetória é ter conseguido estabelecer o MBM Escritório de Ideias em um parâmetro fora de uma linha de concorrência direta, com outros players do mercado de comunicação.

Ressalto isso como uma conquista, porque conseguimos nos desenvolver como uma empresa muito versátil, customizando projetos em cinco unidades de negócios para atender clientes que buscam soluções em marketing. Essas cinco unidades de negócio são: eventos, mídia, relacionamento, consultoria e produção de conteúdo.

Avalio esse avanço como uma evolução muito progressiva, acima de tudo porque criamos um modelo novo, diferente, customizado de negócio, e acabamos aprendendo enquanto praticamos. Do início até aqui a empresa desenvolveu mais de 400 projetos nessas cinco áreas e em outras que talvez não sejam mais nosso foco, porque é preciso ter muita clareza da nossa missão de mercado.

Passamos por trajetórias muito interessantes e desenvolvimento de projetos muito exclusivos e específicos, e que talvez hoje formem muito mais que meramente um portfólio, mas sim experiências realmente significativas, processos que se desenrolaram com determinação e sucesso.

## MAIS QUE PORTFÓLIO, EXPERIÊNCIAS

Me lembro quando fomos chamados pela MGA Recursos Humanos, de Piracicaba, em parceria com o Citibank, para desenvolver um evento para empresários que teria o economista Maílson da Nóbrega como palestrante.

Tínhamos só 20 dias para fazer esse evento de grande porte e extrema relevância, e felizmente fomos muito bem nesse projeto. Cuidamos de toda a estrutura para que a ação fosse um sucesso e – assim como tantos outros projetos – a situação nesse caso era termos um budget justo e muito a fazer.

**Nunca chamamos nossa empresa de agência de propaganda, porque ela é um escritório de ideias, onde temos várias pessoas e cada um de nós somos como mesas, com suas gavetas, e em nossos cérebros armazenamos muitas e muitas ideias e iniciativas práticas para servirem aos interesses criativos dos nossos clientes.**

O MBM é uma empresa que consegue desenvolver desde um evento para 20 pessoas até uma grande feira ou exposição. Temos muitos produtos dentro dessa dinâmica, num hub de soluções e ideias que colocamos à disposição dos nossos clientes. Eles compreendem, acima de tudo, que qualquer projeto para o fortalecimento da imagem de empresas ou pessoas precisa ter algo muito importante: se é um projeto para atingir um determinado público, é preciso identificar quem é esse público.

Em nossa trajetória, nos especializamos em customizar projetos diferentes para públicos diferentes, desde que tenhamos exatamente o conhecimento de qual é esse público. É infantil? Temos a Casa de Noel! É formado por moradores, síndicos ou empresas do setor condominial? Temos a Feira dos Condomínios e do Bem Viver! É um público que está construindo, reformando, decorando? Temos o Village Arte Decor, uma mostra de arquitetura, decoração e paisagismo. Se é variado, que está em busca de informação, pautamos e apresentamos projetos de rádio. E assim também criamos e customizamos campanhas de posicionamento e inserção de mercado.

Creio que conhecer o público é um dos nossos maiores talentos. Mas não só isso, temos também as consultorias para posicionamento de empresas e pessoas no mercado, em suas respectivas áreas de atuação.

Como vou falar de um hospital sem estudar o funcionamento dele? Se um hospital é o meu cliente, então preciso fazer uma imersão nessa

realidade para desenvolver bem esse projeto e creio que essa facilidade de apropriação, de compreender diferentes realidades e contextos, tem muito a ver com meu perfil.

Tenho um perfil muito versátil e ao mesmo tempo com facilidade de me aprofundar em diferentes contextos, o que possibilita a total personalização do meu trabalho. Atendo cada um dos meus clientes de forma diferente, completamente adequada à realidade deles.

Vejo isso como algo positivo para o perfil de profissional de comunicação e estratégia, que apresento como riqueza dentro do nosso negócio, fruto de um processo investigativo, imersivo, um briefing muito bem-feito, sempre nos colocando como parte do time dos nossos clientes, como parte da família corporativa deles, como parte de sua equipe, com quem eles lidam diariamente.

## **GRANDE EVOLUÇÃO**

Quando olho para essa linha do tempo que propus traçarmos no início deste capítulo, vejo que desde 2005 nosso MBM Escritório de Ideias só evoluiu! Primeiro, porque tivemos a coragem de sair de uma esfera competitiva com outras empresas de comunicação e nos arriscar em algo fora dos formatos já conhecidos em nosso métier. É claro que existem algumas competições por verbas, mas não quisemos competir no campo das ideias. Praticamente todos os projetos próprios que temos – fora as linhas de propostas que desenvolvemos para terceiros – foram criados do zero, porque inventamos o que queríamos fazer e no que queríamos trabalhar.

Levou um bom tempo até que o mercado compreendesse esse outro tipo de esfera competitiva que estávamos propondo. Algumas agências de publicidade e propaganda nos ignoravam e nos julgavam como “soberbos”, porque propúnhamos oferecer um prisma bem grande de serviços em nossa área de atuação. A verdade é que sempre gostei de novos desafios e foi assim que o MBM se posicionou durante quase 20 anos, como um portal que capta as necessidades de seus clientes. Se há algo que nossa equipe não consegue fazer, com muita humildade buscamos os melhores profissionais para desenvolver a atividade e, na medida do possível, aprendemos com aquela situação nova.

Hoje, nossa carteira conta com mais de 100 fornecedores e parceiros diretos em projetos. Já realizamos mais de 400 projetos, mas não é incomum que terminemos o ano com 50 ações diferentes, nas áreas de eventos, consultoria, relacionamento, mídia e conteúdo.

A evolução ao longo dos anos foi essa: fazendo alguns tipos de serviço, entendendo quais atividades não eram do nosso core business e alinhando nosso atendimento sempre com esse foco de customização de ideias criativas e de possibilidades produtivas. Isso nos credenciou como uma empresa que alavanca a economia criativa do setor, de juventude que empreende e de gente que não tem medo de inovação, que busca todos os elementos humanos e tecnológicos para poder gerar as cinco unidades de negócio da minha área de atuação.

## **VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA PARA ENSINAR**

Mesmo com quase 25 anos de carreira, sei que ainda tenho muito a aprender, mas confesso que com este livro estou assumindo a minha senioridade como profissional. Meu processo está em um estágio muito satisfatório e agora começo a entender que preciso buscar novos voos.

Quando olho para todos esses anos que se passaram, percebo que ainda estou saindo de um front executivo. Sempre fui um profissional de execução. Se havia um evento, colocava as mãos na massa para fazer tudo: desde a lista, passando por desenhar o evento inteiro, até coordenar a ação no dia e receber os convidados. Hoje digo como deve ser feito, eu ensino e sei delegar mais.

Parto de uma esfera executiva, de ser alguém que estava na ponta da produção e execução das coisas, para ser alguém que passa para a ponta da informação, compartilhada e ensinada. Passo a ter essa certeza porque já fiz diversos trabalhos nos quais a minha experiência adquirida possibilita a segurança para ensinar outras pessoas. Se você me perguntar:

— Bruno, quantos eventos você já fez na sua vida?

Sem dúvida vou responder que já perdi as contas e que isso está na casa das centenas! Hoje me sinto qualificado com essa evolução. Enquanto em 2010 eu fazia muito mais do que ensinava, hoje quero ensinar, orientar muito mais do que faço.

Em ambas as épocas, tanto em 2010 quanto hoje, não consigo viver sem uma palavrinha chave: compartilhar.

Esse compartilhamento me faz sentir como se estivesse em um jogo de tênis, com a bolinha indo e voltando o tempo todo. Gosto desse movimento, dessa troca com todas as pessoas que trabalham comigo. E sinto nessas pessoas o entusiasmo, que é uma das coisas que me movimenta. Como já mencionei em outro capítulo, o meu Deus pessoal é entusiasmado no realizar, nesse processo da ideia que é só minha, que vai para o papel, que do papel contagia as pessoas em volta, fazendo com que elas consigam contagiar as pessoas em volta delas e, a partir desse momento, passamos para a execução prática da ideia.

## **NOS SINAIS DE DEUS, VEMOS QUE NOSSA LUZ NÃO VAI SE APAGAR!**

Os sinais de Deus em nossas vidas mostram que o caminho pode ser cansativo, mas que o final da estrada sempre é iluminado. Esses sinais têm me acompanhado por toda minha trajetória. Em uma ocasião, voltando para casa após dois dias de trabalho no Hotel Jerubiaçaba, em Águas de São Pedro, eu olhava a estrada pela janela do ônibus e pensava: “Como posso estar trabalhando tanto e o dinheiro não ser suficiente? Eu trabalho, trabalho, trabalho e as contas são mais altas do que posso pagar. Tem boleto de tudo, tem salário de funcionário, tem aluguel, tem cartucho de impressora... será que estou esquecendo alguma coisa? Ah meu Deus, a conta de luz, será que eu paguei? Já está muito atrasada, não dá para cortar, meu Deus!”.

Liguei na minha empresa e perguntei para uma funcionária:

- Já pagamos as contas de luz atrasadas?
- Precisamos pagar pelo menos uma – ela respondeu.
- E tem que ser hoje?

Ela me disse que sim e que o valor era R\$ 290,00. Eu não tinha nada muito além do troco do ônibus que havia tomado para voltar desse trabalho. Me deu um desânimo, uma tristeza, uma preocupação. Como eu ia pagar aquela conta com tanta urgência? Como ia conseguir o dinheiro?

Vinte minutos depois me liga a funcionária.

— Bruno, você não vai acreditar. O Pacífico, nosso cliente, passou aqui no escritório. Ele trouxe um dinheiro que disse ser da última parcela do projeto de divulgação do produto dele.

Você consegue adivinhar qual foi o valor que o Pacífico deixou para a gente na empresa?

Sim, R\$ 290,00! Sua luz não se apaga se você acredita nela.

Deus protagoniza nossa vida para podermos ser protagonistas.

## **PROTAGONISMO QUE ENSINA**

Acho muito bonito o que estou vivendo. Estou muito mais disposto a ensinar, a colocar as experiências que vivi a favor de pessoas que tenham um perfil parecido com o meu e, sem dúvida, minha trajetória de protagonismo faz parte desses ensinamentos que quero repassar.

Sei que as manifestações artísticas na minha vida desde a infância me geraram certa familiaridade com o palco, por vezes para atuar, outras para dançar e até mesmo para cantar. Porém, hoje também me sinto muito confortável para subir em um palco com o objetivo de executar outras atividades, digamos, mais empresariais, como palestrar. E por incrível que pareça, todas essas atividades exigem bastante preparação, estudo e ensaio, e para mim são todas muito importantes, tendo cada uma delas o seu lugar.

Creio que me preparei muito para ser um comunicador de massa, ser alguém que ensina sobre alguns assuntos, principalmente eventos, uma área que domino bem. Já dei aula até em graduação e pós-graduação de eventos e em diversos outros cursos com abordagem sobre a área.

Após um longo processo, me vejo muito mais voltado para um foco educativo, para a formação e compartilhamento de critérios. Entendo que a principal diferença entre o Bruno que estava em plena ascensão e execução de tarefas anos atrás para o de hoje é que agora não estou mais sozinho nesse palco. Depois de tanto me desdobrar como um ator que também é diretor, roteirista, além de ser seu próprio maquiador e figurinista, hoje posso contar com uma equipe disposta a trabalhar ao meu lado e aprender comigo.

Na empresa, sou um líder e também o dono da empresa, mas as partes interessadas, os nossos clientes e parceiros, entendem: não vou fazer tudo sozinho, serei o capitão desse barco. Hoje sou muito mais o capitão do barco do que o marinheiro que vai botar a mão na massa para soltar a âncora com o braço. Sou um bom capitão porque antes já fui o marinheiro.

**Se antes o que garantia essa credibilidade do meu trabalho era o fato de eu mesmo “colocar a mão na massa”, executar praticamente tudo, o que garante essa credibilidade hoje é que estou coordenando uma equipe e isso vem como um selo de qualidade sobre o meu trabalho.**

É como se eu fosse um condor que consegue fazer um sobrevoo rasante, muito próximo ao solo naquele local, porque ali é o meu ninho. Então, uma conclusão muito interessante que posso tirar após a escrita desse livro, é que minha vida passou por uma evolução muito bonita.

Começo no ninho da minha família de origem, tenho que me tornar protagonista ali, onde sou um dos filhotes e hoje na verdade o ninho que tenho é o que eu mesmo construí. Então, quem sobrevoa esse ninho sou eu, porque já me tornei um pássaro adulto e tenho muitos passarinhos para cuidar e minhas asas têm que abraçar muitos “filhotes”. Por isso vejo que a minha credibilidade profissional como vendedor de projetos e atendendo clientes hoje está exatamente aí: as pessoas sabem que estou sobrevoando e coordenando tudo. Mesmo que isso não ocorra presencialmente, a filosofia que construí se concretizou de tal forma que ela se faz presente em todos os meus projetos, em tudo que compartilho, como acesso e devolvo as informações para que cada objetivo de marketing e comunicação dos meus clientes seja alcançado dentro do escopo dos serviços comercializados.

## **ABRAM ALAS PARA A CRIATIVIDADE**

Está super claro para mim que essa transferência do executar para o ensinar/coordenar é um desabrochar do meu papel, que inclusive me proporciona muito mais oportunidades para momentos de criatividade, de liberação, pois fico menos focado no operacional e assim tenho mais tempo para me dedicar à criação.

Para mim, nem sempre é fácil ter alguns momentos livres. Muitas vezes, quando me percebo com tempo sobrando, tendo até a me sentir culpado, pensando se me esqueci de fazer algo importante.

— Nossa! Mas eu não estou trabalhando? Será que me esqueci de alguma coisa?

Fato é que tenho me condicionado a pensar que nem sempre trabalhar significa estar debruçado sobre uma mesa no escritório ou atendendo al-

gum cliente. Também tenho pessoas trabalhando comigo, pensando junto e seguindo a minha escola. Enquanto isso, me dedico a dar espaço para a criatividade e a inspiração para isso vir de várias fontes, como já expliquei no capítulo anterior.

Pensando de forma prática, quando estou escutando música e isso me inspira a gerar novas ideias para algum projeto, eu também estou trabalhando; quando vou ao teatro ou revejo algumas fotos minhas e isso abre minha mente para novas ideias, também estou trabalhando; porque a criação é parte da produção e produção é trabalho.

Por isso, sinto que estou começando a entrar em uma etapa da vida profissional em que tenho condições de trazer esse papel de professor e mentor com mais força. E isso tem a ver com essa senioridade que consegui alcançar naturalmente.

## **O INDIVÍDUO EM AUTOCONHECIMENTO**

Ao falar sobre avanços, enquanto celebro as conquistas profissionais, vejo que a evolução como ser humano é algo que jamais termina. Não me vejo chegando a um ponto no qual eu pense:

— Bom, então é isso! Já aprendi tudo que alguém precisa saber.

Penso dessa forma justamente porque o mundo está em constante mudança e atualização. Esse fator, por si só, já é um ótimo motivo para buscarmos uma evolução diária, porque se estivermos dispostos a isso, vamos evoluir como seres humanos até o último dia da vida. Mas se eu pudesse listar meus avanços como ser humano atualmente, eles teriam a ver principalmente com o reconhecimento que consegui.

Somente o fato de ter escrito esse livro já tem a ver com todo um processo de autoconhecimento, no qual reconheço minha própria história dentro das quatro palavras que trouxe no primeiro capítulo: disciplina, alegria, gentileza e resiliência.

Enfim, reconheço isso, acredito que pode ser uma história de inspiração para outras pessoas e, ao mesmo tempo, dentro do meu processo atual, continua muito ligado ao meu autoconhecimento e entendimento dos papéis que ocupo naturalmente, dos que quero ocupar com esforço e educação, daqueles que não ocuparei e que não quero ocupar, ou, quero desocupar, não quero mais ocupar.

**É o processo de autoconhecimento que traz a clareza sobre papéis a serem ocupados e desocupados.**

Ter essa clareza que é fruto do autoconhecimento é como olhar para um contexto e pensar:

— Eu sou bom nisso? Então é nisso que vou me mostrar, me ocupar.

Os momentos de autoconhecimento que vivemos são parte de um amadurecimento bonito, consciente, investigativo e muitas vezes bem desafiador, mas ainda assim, algo que queremos bancar. Sei que inspiramos outras pessoas.

Isso tudo se resume também em novas fronteiras geográficas, de atuação em outras praças comerciais, de desenvolvimento de outros projetos, como por exemplo a escrita do meu primeiro livro.

A cada dia que me conheço mais, fico mais animado e aprendo com essa transitoriedade, com o alcance de uma outra idade e do despertar das verdadeiras vocações, talentos e dons. Creio que esse período avança a cada autoanálise, a cada mudança e eu amadureço um pouco mais.

## **DIGA SIM PARA OS DESAFIOS**

Permanecer na zona de conforto parece algo – como o próprio nome já diz – um tanto confortável, mas inevitavelmente, carrega em si a estagnação, e isso me deixa alarmado de tal forma que me tornei alguém sedento por desafios.

Avalio que quem assume um papel de protagonista tem sempre como motivo e como motor fugir da comodidade. A comodidade, aquilo que está cômodo, pode gerar para mim algo que é muito arrepiante para um líder, para um protagonista: a perda de oportunidades de avançar, de crescer, de aprender. Foi justamente essa sede por desafios que me levou a trabalhar com tantos projetos diferentes na minha vida.

**A verdade é que o protagonista é um investigador, está sempre em busca de explicações, soluções e um jeito novo de fazer algo em que todos pensam não ter mais outro formato para surgir.**

O protagonismo do profissional da economia criativa está justamente na implantação de ideias e projetos que muitas vezes poderiam ser mantidos

por outras pessoas da forma que estão. Mas estas mesmas pessoas acabam se entusiasmando a concretizar a ideia inovadora desse profissional criativo, porque ele contagia esse entusiasmo com sua capacidade de engajar sua equipe.

O que me motiva a não permanecer sempre no mesmo lugar é exatamente a possibilidade que eu sei, ou quero acreditar, que a partir do momento que lanço uma ideia, um projeto, uma ação, ela terá pessoas entusiasmadas e dispostas a executarem e manterem o que comecei a criar. Porque o meu processo criativo é individual: **vontade, papel, convencimento, entusiasmo**. Porém, é seguido por outras duas etapas também muito importantes: **compartilhamento e execução**.

O protagonista – ou líder – quando cria um projeto e compartilha com sua equipe, participa de parte da execução e por isso sente que não é o único dono dele. Dessa forma, não me sinto detentor exclusivo de nenhum dos meus projetos. Sou o criador primordial, o primeiro que lançou a ideia, porém não me sinto no direito de me apossar do projeto por inteiro, porque é justamente o compartilhamento que se torna uma parte muito importante para que ele venha a se concretizar.

Obviamente que, como a ideia é minha, sou dono dela. Porém, é o meu processo como líder que movimenta a possibilidade de implantar situações, ideias e projetos que entusiasmam e contagiam positivamente outras pessoas e que elas da mesma forma se entusiasmam, se contagiam por tocar o projeto comigo, ao meu lado e cada uma em sua função.

## **criação + foco = credibilidade**

Durante muito tempo houve um estigma sobre as mentes criativas, sugerindo que elas têm grandes ideias, mas são desorganizadas para colocá-las em prática. Confesso que ter foco e organização não é algo tão fácil para uma mente criativa, porém também não é impossível e, como gosto de desafios, aceitei por desenvolver esse meu lado que, de alguma forma, correspondia a esse estigma.

Esse desafio exigiu demais de mim, de tal forma que hoje consigo entender o quão grande foi essa exigência. Minha vida pessoal muitas vezes ficou prejudicada, porque esse aprendizado requer tempo e me dediquei muito à vontade de exercer meu ofício, minha real missão. Você pode estar se perguntando:

— Bruno, como você conseguiu conciliar a sua mente criativa com um olhar mais focado e organizado?

Confesso que não sei se a melhor palavra para definir esse processo é “conciliar”, porque conciliação me lembra equilíbrio e esse é um ponto extremamente difícil – quase impossível – não de alcançar, mas sim de manter. Em alguns momentos, percebo que preciso trabalhar mais, enquanto em outros, vejo que preciso dedicar mais tempo à minha família. Como é possível chegar a um equilíbrio? A cada momento nos “desequilibramos” um pouco para atender a certas necessidades.

Da mesma forma ocorre com relação à criatividade. Em certos momentos, preciso ser mais flexível para criar e em outros preciso ser mais disciplinado para colocar minhas ideias em execução. Por isso não sei se classifico isso como uma conciliação, mas sim como uma postura de quem está sempre atento ao contexto que se forma e o que ele pede da gente.

Vale lembrar que muitas vezes pensamos na questão do tempo na vida pessoal, mas creio que na vida profissional também é importante haver essa atenção sobre as demandas de investimento de tempo. Muitas vezes atravessamos uma fronteira e não estamos prontos para isso. Então, colocamos essa travessia nas mãos de uma energia maior que acreditamos ser o que movimenta tudo. Há quem chame de Deus, há quem chame de universo ou cosmos ou qualquer outra força motora, como por exemplo a nossa economia.

Eu já acredito em uma energia maior que é a da afinidade entre as pessoas, empresas, ideias. Muitas vezes queremos desenvolver uma ação que vai quebrar paradigmas, fronteiras e ela pode até existir, mas não vai ser agora.

Então, creio que é importante respeitar o tempo, porque muitas vezes o tempo não é do nosso querer. O momento certo para cada investimento nosso muitas vezes é determinado por situações mercadológicas, sociais, públicas, corporativas, de tendências naturais de consumo e de desenvolvimento do setor de serviços, no qual atuou.

Também entendo hoje que é importante identificarmos no tempo quais são os momentos de voar e os de pousar. Creio que este livro, por exemplo, é um tempo de pouso, porque é a hora em que consigo refletir sobre todas as coisas que fiz até aqui e que marcaram minha vida de alguma forma.

Profissionalmente, me sinto como um condor que voou e caçou para alimentar seus filhotes durante muito tempo, porém agora precisa em alguns momentos se recolher para descansar. No meu caso, amplio esse descanso para um pouco mais que uma noite de sono, para distribuí-lo em diversos

momentos de reflexão, nos quais vou me renovando, recarregando as forças para voltar a alçar outros grandes voos, de outras formas, com novas ideias e muito mais energia.

Pessoalmente, também me sinto em um momento de pouso, no qual consigo analisar tudo aquilo que ganhei e também o que perdi em razão da minha dedicação à vida profissional. Vivo um momento de analisar novas possibilidades de crescimentos ou de novas abordagens dos meus negócios, para me dedicar mais à família e a mim.

**O momento do pouso é aquele em que precisamos parar para pensar e entender como será o próximo grande voo, entender que tipo de terreno foi semeado enquanto estávamos voando.**

Enquanto eu estava voando, como o terreno que estava me esperando estava sendo tratado? Por isso, creio que pousar é entender que a terra firme é a nossa base e também precisa de nós, que a terra firme também precisa de um abastecimento de energia, precisa de uma série de questões que devemos trazer conosco para o solo.

De uma forma geral, os momentos de pouso e parada são esses nos quais reflito sobre o que já fiz, processo tudo isso, registro para não perder nada, sobretudo o que envolve palavra, informação, experiência, e me disponho a organizar as próximas etapas para novos grandes voos e desafios que terei pela frente.

Meus pousos são momentos em que entendo quais os riscos que vou correr ao voar para mais longe, porque tenho de voar mais alto, e para pensar nisso, preciso estar em terra firme, na minha base, limpar o terreno, tirar o mato que cresceu porque eu estava longe e plantar mais flores.

## **COMPARTILHANDO PELO PODER DA PALAVRA**

Se semeio no meu terreno, isso me leva também a semear ideias em outros terrenos onde tenho permissão. Por isso vejo muita importância em desenvolver nossa capacidade de compartilhamento. Precisamos acreditar mais na nossa capacidade de compartilhar, para entendermos que cada tipo de trabalho, ação, precisa de um tipo de parceiro, investidor, um tipo de sócio, considerando que cada uma dessas ações também tem um tipo de público.

Esse romper de fronteiras tem a ver com isso: entender todos os níveis do trabalho, seja o público final, seja o seu parceiro, quanto isso vai custar e quanto vai render, e entender cada etapa para que a gente consiga chegar ao fim dessa trilha com sucesso.

**Hoje entendo que sucesso é o acontecer das coisas, quando elas se efetivam, se realizam e creio que a grande missão do protagonista é a promoção do sucesso, é a promoção da realização dos processos entre as pessoas, profissionais e parceiros.**

Estou tendo que reaprender isso. Investi e ainda invisto muito em relações humanas, em parcerias. Esse investimento me exigiu tempo, energia e até mesmo muitos tombos – seja em situações que eu não controlava ou de pessoas que eu não controlava – mas não acho que isso foi de todo ruim, porque me trouxe a um nível de excelência que pode ser compartilhado com outras pessoas.

Essa excelência é visível e não tem a ver só com dinheiro, mas com a quantidade de ideias que consigo realizar por mobilização pública, quantas pessoas entusiasmadas consigo engajar na minha rede e o quanto elas continuam acreditando em mim, chegando ao ponto de que a minha responsabilidade como líder só aumenta, porque em certo momento essas pessoas não questionam mais, simplesmente acreditam na minha credibilidade, porque os projetos sob minha liderança sempre saem do papel.

Toda essa credibilidade não me traz vaidade, mas sim uma dimensão maior da minha responsabilidade, porque preciso continuar fazendo essa roda girar sem comprometer negativamente ninguém. É claro que também me conscientizo que, a partir do momento que as pessoas se entusiasmam e compram qualquer uma das minhas ideias, elas compartilham essas ideias comigo e têm corresponsabilidade para que saiam do papel e aconteçam. Por isso tenho que escolher bem essas pessoas, ao mesmo tempo que elas também têm que me escolher.

Sem dúvida, ao mesmo tempo que essa credibilidade me traz consciência sobre o peso da responsabilidade que há em torno do meu trabalho, ela também me traz muita segurança, porque sei que hoje tenho muito mais portas abertas do que no início da minha carreira profissional. Hoje não tenho mais a sensação de que não posso errar, de que qualquer falha pode acabar com a minha vida, minha carreira, minha imagem perante

meus parceiros. Inclusive, essa disposição de encarar os erros com mais humanidade é algo que compartilho com as pessoas que trabalham comigo em todos os tipos de projeto.

E para compartilhar com eficácia, há um elemento poderoso que considero importante termos sempre em mente: a **palavra**. Ela tem a força da transformação, a força de burilar qualquer coisa, de realizar.

Se pesquisarmos um pouco sobre estudos relacionados aos efeitos palpáveis da palavra, vamos encontrar resultados de experiências que expuseram situações como pessoas criando duas mudas de planta de formas diferentes. Para uma falavam apenas palavras positivas e para outra apenas palavras negativas durante semanas. Enquanto a muda que recebeu apenas palavras positivas estava mais vistosa e com suas raízes fortalecidas, a que recebeu apenas palavras negativas estava mais fraca.

A oração básica do Ho'Ponopono consiste em uma técnica de um médico havaiano que conseguiu curar um presídio inteiro à distância, apenas proferindo quatro expressões: **muito obrigado, sinto muito, me perdoe e eu te amo**. Essas descobertas mostram que o poder da palavra é arrebatador.

Eu mesmo sou uma pessoa que vive da palavra. Sou encantado com a questão da comunicação, que tem duas vertentes importantíssimas: **emissor** e **receptor**. Um emite uma informação utilizando um canal, um meio de comunicação, enquanto o outro recebe tal mensagem. Essa ação pode ocorrer de forma mútua, como uma via de mão dupla.

Sou encantado com isso, com a riqueza das palavras pela emissão e recepção, como também pela variedade de meios que temos hoje, como a verbalização presencial, o telefone, o Skype, a televisão, o rádio, o jornal, a revista, as inúmeros plataformas digitais de áudio e vídeo, entre tantos outros.

Sou palestrante e comunicador de massa porque hoje a minha palavra conta com a livre expressão, não somente de sentimentos, mas de movimentos, conceitos e ideias.

Então, valorizo muito essa missão social e pública, que trago não só neste livro, mas na minha própria carreira como um todo, que é a missão da palavra como arte.

**A palavra pode transformar vidas, pessoas, locais, histórias, situações e futuro.**

A palavra, que vem desde as Escrituras até os grandes comunicadores do mundo, é um dos patrimônios mais amplos da humanidade, e me sinto nesse papel de promovê-la, de usá-la bem. Gosto dessa dinâmica que ela desenvolve na vida das pessoas e de como pode emocionar. Se usarmos uma música com uma letra bonita, que casa bem com a melodia, ou uma poesia que toca os nossos corações, ou ainda uma história bem contada, que no final vai ter um sentido para quem a ouve, isso tudo são influências que a palavra exerce sobre nós desde a infância e precisamos entender a sua importância.



---

## #TudoComCH

### *Semeando sucesso*

Entre as pessoas mais importantes de minha trajetória profissional, está **Fabiane Ducatti**. Cheia de energia, ela chegou a mim como cliente e se tornou um destaque, que melhor aproveitava nossas ideias e que sabia interagir com meu time de forma exemplar. Fá era gerente do Rumo Instituto, que desempenhou papel fundamental na formação de crianças em contraturno e na profissionalização de mulheres em bairros carentes de Piracicaba, por meio de costura e artesanato.

Ao longo de alguns anos como minha cliente, ela sempre trouxe demandas desafiadoras, projetos para obtenção de recursos, transformação de cenários e capacitação de grupos sociais. Aprendemos muito juntos e esse aprendizado sempre foi intenso, o que me levou a trabalhar com mais segurança em diversos outros projetos de sucesso no terceiro setor, com instituições que precisavam muito e nunca haviam experimentado os impactos do marketing e da comunicação em suas rotinas.

Em 2014, Fabiane me contou que estava saindo daquela entidade onde havia atuado por mais de 10 anos, porque o projeto iria encerrar suas atividades. Naquela altura, nossa proximidade era grande e convidá-la a trabalhar comigo foi natural, uma possibilidade real. Eu lembro como fiquei feliz. Ela chegou com uma missão: acompanhar as comemorações dos 15 anos do Musical Casa de Noel e atuar de forma a inserí-lo no mapa de projetos incentivados por leis de fomento à cultura nos âmbitos estadual e federal.

Diante da adaptação na rotina de nossa empresa, Fabiane começou a se movimentar, escrever projetos, montar o time de profissionais e inscrever as propostas nas leis de incentivo. De lá para cá, nosso projeto só cresceu e Fabiane foi se envolvendo nas atividades de uma forma leve e muito comprometida. E assim conseguimos tornar nosso espetáculo de Natal uma potência cultural e realizar muitos projetos significativos para o interior de São Paulo, e chegamos até os programas nacionais.

Gosto da emoção que ela dedica ao trabalho, gosto que seja uma virginiana organizada e briguenta comigo. Sua competência é complementar à minha e vice-versa. A gente chega a brigar de mentira (e de verdade também!), mas sempre com objetivo de alcançar um profissionalismo convergente, realizador e com excelência. Só posso concluir

que aprendemos muito juntos. Ela é muito organizada e sabemos ler o outro. É sem dúvida minha maior parceira profissional.

Trabalhe com pessoas prósperas, cheias de amor à vida, humanas e envolvidas! Só assim o tempo passará de forma leve.

Quando olho para trás e traço a linha do tempo até aqui, minha memória me traz muita emoção ao me lembrar de profissionais brilhantes que trabalharam comigo, que me possibilitaram uma verdadeira troca de inspiração e me permitem que eu continue os inspirando até hoje.

**Os estagiários** continuam mantendo contato e fazem questão de ressaltar a escola que o MBM foi para eles e o quanto aprendemos juntos. Dentre eles, posso destacar nomes como os dos publicitários **Livia Telles**, que passou quase dez anos em nosso escritório, e **Guilherme Vendrame**, que trabalhou praticamente cinco anos em nossa empresa. Livia começou a trabalhar conosco como estagiária e saiu da empresa como coordenadora de mais de 15 projetos simultâneos. Já Guilherme entrou aos 20 anos, e de lá para cá voou conosco em diversos projetos de expressão

Em 2018 **Paloma Ferreira** pulou imediatamente de aluna do curso de eventos do Senac Águas de São Pedro para funcionária do meu escritório. Com uma vontade gigantesca de realizar, continua comigo em diversos projetos.

Mesmo muito jovem e sendo engenheira agrônoma, **Adeline Sá** trouxe inovação ao MBM com diversas ferramentas, frutos de sua formação esalqueana. Formada em Hotelaria, **Anna Clara Piassa** surpreendeu ao integrar nosso time durante os anos da pandemia. Todos eles são pessoas que sentiram o despertar de um desejo muito grande pela liderança, pelo protagonismo e sobretudo por essa movimentação criativa, que não tem medo de fazer acontecer e de experimentar.

Estou falando de pessoas apaixonantes, que adoram o que fazem e que beberam dessa minha fonte de entusiasmo, que puderam construir elementos bastante sólidos de uma carreira que começou muito bem, com oportunidades que às vezes pessoas mais velhas que eles não tiveram. Talvez por conviverem com essa minha multiplicidade de atividades, eles se identificaram e despertaram pela variedade e convergência das mídias.

Eles são exemplos das muitas pessoas que passaram por minha gestão, não importa se mais velhas ou mais novas, porque creio que a idade não interfere, nunca é tarde para aprender algo novo.

Juntos desenvolvemos projetos que entusiasmaram muita gente e criamos muito público. Eles fizeram parte dessa escola comigo para plantar, mas também para colher e isso é muito legal.

Se com os estagiários pude exercer meu papel de mentor, com **os profissionais** que passaram pelo MBM pude trocar conhecimento e, além de ensinar, aprender muito. A publicitária **Rafaela Sabbagh** participou da empresa desde quando ainda engatinhávamos até a mudança de casa em 2010, quando o MBM completou cinco anos. Ainda na área de publicidade, **Silvana Meneghetti** trouxe uma rica bagagem corporativa e participou da implantação de projetos com orientação nacional em nosso escritório.

No design, tivemos como destaque as contribuições de profissionais como **Allan Felipe Dallavila**, que permaneceu conosco por sete anos e hoje tem sua própria empresa de comunicação. O time contou ainda com **Alex Rodrigues, Daniel Belluco, Fabrício Coral, Gabriela Barretto, Guilherme Victoria e Thais Alves**, que deixaram a marca de seus projetos de identidade corporativa, editoração e design.

No jornalismo, diversos profissionais trouxeram para o MBM suas experiências em redação, rádio e outras mídias. **Cristiane Bonin** atuou com grande produtividade nos textos para assessoria de imprensa e revistas. A veterana **Cristiane Sanches**, nome de destaque no jornalismo do interior, trouxe uma rica bagagem e participou de forma única na criação de produtos com viés jornalístico e de conteúdo, além de se tornar sócia de eventos de nicho. A jornalista e consultora **Giovanna Baccarin** foi a responsável por inserir de forma pioneira o MBM Escritório de Ideias nos conceitos do marketing digital e das redes sociais. **Teresa Blasco** foi consultora de processos e mapeamento de cenários, participando ativamente das projeções de futuro da empresa. A paulistana **Manu Vergamini** agitou o escritório com suas estratégias e abordagens de assessoria de imprensa de alcance nacional.

Por último, mas não menos importante, quero falar sobre o querido **Ronaldo Vitória** (1958-2019), que infelizmente nos deixou muito cedo, aos 61 anos. Seus textos tinham na mesma medida as doses ideais de informação, ironia e precisão. Responsável pelas reportagens das revistas “Monte Alegre” e “Tutti Condomínios”, além de materiais de assessoria de imprensa para clientes, fazia da sua presença na redação uma mistura de profissionalismo e tiradas sarcásticas que alegravam o ambiente. Bem antes do MBM, Ronaldo era amigo da minha mãe, e havia me entrevistado muitas vezes sobre diversas pautas culturais,

enquanto repórter setorista do “Jornal de Piracicaba”. Conhecido na grande mídia, tinha histórias ótimas dos tempos em que havia trabalhado em São Paulo. Além do exemplo de um profissionalismo ímpar, Ronaldo deixou muita saudade.

Em 2007 eu estava no último ano da faculdade e tinha uma colega de classe admirável. Além de muito gentil, educada e legal, **Natália Litoldo** interagiu muito bem com todos, era estudiosa, fazia ótimos trabalhos e ainda batalhava para trabalhar. Como dono do MBM Escritório de Ideias desde 2005 eu precisava ampliar minha equipe de trabalho, para inclusive conseguir atender os novos projetos que estavam chegando.

Acabei convidando Natália para um café, quando comentei com ela que queria ampliar a minha equipe. Ela me disse que gostaria de trabalhar comigo e combinamos um valor. Abri o jogo: não sabia ainda como ia pagar, já que o fluxo de caixa ainda era muito baixo na empresa e eu precisaria de mais clientes para dar conta do mínimo. Era quinta-feira e combinamos de bater o martelo na próxima segunda. Um dia antes do encontro, fui para uma reunião no Hotel Jerubiaçaba, em Águas de São Pedro, e ali mesmo fui contratado para atuar como assessor de comunicação, inicialmente num projeto de seis meses. Na segunda-feira, ao nos encontrarmos, disse que ela poderia começar no dia seguinte, pois já tinha o dinheiro mínimo para contratá-la. Juntos fizemos muitos projetos incríveis naquele hotel, repercutimos a imagem dele para muitas cidades, assinamos programação cultural e gastronômica, inventamos atividades diferentes. Atendemos o Jerubiaçaba por dois anos, colecionando histórias de sucesso e amizades, porque a gente literalmente agitava tudo. Sabe o mais mágico de tudo isso? Natália e eu nos formamos, ela integrou com muito sucesso o meu time, se tornou uma grande amiga e logo me deu a notícia de que iria para os Estados Unidos participar de um programa de au pair. Negociamos o prazo exato para ela encerrar suas atividades na empresa. Seriam dois meses para deixar tudo em ordem, se desligar definitivamente e ainda ter um tempo para preparar sua viagem. Coincidência ou não, acabamos concluindo nosso trabalho no hotel. De forma interessante, o encerramento do contrato com o hotel aconteceu no mesmo dia que seria o último daquela funcionária e amiga tão competente. Hoje executiva numa multinacional americana, Naty mora no meu coração como a pessoa que eu não poderia pagar, mas que com sua competência não só se pagou como entregou seu melhor para o crescimento de minha empresa, simbolicamente abrindo e fechando um contrato de forma criativa e com grande contribuição.

Aqui registro a contribuição de profissionais como Beatriz Puga, Clara Pandolfi, Dani Forti, Daniel Sewell, Débora Ferneda, Gabriela do Prado Teixeira, Gabriela Palheta, Isa Spolidório, Jeneli Wrasse, José Maria Pla, Laura Lemos, Liliane Pacheco, Marcel Yamauti, Maria Carolina Cera, Maria Maruga, Mariana Gandolfi, Mariana Pavonatto, Marina Fabri, Mauro Ortiz, Renan Spolidório, Rodrigo Caetano, Silas Junior, Simone Arruda, Stella Campeão, Susane Trevisan e Tatiane Fernandes.

---

## **O SUCESSO NOS RODEIA**

Como falamos bastante sobre a importância de se comunicar e compartilhar boas ideias, de não exigir um direito exclusivo sobre os projetos, registro aqui a importante parceria que mantive durante anos com algumas pessoas que me ajudaram a desenvolver o projeto da Casa de Noel. São eles: Juliano Dorizzotto, Cristiane Dorizzotto, Mauricio Colpas, Cristina Anselmo, Hermes Petrini, Fabiane Ducatti e Zahira Neder.

Todos me ajudaram a lançar e sedimentar a Casa de Noel com muito entusiasmo. Os três primeiros me ajudaram bem no início da sua criação, permitindo que eu desenvolvesse o projeto em uma casa de seus pais e assim lançamos a Casa de Noel no ano 2000, quando eu tinha apenas 18 anos. Eles foram influenciados pelo meu entusiasmo.

Então, Cristina se juntou a nós em 2006, fazendo com que a marca Casa de Noel se consolidasse. Gerenciamos e compartilhamos ideias com muita gente boa, como Silvia Storer, Valeska Aguilera, Magá Ometto Maurano, Ana Maria Cerri, Zahira Neder, Hermes Petrini, Marco Guidotti, Malu Canto e Simone Guedes. Assim, conseguimos desenvolver a marca de uma forma única e muito especial.

Com Fabiane Ducatti, entramos numa fase de abertura de novas fronteiras do espetáculo no estado de São Paulo e Paraná. Ela gerenciou um time grande de profissionais de produção como Rafael Popin, Jeferson Takaki, Carlos ABC, Everton Lucas, Marquinhos Moraes e Hermes Petrini, assim como músicos e gestores de projetos com experiência nacional.

Creio que a experiência que tive com essas pessoas só reforça a importância de compartilhar boas ideias, mas acima de tudo somar entusiasmo e sucesso.

---

## FALANDO COM A MASSA

Estamos vivendo momentos em que a criatividade é desafiada, estamos e somos criativos o tempo todo. E você sabe o que é criatividade? Ela é um processo e pode ser estimulado! Mas como? Parando e ao mesmo tempo se movendo! Calma, eu explico.

Como disse, gosto muito da ideia da inspiração que a música me traz. A música é energia pura, estímulo criativo e emoção humana. Não vivo sem música e escuto de tudo. Eu e meus irmãos fomos ninados ao som dos grandes artistas brasileiros, tocando beeem alto. Somos filhos dos anos 80, então sentimos na pele uma música intensa, colorida e afetiva. No abecedário dos estilos, letras e melodias, levantamos e vamos pra pista. Dançar é a deliciosa consequência, movimento e ginga.

Porém, que eficácia teria tanta riqueza da música se eu não parasse para ouvi-la? Veja bem, não estou falando em simplesmente ouvir música no carro ou fazendo qualquer outra coisa. Falo em parar, ouvir e sentir a música, dedicar tempo a ela, porque sei que ela inspira e o quão grande é o seu poder para isso. Quando falo em mover, me refiro a me deixar mover pela inspiração que essa e outras fontes me trazem.

Por isso valorizo os voos, mas também os pousos, porque neles posso ouvir minha música tranquilamente e – ainda que despreziosamente – extrair dela o máximo de inspiração possível.

Por isso digo: se quer se inspirar, pare (para ouvir) e se mova (se deixe mover)!

Voe!



*"No que diz respeito ao empenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe meio-termo. Ou você faz uma coisa bem-feita ou não faz"*

**AYRTON SENNA**  
PILOTO BRASILEIRO DE FÓRMULA 1

# CHeio de ideias.

Não foram poucas as vezes em que alguém mais velho, da família ou não, sentiu-se no direito de me dar um conselho que parecia óbvio para ela e suas convenções: deixa de sonhar com bobagens e ganhe dinheiro! Como se tudo que eu fazia profissionalmente não valesse nada, porque se fosse “um pouco diferente” estaria me remunerando muito mais. Foram muitas as vezes em que me senti muito mal, um perdedor por não ter todo o dinheiro que para alguns, àquela altura da minha vida, eu já devia ter ganhado. “Como alguém tão comunicativo não ganha muito mais dinheiro? Deixa de lado esse seu interesse por música, por arte, por espetáculo! Isso não dá dinheiro, isso não dá em nada!”

E foi assim que ao longo dos anos ganhei cada vez mais força para me sentir um resistente, um progressista por não me deixar levar pelas investidas culturais, financeiras e até machistas que se repetem historicamente, e na minha família não foi diferente. Meu avô Eduardo, por exemplo, cantava no rádio boleros e tangos, mas como um hobby. Ele não pensou em exercer seu talento como profissão, porque ao decidir se casar com minha avó, seu sogro o avisou que teria de escolher entre sua filha ou a vida artística, o que resultou em um casamento lindo e um artista frustrado.

Nunca quis isso para minha vida, então me casei com alguém que sempre me aplaudiu, me apoiou e, principalmente, jamais questionou qualquer iniciativa artística que tive. Quem está fora dessa relação muitas vezes questiona, provoca, pergunta como ela aguenta, chega até a colocar a sexualidade do casal em pauta. Posso falar que nunca liguei para isso? Posso falar que nunca me incomodei por ser quem sou e contar com o afeto e o incentivo das pouquíssimas pessoas que estão na coxia comigo? É isso que me importa!

Os demais julgamentos, pressuposições e preconceitos tiro de letra porque não fazem parte do que acredito, de onde me encontro e da música que toca no meu coração. Talvez na minha família, como em muitas, ainda pairou no ar, nos últimos anos, a ideia de que médicos, dentistas, advogados e construtores são os melhores “partidos” para construir uma família. Eu escolhi ser publicitário, comunicador, empresário e artista. Para muitos, uma dose profissional muito alta de risco, um perigo querer ser tudo isso.

Por ser filho de uma mulher livre, autêntica e que provocou grande desconforto em seus familiares mais próximos, eu e meus irmãos sentimos muito na pele alguns sutis tratamentos ou diferenças mesmo, um certo afastamento “para não causarmos muitos problemas”.

Eu só podia vencer esse sentimento, uma espécie de frieza de alguns tios e primos (que a gente demorou anos a entender), de um jeito leve: estando com aqueles que não só de alguma maneira aceitaram meus pais, mas aprenderam a nos oferecer amor como seus frutos.

Infelizmente desde muito pequenos recebemos também algumas influências desastrosas, de gente que se achou no direito de falar mal de minha mãe. Muitas vezes nos sentimos um peso por ter nossos avós idosos ajudando em nossa criação, já que ela não tinha condições de sozinha tocar a nossa vida. A questão do dinheiro não era fácil, porque ouvíamos que ela não trabalhava, gastava tudo, não valorizava o patrimônio. Isso era muito incômodo, uma carga pesada para construir uma relação saudável com o dinheiro, afinal, minha mãe não era reconhecida em seu ninho como alguém que se dava bem com ele.

No meu caso, minha relação com o dinheiro curiosamente sempre foi boa, mas sempre gastei tudo que ganhei e certamente atribuo essa minha não retenção ao desapego que aprendi na cultura familiar. Somente nos últimos anos entendi que precisava amadurecer nesse aspecto com a ajuda de alguns, muito trabalho para gerar receita e grande disciplina para construir um novo mindset para poupar e ter alguma segurança. O aprendizado é duro, mas assumi esse papel com disposição.

Tive a sorte de ganhar e perder muito dinheiro em minha trajetória, mas sobretudo aprender que dinheiro é uma energia e não devemos retê-lo de forma a parar esse fluxo. Mas ao mesmo tempo é importante que saibamos poupar, honrar nossos compromissos, não gastar mais do que ganhamos. É um aprendizado diário, uma oportunidade maravilhosa de se educar

e poder fazer o que quisermos da nossa carreira com uma remuneração minimamente decente.

Eu lembro de muitas vezes em que trabalhei com caches baixíssimos, mas uma vontade enorme. Muitos amigos e até familiares me criticaram que era muito pouco, que eu estava sendo explorado. Mas eu enxergava aquilo como um aprendizado, não me sentia no lugar de ganhar mais do que aquilo porque estava aprendendo e ganhando experiência. Então nunca foi por dinheiro, mas ao longo dos anos entendi que sim, os valores deveriam aumentar porque, além de saber fazer aquilo, de ter aprendido, eu fazia muito bem. Quando amamos o que fazemos e não servimos a interesses escusos, o dinheiro vem!

Hoje entendo que mereço, quero, devo, gosto e posso ganhar mais e melhor com minhas atividades. Paga quem quer, quem valoriza e compreende valor como algo que vai, de verdade, além do preço. Ao longo da trajetória, construí um portfólio rico, onde posso mostrar minha versatilidade profissional, e com forte vínculo que ainda hoje tenho com meus clientes. A seguir, falo um pouco dos meus aprendizados e mostro alguns dos meus cases de sucesso nesses mais de 20 anos perseguindo aquele sonho “que nunca ia me dar dinheiro”.

## **IMAGEM E MENSAGEM: O QUE REALMENTE IMPORTA?**

Ao desenvolver projetos de comunicação por tantos anos, acabei atendendo muitos profissionais liberais que precisavam testar, posicionar e aprovar suas imagens no mercado, em seus nichos de atuação a fim de conquistarem mais clientes, reforçarem sua autoridade para os clientes atuais, se tornarem mais conhecidos.

Entendi que existe um caminho, não chega a ser uma receita enlatada, mas algo que a maioria das pessoas pode fazer no aspecto da comunicação, um planejamento de atividades que não chegam a ser complicadas, mas exigem disciplina e um calendário positivo.

Não basta ser bom no que faz, tem que parecer bom! Costumo dizer, inclusive, que é mais fácil parecer bom do que ser de verdade. Mas podemos recriminar quem sabe se mostrar com qualidade nas redes sociais, no online e no offline? Não, apenas acho que quem se garante com qualidade

profissional e não sabe mostrar sua cara na mesma proporção está perdendo oportunidades comerciais e grana.

**Nossa imagem, para ganhar melhor performance de visibilidade, deve considerar três nuances: quem somos, quem achamos que somos e como os outros nos enxergam.**

Ao desenvolver projetos para fortalecimento de imagem, devemos olhar para esses três aspectos, entender que eles não se tornarão um só, mas que podem andar mais paralelos para que a estratégia e as ações de posicionamento sejam eficientes e seguras. Principalmente para a imagem pessoal, é muito comum que um profissional seja de alta performance na execução, mas seu comportamento ao atender ou se relacionar com as pessoas seja mais low profile. Não é raro vermos pessoas com altíssima performance e conhecimento de ponta não se preocuparem muito com a própria imagem, roupas, cabelos, apresentação do espaço físico. Essa discricção, essa “não vaidade” pode ser prejudicial porque atrapalha a expressão da qualidade, gera cruzamentos que têm até a ver com o preconceito da sociedade em que vivemos.

É como se uma pessoa competente não pudesse usar uma roupa mais despojada. Existe um *dress code*, alguns padrões específicos para determinados setores do mundo do trabalho. Por experiência, acredito que lutarmos contra eles é perder tempo, principalmente quando nosso objetivo é vender, ter clientes, ser querido pela atividade profissional que exercemos. Profissionais de saúde devem usar roupas limpas e passadas, claras, com design minimalista, afinal sua imagem não pode ser mais importante que a própria saúde de seus clientes. Cabelos presos, postura tranquila e assim por diante, porque conhecer os códigos facilita os negócios. Uma profissional que trabalha com beleza deve adotar para si mesma, como sua primeira cliente, a beleza que ela quer vender, com sucesso, em seu corpo. E assim podemos dar diversos exemplos, sempre lembrando que ninguém vende nada se não acreditar no produto primeiro. Uma vez tive uma conversa com uma assistente comercial cujas vendas estavam caindo muito. Ela me disse com todas as letras que não acreditava no projeto. Como você consegue vender algo sem acreditar?

Na imagem pessoal é assim: se você não acredita que ela está desalinhada, que tem que mudar para servir a novos negócios, não tem o que fazer mesmo. Quando você se dá conta que ela pode se ajustar a novos objetivos profissionais, segue a trilha com determinação e alegria: planejamento de

arquétipos, alinhamento de discurso com imagem, análise de palavras-chave, consultoria de moda e estilo, revisão de plano de ações, cronograma, orçamento, produção de fotos e vídeos, *storytelling*.

O cerne dessa questão é entendermos que nossa imagem pode vender – e vende. Basta sabermos conduzi-la de forma programática e consciente de que ela deve representar ao máximo um alinhamento entre quem somos de verdade, como os outros nos enxergam e como queremos ser.

## **ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS PARA UM EVENTO DE SUCESSO**

Posso afirmar, sem sombra de dúvidas, que já realizei centenas de eventos. Pode até ser que estejamos próximos da casa do milhar.

Considero os eventos uma ferramenta muito eficiente para promoção de marcas, produtos, pessoas e ideias. Entendo que um evento é também uma ação acessível, se houver um planejamento e seguirmos todas as etapas mais básicas para alcançar seus objetivos. Quando bem pensados e organizados, os eventos têm muita força para atender as estratégias de marketing e relacionamento de uma empresa. Eles são visíveis, têm resultados mais mensuráveis e ainda permitem o contato humano. É uma forma de dar cor às ideias, marcas e pessoas.

E o que não pode faltar num evento incrível?

- Tema que foque na experiência e gere interesse.
- Diversidade e mix de público: as pessoas são diferentes e se complementam num universo rico de cores, referências e emoções.
- A bebida deve estar gelada e deve ser calculada para não faltar. Existem previsões eficientes para cada tipo de bebida e suas combinações.
- Gelo: tem que ter sempre, nunca é demais.
- Garçons, copeiros e recepcionistas, todos com vestimenta impecável.
- Os convidados devem estar seguros, assim como seus carros e pertences.
- Os banheiros devem ser limpos com frequência.
- A comida deve considerar o público e a temática.
- Uma pessoa bem-preparada para recepcionar os convidados.
- Música de qualidade, seja ambiente, com DJ ou banda. Música ao vivo é sempre uma ótima sugestão.

- O menu pode ser servido de várias formas, mas uma sequência, em camadas, pode deixar o evento muito interessante.
- Nunca deixe faltar água.
- Tenha em mãos uma lista completa com os telefones, e-mails e informações adicionais de todos os fornecedores.
- Tenha uma planilha com o cronograma detalhado do evento e o mantenha atualizado.
- Faça um checklist das ações do dia do evento, com a planilha de Tempos e Movimentos (ação, horário e responsável).
- Escreva o discurso, se houver, com antecedência. Discursos são de extrema importância para posicionar a intenção de quem está realizando o evento e deve ser feito em horário que o público ainda tem disponibilidade de atenção. A tendência é fazer as falas antes do evento “ficar agitado”.
- Se conseguir, decore ou organize-se para que sua fala seja sem papel, isso é natural e mais eficiente.
- Tenha sempre impressos os documentos e as planilhas. Não confie apenas no digital.
- Não pressuponha que todos saberão o *dress code* do evento. É importante avisar!
- Pague bem e em dia seus prestadores de serviço.
- Mantenha uma “caixa da vida”, caso haja algum imprevisto: caneta, papel em branco, tesoura, barbante, pilhas e baterias de vários tamanhos, extensão, linha e agulha, espelho, lenços umedecidos, tesoura, primeiros socorros, absorvente, base, batom, pasta e escova de dentes, lenços de papel, fio dental, entre outros.
- Você não deve negligenciar a ambientação, pois é ela que vai garantir a permanência de seus convidados, proporcionando sensações agradáveis por meio de iluminação adequada, decoração, mobiliário e outros elementos cênicos.

## **PRODUÇÃO CULTURAL É COISA SÉRIA**

Minha primeira produção cultural profissional foi a Casa de Noel, no ano 2000, quando eu tinha 18 anos. Mas antes disso já tinha experimentado empreitadas menores na escola ou em trabalhos informais.

Ainda aos 18 anos, fui trabalhar como programador cultural na cafeteria de uma amiga da minha família, Lili Fadigas. O Café Preto era uma espécie de bistrô com uma pegada brasileira, um caldeirão de sabores com gente interessante, música, arte e outros eventos temáticos. Fizemos muita coisa legal lá. A partir disso me interessei cada vez mais por programação e produção cultural.

Depois do sucesso da segunda edição de Casa de Noel, quando a Società Italiana foi inteiramente reformada, fui convidado pelo seu presidente, Marco Antonio Guidotti, para organizar os eventos de sua retomada como espaço cultural, ocupando o prédio construído em 1904 com atividades diversas como aulas de gastronomia, desfiles de moda, shows musicais, exposições de artes (entre elas a do modernista Cícero Dias) e eventos sociais como casamentos, aniversários e bodas. Foi um aprendizado intenso, de muitas horas dedicadas e que me proporcionou uma grande aproximação dos atores do cenário de eventos no interior de São Paulo: cerimonialistas, decoradores, buffets, produtores, músicos, artistas e outros, ampliando a rede de contatos e aproximando as pautas de jornalistas, radialistas e formadores de opinião. Tudo isso me trouxe grande segurança para trabalhar com divulgação e estratégia com desenvoltura, seguindo o papel de um publicitário, fazendo com que a informação de cada evento chegasse aos seus públicos de interesse.

A produção de shows, por exemplo, é um business bastante rico. Você aprende muito porque olha para os detalhes, especificidades, imprevistos e outros desafios, como gerenciar um orçamento sem grandes erros, caso contrário você tem que colocar dinheiro do seu bolso. Coloquei muito dinheiro do bolso em projetos nos quais cometi erros. Estava ciente de que aquilo não era só uma questão de incompetência gerencial, mas parte natural do processo de aprendizado. Aos poucos fui aprendendo a organizar muito bem o orçamento e as planilhas, prever custos e imprevistos, administrar margens e cachês, entre outras ações.

Já organizei muitos eventos musicais e gosto bastante da produção, da sequência, dos tempos e movimentos, do roteiro. É um grande desafio fazer dinheiro nessa área, mas insistir nela sempre me trouxe muita riqueza e satisfação pessoal. Sou muito ligado em artes e em música, e a magia de um show musical marca muita gente. Nunca fiz só isso, então em alguns momentos podia me permitir não focar aquela atividade em sua remuneração, mas numa imersão de competência e humanidade.

---

## “DA HORA ESSE NATAR”

*Matéria publicada no site G1, em 25 de dezembro de 2019*

*A história do Papai Noel piracicabano que começou distribuindo panfletos e hoje circula o Brasil com projeto. Após passar por Natal triste em 1986 e acreditar no Bom Velhinho até os 12 anos, Bruno Chamochumbi chega a 2 décadas com espetáculo que desconstrói imagem comercial da data.*

Por Rodrigo Pereira, G1 Piracicaba e Região

A primeira história de Natal que o publicitário piracicabano Bruno Chamochumbi se lembra é triste. Perdeu seu pai no dia 8 de dezembro de 1986, quando tinha 4 anos. “Você imagina que tristeza foi o Natal da nossa família”, diz. Ao longo dos anos, a data apontada como a do nascimento de Jesus Cristo se tornou de melancolia e saudade em sua casa.

A forma de contornar isso e amenizar tais sentimentos foi incluir sonho e fantasia. “Minha mãe incentivava a gente a mandar cartinhas para o Papai Noel. Minha família gostava de fazer presépio, todo mundo se reunia, tinha música”, recorda.

Foi assim que ele acreditou no Bom Velhinho até os 12 anos e, aos 15, recebeu a proposta de distribuir panfletos para uma escola de informática vestido de Noel. “E eu me encantei com aquilo de tal maneira que no segundo dia eu já queria esconder o cabelo preto na cabeça, já queria que a barriga [postiça] parecesse barriga de verdade”, revela.

Ali começava a nascer o personagem principal do projeto Casa de Noel, que em 2020 vai completar 20 anos e hoje circula pelo Brasil. Segundo o publicitário, um dos principais objetivos da iniciativa é afastar a visão mercadológica associada à data e conferir brasilidade às suas simbologias.

Bruno, que já tinha feito teatro, trabalhado como palhaço em festas infantis, entre outras atividades artísticas, logo evoluiu em seu sonho natalino e estava descendo de helicóptero no estádio do XV de Piracicaba para animar o Natal ou se tornando o Papai Noel de um prédio iluminado em frente à Praça José Bonifácio.

Aos 18, lançava efetivamente a Casa de Noel, um projeto junto a arquitetos que reunia a criação de espaços natalinos em uma casa e a possibilidade dos visitantes acompanharem a rotina do personagem

do Papai Noel pelos cômodos, dormindo, comendo, cantando, como em um *reality show*.

A partir de 2006, Bruno passa a viabilizar um musical para, assim, consolidar mais a ideia de desconstruir o estigma mercadológico associado ao Natal. Assim, nasce o personagem Papai Noel Cantor.

“Nosso projeto desconstrói a imagem comercial do Papai Noel a partir do momento em que entrega para as pessoas não a bala, não o presente, mas música. A gente mobiliza milhares de pessoas em torno de uma emoção, de um resgate, de uma coisa mais orgânica”, afirma.

Com cantores, banda, diretor de cena, diretor musical e arranjos especiais, o espetáculo leva como uma das marcas o fato de não trazer no repertório apenas músicas natalinas, mas outras que falem de valores humanos.

## **SOLIDARIEDADE**

Ações sociais também envolvem a atuação do Noel piracicabano. Depois de ficar com seu filho Antonio em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal por 12 dias, quando ele nasceu, Bruno realizou visitas a esse setor, por mais de dez anos, nas vésperas de Natal. “E a gente viveu histórias muito emocionantes dentro do hospital da Santa Casa”, recorda.

Outras situações comoventes, lembra ele, são as que envolvem plateias de pessoas idosas que enxergam no espetáculo o momento da infância. “É um espetáculo muito emotivo, alegre, mas também conecta as pessoas com a saudade da infância”, explica.

## **A LUDICIDADE**

Para Bruno, em tempos de redes sociais, é mais difícil manter a fantasia do Natal e do Papai Noel para as crianças, o que ele considera algo negativo.

“Elas dão um Google em qualquer coisa e ele responde a elas exatamente o que elas estão procurando. Você está desestimulando a criança em um processo lúdico, de construção de personalidades mágicas, de amigos imaginários, uma série de coisas que a criança tinha, em um passado não tão distante, porque ela conseguia nutrir esse sentimento sem muita interferência”, analisa.

Isso, agravado por uma maior individualização, é o motivo do fim precoce da infância na sociedade atual, reflete o publicitário.

“Para mim o Google é ótimo, mas para uma criança de 12 anos pode ser uma ferramenta totalmente depreciativa. E acho que precisa cuidado, trabalhado por meio de iniciativas artísticas, lúdicas, humanas, relacionamento, de conteúdo, de amor, de práticas offline. E é cada vez mais difícil”.

## **BRASILIDADE**

Outra questão trabalhada por Bruno no projeto é a inserção de elementos brasileiros e até piracicabanos no conteúdo natalino que propaga.

“Como a gente consegue fazer com que o Papai Noel, que é uma figura que ainda hoje é criticada por ser embutida na cultura brasileira, se torne brasileiro? Eu discordo que seja algo só embutido. Concordo que seja algo absorvido”, pondera.

Um dos exemplos de sua preocupação com essa miscigenação cultural está no repertório do show. “A gente faz um passeio do Papai Noel viajando por vários países. Ele canta ‘*We Wish You A Merry Christmas*’, em inglês, ‘*Feliz Navidad*’, em espanhol, e aí ele vem para o Brasil e canta ‘Feliz Seja o Seu Natal’ e termina em Piracicaba, onde ele canta ‘Da hora esse Natar, da hora esse Natar, da hora esse Natar, barbaridade que bão”, e aí ele canta ‘O Rio de Piracicaba’”, detalha o publicitário.

A relação e o amor pela cidade ficam evidentes nos relatos do artista. “Se a gente parar para pensar que estamos presentes na cidade de Piracicaba há 20 anos, uma criança que nos assistiu com 3 anos de idade hoje está com 23, 24 anos, e pode até ser um pai de família. Isso pra nós é algo muito importante, É a transformação do olhar de uma geração de uma cidade sobre o Natal, um natal possível, diferente, afetivo”.

## **2020**

Neste ano, o calendário do Bom Velhinho foi encerrado com um espetáculo no começo do mês, em Piracicaba. Em 2020, na comemoração de 20 anos do projeto, está programada a circulação por cinco cidades do Estado, por meio do Programa de Ação Cultural (ProAC), e apresentações em quatro Capitais do País, pela Lei Rouanet.

Em 2018, já tinha circulado em Curitiba, Campos de Jordão, São Paulo, Campinas, Americana, Nova Odessa e Santos.

“Nossa busca é nacionalizar o projeto, para que seja conhecido como um musical de natal brasileiro. E isso só é feito com a trajetória, ano a ano a gente encarando os desafios de se produzir cultura, música e arte no Brasil”.



## **MC COM CH: O ENCANTAMENTO DE SER MESTRE DE CERIMÔNIAS**

Entre as atividades profissionais que exerci na comunicação, encontrei muita satisfação como mestre de cerimônias. O MC, como é conhecida a função em nossa área, tem a missão de manter um evento no alto, dinâmico e interessante aos espectadores, apresentando cada momento, como treinamento, convenção, lançamento de produto e cerimônias diversas. Tive experiências interessantes na função, com as quais aprendi muitos “pulos do gato”, inclusive diante dos imprevistos. No meio de uma de suas palestras que estive como MC para mais de 500 pessoas, o professor Mário Sérgio Cortella ficou sem som em seu microfone. Voltei ao palco e para quebrar o gelo começamos a conversar, brincar, já que o apagão do microfone não dava sinais de melhora. Ele é bastante gentil e bem-humorado, de uma sagacidade impressionante, sempre muito adequado à cada situação. Enquanto se percebia a tensão dos técnicos e organizadores, ele soltou uma piadinha que divertiu demais todos os presentes: “Gente, isso nunca me aconteceu antes, vocês acreditam?”

Além de palestras, sempre gostei muito de apresentar shows e cerimoniais de eventos mais formais, porque a gente aprende muito com a sequência destes eventos, o *dress code*, quais são os momentos de maior tensão, os gargalos, e sempre tem alguém generoso para nos dar dicas e informações úteis. Essa minha sede de aprender sempre foi uma das chaves para ter participado de grandes eventos como MC.

Outra oportunidade que agarrei com muita alegria e sede de aprendizado foi a apresentação do evento internacional TEDex Rio Piracicaba, um formato oriundo do TED, conceito de muito sucesso com ciclos de palestras que reforçam que as grandes ideias merecem ser compartilhadas. Com a mobilização de muitas pessoas, o evento me deu a oportunidade de montar a sequência das apresentações das entradas de cada palestrante e entrevistá-los para coletar informações. Foi muito rica a imersão num evento com tempos exatos, estrutura multimídia (as emocionantes palestras foram gravadas) e tantos profissionais competentes envolvidos.

Durante a pandemia, uma nova modalidade de eventos tentou dar fôlego ao setor e principalmente às necessidades comerciais de algumas empresas: os drives. Um palco completo montado, com estrutura de luz e som e o público, cada um em seu carro, assistindo shows, cinema, teatro, encontros empresariais e até aniversários. Fui MC de um aniversário de 15 anos e de

alguns eventos corporativos, principalmente do setor imobiliário, com apresentação de lives e toda a estrutura para o lançamento dos empreendimentos.

Já no retorno aos eventos presenciais, fui contratado para apresentar um encontro de vendas de um empreendimento imobiliário, onde estariam presentes donos de imobiliárias para conhecerem os detalhes de um condomínio fechado. Eu adoro esse tipo de apresentação, afinal, você não precisa ser tão formal, pode achar um meio termo para trazer as informações e personagens, a mensagem importante que geralmente é a comercial, o estímulo de vendas. No meio do encontro haveria a apresentação da campanha publicitária feita pela agência de propaganda do empreendimento. Mas houve um problema com o carro do profissional que falaria desse tópico, e no final das contas quem apresentou a campanha publicitária fui eu. Ora, se havia um planejamento e tudo estava numa sequência de slides, porque eu não poderia fazer isso? E tudo correu muito bem, como se eu conhecesse aquele planejamento publicitário havia muito tempo. Aí você pode brincar que eu dei uma boa “enrolada”, não é? Respondo que não, porque conheço a dinâmica das campanhas publicitárias e sua essência. Captei tudo que pude no ato da apresentação, usei minhas referências e consegui passar a mensagem. É sempre assim? Não! E não deve ser. Mas, diante de emergências, a gente se adapta e mantém a prioridade da comunicação: transferir informação de forma objetiva.

## **O RÁDIO É JOVEM!**

Em 2001, aos 19 anos, fui até a Rádio Jovem Pan FM, primeira afiliada da rede, para pedir uma oportunidade. Sempre gostei muito de rádio, jornal, revista e TV, os veículos tradicionais de comunicação de massa.

A primeira oportunidade de falar na emissora foi feita num flash ao vivo. Eu entrava no ar para fazer, durante o break comercial, uma chamada de determinadas empresas de varejo, como lojas, concessionárias e outros estabelecimentos que queriam mostrar suas promoções e descontos. Aos poucos fui me encantando com a oportunidade de falar com mais pessoas, mais cidades, compartilhando ideias, notícias e bordões. Gostava muito de ir às festas para chamadas, apresentar palco e distribuir brindes promocionais com a camiseta da rádio. Eu já tinha um senso corporativo!

Aos 24 anos, apresentei o projeto de um programa semanal para o diretor da Educadora AM, rádio tradicional de Piracicaba. A ideia era abrir uma janela para a alegria, todos os sábados das 10h às 11h. O “Programa Janela das 10” foi um despertar para a produção de conteúdo, numa época em que as redes sociais ainda não eram a tônica. E me encantei com a possibilidade de entrevistar pessoas de diferentes perfis, contar histórias, motivar o público e ainda colocar músicas de presente aos ouvintes.

Em 2008, aos 26 anos, fui convidado pela Rádio Jovem Pan FM para reeditar um quadro da rádio, com notícias da cidade. Foi com o “Piranews” que aprendi a fazer reportagens, escrever de forma concisa, gravar com a voz adequada, selecionar pautas e dosar humor com certa personalidade. Tive três professores neste processo: o diretor Jairinho Mattos, o técnico Rogerio Leme e a jornalista Cris Sanches, que por alguns anos intercalou comigo as gravações do programete. Antes dela, tive o apoio da Gabriela Teixeira, que trabalhava na MBM e na época tinha acabado de se formar em rádio e TV pela Unesp. Eram cinco inserções diárias com notas, notinhas e notícias da vida cultural, social e de negócios da cidade e da região de Piracicaba. Foi neste projeto que nasceu o bordão *#TudoComCH*, já que eu brincava muito com a sonoridade do meu sobrenome.

Doze anos depois, em 2020, mudei o rumo da minha trajetória no rádio. Fui para um novo desafio na Rádio Onda Livre FM. Eu já havia trabalhado em alguns projetos com eles e com o diretor da rádio, Lourenço Tayar. Por quase dois anos assinei um grande volume de módulos de entrevistas gravadas e ao vivo com personalidades regionais, artistas e formadores de opinião. Aprendi muito com a dinâmica das notícias que mudavam diariamente.

Logo me vi no desafio que mais provocou meu amor pela linguagem do rádio: estar diariamente no ar com um programa de variedades com a minha cara e personalidade. O “Café com Pan” é uma forma leve e jovem de oferecer conteúdo em forma de colunas, entrevistas e notícias. A Jovem Pan News Piracicaba tem o pioneirismo de ser a primeira emissora a migrar da frequência AM para a FM, e tive a sorte de acompanhar todo este processo interagindo ao vivo com ouvintes em mais de 24 cidades da região metropolitana de Piracicaba, além da audiência na web.

Depois de tantos anos consecutivos no ar, fico feliz com o reconhecimento diário, seja pela voz, pelo nome, pela imagem. Agradeço sempre e faço festa a cada demonstração de carinho e respeito.

**Em tempo, sou testemunha de que o rádio é o veículo de comunicação mais poderoso e capilar, alcançando milhares de pessoas e se posicionando como uma das tradicionais mídias que, além de não morrer, segue forte e jovem.**

## **O VENDEDOR DE CDS**

Era um dia da semana e sentei num barzinho para um happy hour com amigos. Logo apareceu um cara simpático e muito sorridente oferecendo um CD. Começamos a conversar e descobri que ele era o próprio artista do CD. Com seu amigo Peqnoh, estava desenvolvendo um trabalho muito legal, o álbum de música “Avise o Mundo”, eleito entre os 30 melhores de 2015 pelo site “Noticiário Periférico”. Comprei vários CDs e conversei horas com ele, parecia que já nos conhecíamos havia anos.

Daniel Bidia Olmedo Tejera, ou Daniel Garnet, é mestre em Ciências da Motricidade pela Unesp (Universidade Estadual Paulista), onde defendeu a dissertação “Rap: o duelo de rimas no cotidiano do jovem”. É um dos idealizadores do evento Batalha Central, contemplado entre outros projetos com o Prêmio Hip-hop/Funarte (2014). Foi pesquisador no projeto “Reconhecimento e afirmação de histórias e culturas afro-brasileiras”. Por meio do hip hop, sua obra propõe diálogos entre os ritmos contemporâneos, ancestrais e tradicionais.

Atualmente, é mentor no curso online de própria autoria Jornada do MC, e teve seu primeiro álbum solo lançado em 2022, o “Afrotrapticália”. Nele, o artista experimenta a mistura dos afrobeats, com a poesia e as batidas de música eletrônica do trap, na intenção de valorizar a brasilidade.

Toda vez que nos encontramos, sentimos a felicidade da amizade e a imensa admiração profissional um pelo outro. Abraço seu sucesso, sempre peço uma rima e vibro com sua inteligência. Como se não bastasse, esse cara incrível é professor! Que honra a minha ter encontrado no vendedor de CDs um artista nato, um ser humano completo e um amigo para a vida toda!

## **TRABALHAR COM VIDAS PARA ENXERGAR MELHOR A PRÓPRIA VIDA**

Em 2016 organizei o primeiro livro da minha carreira, “O Som da Pétala Ágata”. As poesias do jornalista Paulo de Tarso Porrelli foram ilustradas por Rafael Borges em um formato pocket, com textos rápidos e muito sensíveis. A partir desse primeiro livro, me interessei muito em entender o funcionamento do mercado editorial. Já havia participado do lançamento de diversos livros e da organização de suas noites de autógrafos, como da minha tia Rê Fernandes, do arquiteto Celso Laetano e do arquiteto e construtor Adolpho Lindenberg.

Mas eu queria me embrenhar mesmo no assunto, entender cada etapa da produção de um livro, da editoração, das fotos, da burocracia para registrá-lo, do texto e imagem e todos os demais detalhes. Já tinha produzido muitas revistas (“Casa Cor Interior”, “Village Arte Decor”, “Revista Tutti”, “Revista Monte Alegre” e outras para empresas e indústrias), além de uma infinidade de materiais publicitários, mas considero que um livro é algo completo, que nos provoca a aprender e cuidar de cada detalhe para que ele se realize de forma eficiente.

Conversando um dia com meu cliente de tantos anos, Kiko Uliana, fundador do Grupo Indusparquet de Tietê (SP), começamos a pensar juntos em eternizar a história de seu pai, Idrico Uliana, que ajudou o empresário e seu primo José Antonio Baggio a criarem o parquet. Ele queria contar de forma leve e emocionante história de seu pai, que aos 97 anos ainda era um homem bastante forte e de memória afiadíssima. Para esse projeto chamei minha amiga Andrea Mesquita, uma excelente jornalista que já havia participado de outras ações comigo. Ela escreveria e eu organizaria tudo. Ao longo do tempo fomos nos encantando com as histórias de “seu” Idrico, de sua família e conquistas. Andrea especialmente criou um vínculo muito forte com ele, pois de julho a novembro de 2017 o visitou semanalmente para coletar as entrevistas e histórias. Em novembro, um susto: seu Idrico quebrou o fêmur. Por conta de ficar na cama, ele acabou tendo problemas pulmonares, agravados por um enfisema já existente, e morreu em 13 janeiro de 2018. O texto havia ficado pronto em 9 de janeiro, quatro dias antes de sua partida. Andrea levou uma cópia impressa do texto. Por estar muito cansado por causa da pneumonia, ele pediu para dormir com o documento embaixo da cabeça. A impressão que temos é que, mais do que ler a história

que ele sabia tão bem por tê-la vivido, ele queria que tudo aquilo escrito fosse conhecido pelas pessoas.

Lançamos “Histórias de um mestre – ‘Causos’ e memórias de Idrico Uliana, um homem à frente do seu tempo”, no dia 19 de maio, nos 70 anos de Kiko, numa grande festa emocionante. Nesse mesmo dia conhecemos uma amiga da família que estava muito emocionada. Linda e deslumbrante, Kelly Zanchett me chamou e perguntou se eu faria o livro do pai dela, que havia morrido em 2015. Antonio Zanchett havia sido um grande empresário do setor do papel, fundador da holding Technocoat. Assim como a trajetória de seu Idrico, a dele foi marcada por uma infância e juventude humildes. Além disso, ambos haviam sido muito visionários em suas áreas e extremamente trabalhadores.

Começamos o projeto em agosto de 2018, quando eu e Andrea fomos para Curitiba, onde ficamos uma semana e nos encantamos e identificamos com a história da família. O carinho com que fomos tratados por Kelly, seu irmão Christian, sua mãe Norma e todos os outros parentes foi enorme. Viajamos para Santa Catarina, onde fizemos o caminho de volta daquele que começou como funcionário de manutenção de fábrica de papel e terminou a vida como mega empresário. Foram momentos muito emocionantes, com entrevistas entremeadas por choro e risos daqueles que tinham convivido intimamente com o saudoso “Toninho”, como era carinhosamente chamado por todos. A visita à casa de dona Yole, sogra do biografado, em Lages, foi especialmente emocionante para Andrea, uma catarinense de nascimento que muito pequena havia saído de sua cidade natal e para onde voltava na infância e adolescência passar as férias. O café da tarde de dona Yole a levou de volta às suas chegadas à terra natal, quando era carinhosamente recebida com a mesa posta da mesma maneira, tarde da noite, por um casal de amigos de seus pais.

Para mim, o momento de extrema emoção foi a visita aos irmãos de Toninho em Abdon Batista, uma cidade muito pequena, de menos de três mil habitantes. A conversa com todos em volta da mesa, o almoço feito com capricho no fogão de lenha, o chimarrão oferecido como prova de amizade, a emoção de todos ao falar de Toninho me fizeram, ao sair daquela casa, chorar como criança por aquela vivência tão simples e ao mesmo tempo imensamente rica em sentimentos.

Andrea me propôs fazer da entrega do texto para Kelly um momento especial, o levando presencialmente a Curitiba no dia que faria quatro anos

da partida de Toninho, em março de 2019. Decidimos fazer uma surpresa e combinamos tudo com Christian que generosamente nos ofereceu as passagens de avião e hospedagens. Kelly estava triste aquele dia, mas concordou em ir jantar com a família após a missa em memória do pai. O susto que ela levou ao nos ver chegando no restaurante é inesquecível! Por fim, em julho do mesmo ano, apresentamos o livro “A Vida de Antonio Zanchett – Um legado de amor e sucesso” em uma festa para amigos, família, funcionários e empresários de Curitiba, onde a emoção se fez presente o tempo todo.

Eu estava no escritório da arquiteta Cris Furlan tomando um café com ela para levar minha ideia de um novo projeto: um livro para comemorar seus 20 anos de carreira. No começo, ela achou um pouco loucura. Fiz os cálculos e encontramos viabilidade numa linha editorial com design elegante, com a parceria de empresas e fornecedores de projetos. O lançamento de “Cristiane Furlan – 20 anos de arquitetura” aconteceu em novembro de 2019 com muito sucesso. Como resultado, um livro com pegada biográfica onde colocamos suas principais obras: a primeira premiada, os apartamentos, casas, escritórios e participação em mostras. Contar a vida profissional dessa arquiteta por meio das imagens de seus projetos foi um grande privilégio. Como uma daquelas coincidências da vida, Cris teve a difícil despedida com seu pai apenas alguns meses antes do lançamento de seu livro. Mais uma vez a vida se manifestou entre o morrer e o nascer.

Em 2020 começamos mais um projeto que movimentou nossa rotina. O médico Saulo Cardoso nos procurou para ajudá-lo a realizar seu sonho de vida. Durante décadas ele reuniu pensamentos em forma de frases curtas (chamados de aforismos), letras de música e poesias. Ao deparar-me com os textos, minha admiração por ele que já era enorme aumentou ainda mais. Uma vida dedicada à saúde e às palavras. Desenvolver esse projeto foi muito importante, um aprendizado de como as palavras têm força e podem sim transformar vidas. “Atos e Fartos” foi lançado no mercado editorial em 2021.

Depois de encontrar tantas emoções e inspirações numa conversa com minha amiga Rose Lira, especialista na produção de livros, decidimos colocar a minha história no papel. Em princípio me questionei se eu teria tanto para falar como aqueles personagens que passaram pela minha caneta, em projetos que coordenei. Minha surpresa foi grande porque a resposta se concatenou com meu momento pessoal: tenho, sim, muitas histórias para compartilhar, inspiradas também pelas vidas que conheci com meu trabalho

editorial. E posso falar? Acho mesmo que todos temos histórias para contar, toda vida dá um ou mais livros!

Ao me aprofundar nos processos biográficos de tantos personagens interessantes, me emocionar e vivenciar um pouco de suas vidas, entendi que deveria me aprofundar no meu próprio caminho biográfico. Como cura, como forma de agradecimento, como imersão. Encontrei em 2021 o trabalho de uma profissional que conheço há tantos anos, mas que a partir dessa aproximação se tornou uma figura de grande importância em minha trajetória, uma amiga verdadeira, uma espécie de mentora do futuro. Tarcila Rubio tem formação antropológica, forte influência de sua mãe e nos últimos anos se aprofundou nos processos de terapia biográfica. Passar por esta terapia, na qual desenhei, pinte, escrevi e contei todos os setênios de minha vida, foi um processo rico e muito importante para entender que na vida as coisas mudam, as dores e sabores passam. A teoria dos setênios fez muito sentido, consegui olhar para minha história e entender que nela, sendo protagonista, devo organizar cada vez melhor a relação com cada personagem, passageiro ou definitivo. Lembro-me de ter revivido histórias que pareciam esquecidas, chorado lágrimas que pareciam ter evaporado, mas na memória e no coração tudo aquilo que a gente viveu se torna uma referência, um sentimento, uma atitude, parte de nossa personalidade, não vai embora de nosso íntimo.

## **CARNAVAL DAS MARCHINHAS: UM SUCESSO QUE UNIU AMIGOS E GERAÇÕES POR DUAS DÉCADAS**

Em 2001, minha amiga Lili Fadigas e um pequeno grupo de amigos fizeram uma festa de Carnaval bem pequena no espaço do Café Preto, onde eu tinha trabalhado como programador cultural. Acabei não indo à festa, mas em 2002 fui chamado com nosso amigo Tayo Cunha para participar da organização do evento. Conseguimos fazer um acordo com a Società Italiana para organizar um baile que a partir daquele momento seria o “Carnaval das Marchinhas – Festa à Fantasia”. A proposta do evento é resgatar o carnaval genuíno, do passado, com marchinhas, marchas-rancho e sambas-enredo, com o orgulho de sermos brasileiros e nos divertirmos fantasiados.

Depois de cinco anos acontecendo com muito sucesso no salão da centenária Società Italiana, onde se fortaleceu como uma das mais charmosas

festas de Carnaval de salão do interior, com um clima único de resgate, o evento acabou crescendo muito e precisou de um espaço maior, e passou a ser realizado no Clube de Campo de Piracicaba. Entre os anos 2007 e 2020 (duas semanas antes da pandemia), a festa foi um grande sucesso. Por 20 anos, alegamos milhares de pessoas, aprendemos a fazer grandes eventos e, sobretudo, construímos uma marca de memórias, baseada na alegria e no saudosismo. Tivemos desafios, ganhamos dinheiro e unimos gerações.

## **SAMAPI DISTRIBUIDORA**

Em 2011 comecei um projeto para atender o crescimento de uma empresa tradicional do interior de São Paulo. A Samapi Distribuidora de Produtos Farmacêuticos, de Piracicaba (SP), iniciou suas atividades em fevereiro de 1965, pela mente brilhante de Aref Sabbagh e seus sócios José Massuh e Carlos Pinese. Ele visitava médicos para divulgar marcas e produtos farmacêuticos e a resposta era tão positiva que logo ele recebia a informação de que os pacientes estavam com dificuldade de encontrar aqueles itens nas farmácias.

Foi assim que Aref e a Samapi cresceram, ampliando sua atuação junto aos médicos, marcas e farmácias, participando de forma mais efetiva da cadeia de abastecimento dos produtos, garantindo melhor performance comercial das marcas que ele mesmo divulgava. Com muita determinação, Aref participava de todas as etapas do processo: divulgava, fazia propaganda, trabalhava as amostras com os médicos, garantia que as farmácias teriam os produtos e ainda entregava.

Hoje com estrutura de governança familiar profissional, a empresa está em sua segunda geração. O grupo conta com cinco empresas, entre elas a Samapi Cirúrgica, uma bandeira de varejo pioneira no lançamento de produtos, marcas e projetos.

Depois de consolidada e com atuação muito forte, que hoje chega a 95% dos municípios do estado de São Paulo, atendendo mais de 600 cidades, a Samapi entendeu que precisava se posicionar melhor enquanto marca, como uma empresa de grande porte com foco na comercialização e distribuição de produtos farmacêuticos (acessórios e correlatos), ou seja, tudo aquilo que não são medicamentos e que podem ser encontrados em farmácias ou drogarias, distribuindo produtos e suprimentos para as áreas farmacêutica,

de perfumaria e hospitalar, contribuindo assim para a saúde, qualidade de vida e bem-estar.

Nosso primeiro projeto na Samapi durou quase três anos. A ideia era criar uma nova marca, uma identidade corporativa compatível com o volume e a força da distribuidora no mercado. Logo começamos a movimentar e integrar a empresa toda e a desenvolver vários setores, como televendas, telemarketing e SAC, treinamentos, materiais impressos, papelaria, logística e propaganda, entre outros. Implantamos muitos padrões técnicos e linguagens de marketing importantes.

Um grande passo para o fortalecimento da marca foi a reestruturação do logotipo, o que culminou em toda a mudança de layout e identidade visual, impulsionando também o departamento de marketing e vendas.

Outra ação importante para a Samapi foi a criação do departamento de atendimento ao cliente (SAC), o qual aumentou ainda mais a credibilidade e confiança dos clientes, oferecendo atendimento em período integral, auxiliando, tirando dúvidas e resolvendo eventuais problemas em relação às entregas, produtos e serviços.

Participamos de um momento importante da empresa, que foi a ampliação de sua rede de atuação para a região Noroeste do estado, com a captação de recursos via trade marketing. Fizemos o projeto do primeiro catálogo e ainda a primeira convenção de vendas, que logo fortaleceram a mudança para uma sede maior e com mais estrutura logística.

O departamento de Recursos Humanos (RH) também foi reestrurado para atender a nova realidade da empresa, que hoje conta com mais de 120 funcionários, 50 representantes de vendas e gerentes comerciais. Coordenado pela psicóloga Cristina Navarro Castro com conhecimento e inovação, o departamento tem políticas bem definidas de RH, desenvolve ações de endomarketing, contrata e integra novos profissionais, treinamentos e programas como SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho) e CIPA (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes) e conscientização dos colaboradores.

Sempre conto uma história divertida e ao mesmo tempo um exemplo de que uma empresa pode melhorar cada vez mais. Por mais bem-sucedida e lucrativa que a Samapi foi em toda sua trajetória, ela jamais perdeu o padrão humano e a simplicidade de seus gestores.

Com mais de 100 fornecedores, entre eles grandes indústrias farmacêuticas, a empresa sempre recebia diretores e executivos para reuniões. Um

dia, no auge de nosso projeto de expansão, descobri que executivos de uma multinacional visitariam “seu” Aref na sede da Samapi. Foi a oportunidade de ouro para “reclamar” para ele de algo que eu não me conformava e não “engolia”, e pleitear uma mudança que seria estratégica em nosso projeto de expansão. Disse a ele:

- Como uma empresa deste tamanho não tem uma recepção à sua altura e das empresas importantes com que ela se relaciona? O senhor precisa ter uma máquina de café top, um bebedouro excelente, móveis de design e uma recepção moderna e organizada. Não é possível termos esse sofazinho (era um sofá pequeno que ele adorava), rasgado e velho. O senhor é grande e seus parceiros têm que enxergar vocês como grandes!

Até hoje a brincadeira que fazem comigo na empresa é que seu Aref mandou trocar o tecido, mas não trocou o sofá.

Seu Aref está com idade avançada e hoje é sucedido pelo filho Paulo P. Sabbagh, que cresceu no grupo e coordena todas as suas empresas e atividades de forma determinante para a sucessão delas, levando adiante as diretrizes e valores que sempre nortearam a Samapi. Sua tia Márcia Sabbagh, irmã de Aref, era uma grande força do sucesso do grupo e diretora financeira da companhia. Era muito atuante, acompanhava de perto o dia a dia da empresa, conversava diretamente com os clientes que viam nela uma base de confiança e apoio, conhecia tudo, os profissionais, as demandas da Samapi e dos funcionários, sempre estendendo a mão a todos que precisassem, nunca deixou de atender, conversar e ajudar.

Ela faleceu em 2020, devido a um ataque cardíaco, e deixou muita saudades em todos que tiveram o prazer de sua convivência.

Sempre me emociono muito por lembrar do Aref e da Márcia, empresários de alta performance que nunca deixaram o carinho pelas pessoas, o lado humano, e não permitiram que interesses maiores os impedissem de fazer o bem aos outros, sempre com muita ética e comprometimento. Isso é refletido em Paulo e também no gerente administrativo, Alfredo Meyer, que administra a empresa há mais de 30 anos de forma entusiasta e determinada, desde que ela era apenas uma “portinha”.

Muitos dos funcionários da Samapi estão há décadas se dedicando à empresa, realizando cada vez mais projetos e mantendo a tradição de um negócio familiar que ainda tem muito a crescer. Hoje sua meta é organizar ainda mais as ferramentas de vendas e marketing, ampliar suas estratégias

de trade marketing, abrir novos portfólios de produtos e passar a atender 100% dos municípios do Estado de São Paulo, com entrega em 24 horas.

Um case de sucesso que me dá muita alegria pois me vejo nele, vejo a importância do meu trabalho em sua história e me sinto percebido em sua trajetória.

## **I LOVE PIRA**

Em 2017 estávamos em grande processo de crescimento. As ideias e projetos borbulhavam. Tínhamos grande proximidade com a BR Malls, marca dona do Shopping Piracicaba à época. Foi com eles que conseguimos realizar ações de marketing muito eficientes, com o principal objetivo de aproximar os lojistas da comunidade regional.

Mayra Rodrigues, gerente de marketing na época, encomendou um projeto que ocupasse uma das lojas com cota de promoção com uma ideia diferente, uma proposta de inovação e economia criativa.

Concebemos uma ideia bem “fora da caixa”: uma incubadora de empresas que reuniria numa mesma loja três marcas pequenas que não conseguiriam ser donas sozinhas de uma loja, mas sim de forma cooperada.

Foi uma experiência muito positiva, porque a ideia era abrir as fronteiras para que as marcas hospedadas naquele ambiente se desenvolvessem comercialmente e desmistificassem, para si e para outras empresas pequenas, o modelo de operação em shopping. Foi um sucesso! Então nos reunimos com as marcas Saboaria da Menina e Quinoa Comida Saudável. I Love Pira era uma marca muito jovem, que tinha como objetivo oferecer presentes, brindes e souvenirs com a temática de pontos turísticos, o sotaque, personagens e simbologias próprios de Piracicaba.

Ao longo dos anos crescemos e nos tornamos uma referência de qualidade e personalidade única do caipira que tem orgulho de suas raízes e gosta de promovê-las em sua cidade e fora dela. Hoje a marca se expandiu e comercializa seus produtos de forma online e em pontos físicos, como a Mosaico Loja Colaborativa.

## **COLÉGIO POLIBRASIL**

### *Depoimento de Luiz Andreelo Filho*

Em 1970, eu tinha o escritório de contabilidade Soparc, e precisava de auxiliares para trabalhar, e na época o único equipamento que existia era a máquina de escrever. Comprei então a Escola de Datilografia Presidente Kennedy, e costumava selecionar nossos melhores alunos para trabalharem conosco ou com nossos clientes.

Chegou a década de 80 e com ela a explosão da informática que revolucionou tudo. As máquinas de escrever foram substituídas por computadores e a escola passou a formar centenas e centenas de jovens para o mercado de trabalho.

No final da década de 90, passamos a ser conhecidos como Colégio PoliBrasil e iniciamos os cursos técnicos em Informática, devidamente reconhecidos pelo MEC e pioneiros em nossa região, ofertados até hoje com outros cursos técnicos. Também passamos a oferecer o curso de inglês, uma vez que o idioma é bastante importante para quem trabalha na área de TI. Ao longo da nossa trajetória nos consolidamos com sucesso no mercado, recebendo seguidamente o prêmio Top of Mind por vários anos.

Nessa época conheci o jovem Bruno CH, que estudava conosco. Por sua facilidade de comunicação e vontade de empreender, ele começou a nos auxiliar na captação de alunos. Como a escola estava e continua localizada na área central da cidade, na época do Natal compramos uma roupa do Papai Noel para ele, e nas ruas e na praça central (José Bonifácio), ele entregava balas e chocolates para as crianças e jovens, sempre com o tradicional “HoHoHo”, e convidava a todos para conhecerem nossa escola.

Ele incorporou tanto a figura do Papai Noel, que passou a fazer parte da vida dele e criou a Casa de Noel, que se transformou hoje em um maravilhoso espetáculo requisitado por todos.

O Colégio PoliBrasil acompanhou a evolução e nos últimos anos passou a oferecer desde o Ensino Fundamental I até o Ensino Médio, completando o ciclo da educação básica, sempre aliando o conhecimento da informática e do idioma inglês e cursos técnicos.

Também fizemos parceria com a Ulbra (Universidade Luterana do Brasil) e nos tornamos um Polo Regional Ulbra, que oferece centenas de cursos universitários pelo sistema EAD.

Digo que nosso colégio cresceu, nossa empresa cresceu e evoluiu junto com a tecnologia. É maravilhoso ver alunos como Chamochochumbi brilhando no mercado de trabalho, conectados com nossa história.

## **BLU ESMALTERIA**

### *Depoimento de Giselle Ghirotti*

Sou de São Pedro e morei 13 anos em São Paulo, porque sonhava em ser executiva na cidade grande. Na capital, trabalhei em uma empresa por quase dois anos, onde conheci meu marido, e então recebi uma proposta de outra empresa de consultoria financeira e contabilidade, onde fiquei 11 anos. Minha formação é técnica em Contabilidade, curso superior em Administração Hoteleira, depois fiz pós-graduação em controladoria no Mackenzie e um MBA em Gestão Empresarial na FGV (Fundação Getulio Vargas). Na segunda empresa onde trabalhei, em São Paulo, entrei como analista financeira e saí como sócia por volta de 2017.

Durante esse tempo na capital casei e tive minha primeira filha. Em 2016 veio minha segunda gravidez, um menino, e descobrimos que ele teria necessidades especiais. Eu e meu marido já estávamos um pouco cansados da loucura de São Paulo, então chegou a hora de voltar para o interior, e resolvemos morar em Piracicaba. Vim com o objetivo de abrir uma filial do escritório que eu era sócia em São Paulo, porém por questões de saúde do meu filho não consegui tocar esse projeto e resolvi me desligar definitivamente da empresa. Parei de trabalhar por um ano para me dedicar 100% ao meu filho. Depois desse tempo parada queria fazer alguma coisa, e como precisava de flexibilidade de horário para acompanhar meus filhos, decidi empreender. Quando parei de trabalhar comecei o MBA de Gestão Empresarial na FGV. O TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) era um Plano de Negócios, e comecei a desenvolver a BLU Esmalteria. Pegava todas as informações e entrava em contato com as franquias da área para formar meus números, juntei e montei o plano de negócios. Quando chegou o momento de pensar no marketing entendi que precisava de ajuda.

Eu havia feito um pré-projeto, pois tinha essa matéria no MBA. Meu marido é de Marketing e me incentivou muito a terceirizar isso, porque eu não era de Piracicaba, não conhecia ninguém, ninguém me conhecia e

precisava dar visibilidade para a marca. O nome do Bruno me foi indicado, mandei meu plano de negócios, acredito que ele olhou e pensou “acho que essa menina sabe alguma coisa”. Então ele me trouxe um leque de opções do que eu deveria fazer e me senti numa loja de doce olhando para a prateleira e falando “acho que quero todos”. Peguei todo o leque de opções. Fizemos uma inauguração presencial, um coquetel com convidados especiais, trouxemos o jornal, levamos para a rádio antes mesmo da inauguração, e fomos para o Instagram para quem curte mídias sociais. Assim pegamos um pouquinho de cada coisa, de cada público. Além disso teve o soft opening, uma inauguração fechada só para convidados que foi um sucesso!

Como vivi muito tempo em São Paulo, pensava que ninguém precisava saber quem eu era, que ninguém se importava se estou bem vestida ou não, de quem sou filha, como vou para o trabalho, enfim, lá eu passava despercebida, mas Bruno me falou que aqui a minha “carinha” teria que aparecer. Contestei que o negócio não era a Gisele e sim a BLU, e ele falava “aqui não é assim que funciona”. No início foi um choque, porque para mim eram coisas distintas. Hoje vejo que isso foi essencial, pois ele me trouxe uma realidade da qual duvidei no começo.

O tempo me mostrou que Bruno estava certo. Eu não mexia no Instagram, não sabia como fazer stories, o primeiro que fui gravar tive que pedir ajuda a uma manicure. Comecei a aparecer com frequência e fizemos outras ações depois, alguns patrocínios, minieventos, reuniões e todo o tempo ele me colocava nas coisas, e eu sempre topava tudo. Isso tudo foi fundamental, então toda a questão de visibilidade e posicionamento foi uma coisa muito importante. Por fim achei meu público, pois comecei a falar nos canais certos e com as pessoas corretas. Bruno me ajudou muito na questão do nicho, do público-alvo. A visibilidade e posicionamento foram as duas maiores vantagens que tive com seu trabalho.

Hoje, após mais de 5 anos de Blu Esmalteria, acredito que estamos muito bem posicionados e que consegui, claro que com muito esforço e trabalho duro, meu e de toda equipe que segue comigo, incluindo Bruno, colocar a Blu onde eu desejava, ser referência como um salão de beleza com foco em bem-estar, um lugar diferenciado que acolhe e proporciona para as clientes o melhor momento de relaxamento e autocuidado, uma pausa na correria do dia a dia!

## **CONSTRUTORA ADOLPHO LINDENBERG**

Em 2011, atenta ao potencial de crescimento do interior paulista, a Construtora Adolpho Lindenberg, sediada em São Paulo, anunciou investimentos da ordem de R\$ 190 milhões para dois projetos de alto padrão em Piracicaba. Fundada em 1954 pelo engenheiro e arquiteto Adolpho Lindenberg, a Construtora hoje é nacionalmente conhecida pelos seus empreendimentos de alto luxo que reúnem qualidade, bom investimento, apuro estético, boas soluções arquitetônicas, excelência no processo construtivo, inovação e um relacionamento próximo e duradouro com seus clientes.

Foi nesta atmosfera que a empresa chegou em Piracicaba e procurou por um time que a representasse e organizasse sua agenda de eventos, comunicação e relações públicas junto ao seu departamento de marketing. Fomos recomendados e contratados, e ficamos responsáveis por todos os planejamentos de assessoria de imprensa, relações públicas, redação de informativos e releases, cerimonial para eventos, mapeamentos de mercados e oportunidades, e ainda pela inovação. Começamos atendendo essas demandas apenas para os projetos de Piracicaba, e com o passar dos anos de parceria também participamos de ações em outras cidades do estado como Jundiaí, Santos, Osasco e até na capital.

No aspecto da inovação, conseguimos criar projetos de eventos muito diferentes, como a reprodução de uma planta do Trio by Lindenberg em loja do Shopping Piracicaba, e ainda a primeira mostra vertical de arquitetura do interior de São Paulo, chamada Trio Decor Experience. Foi do MBM Escritório de Ideias a articulação de todo esse projeto, desde escolher e convidar os profissionais participantes até formar parcerias com empresas, além de sua divulgação em toda a região.

Fizemos muitos eventos em seu rooftop quando o Trio ficou pronto. Participamos das articulações na criação de pelo menos dois apartamentos decorados no Lindenberg Timboril, assinados pelos renomados arquitetos Celso Laetano e Cris Furlan. Levamos profissionais de arquitetura para conhecer um dos maiores apartamentos do Brasil, construído pela Lindenberg, com 1.223 metros quadrados, no bairro Panambi, em São Paulo.

Nossa parceria durou oito anos, sempre com um excelente relacionamento com todos da Construtora, em especial com seu departamento de marketing, principalmente com as coordenadoras Renata Ikeda, Carla Fernandes e Natália Serra. Também destaco a relação próxima que tivemos

com os diretores Adolpho Lindenberg Filho e Marcelo Buazar, assim como seus executivos Charles Nader, Luciana Saul, Arthur Capella, Rosilene Fontes, Samantha Oliveira, Sidney Rechelo e Bruna Deiab.

## **VILLAGE ARTE DECOR**

A data oficial e inauguração da primeira edição do Village Arte Decor, evento que reúne as tendências de arquitetura, decoração e design, é 29 de outubro de 2015. Mas muito antes disso, em 2000, eu já me aventurava nesse universo de mostras do setor com a primeiríssima edição de um evento deste tipo em Piracicaba, com a criação da Casa de Noel, em um sobrado localizado na rua Governador Pedro de Toledo. A mostra realizada na época do Natal foi um grande sucesso pelo seu pioneirismo, ocorrendo no ano seguinte como encerramento da reforma completa da Società Italiana, onde aconteceu nos anos seguintes até 2006.

Em 2008, fui chamado pelo meu amigo Paulo Ferretti, grande professor e consultor de Gastronomia e Hospitalidade, para ajudar na divulgação do restaurante que ele estava operando na Casa Cor Interior, em Piracicaba. Neste momento conheci Eduardo Pelaes, que era o principal executivo da mostra, e tivemos boa afinidade profissional. Cinco anos depois o MBM foi contratado para ser a empresa oficial de comunicação do evento, além de fazer sua revista. Além dessa edição, também ficamos responsáveis por elaborar as revistas das mostras de Campinas e Santos.

No final de 2014 a Casa Cor Interior deixou de ser realizada, e Eduardo, que era nosso elo na confecção da revista e divulgação da mostra, me contou que não queria deixar de fazer esse tipo de evento. Tivemos uma reunião muito longa e saímos dela com o embrião do Village Arte Decor na cabeça e no papel. O nome já era esse, e a proposta ousada: revitalizar o bairro Monte Alegre, uma importante área da cidade, sob a tutela do Estado e do município, via Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) e Codepac (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural. A escolha do lugar tinha para mim, além do valor histórico, um significado pessoal muito especial, afinal, meu avô Eduardo Fernandes Filho havia sido gerente da Usina que deu nome ao bairro, morando nele e tendo alguns filhos nascidos lá.

Conversamos então com Balu Guidotti, proprietário da área histórica que nos interessava, e ele imediatamente abraçou o projeto de criação de 21 ambientes distribuídos pela Vila Heloísa, em barracões de armazenamento e espaços como escritórios. A inauguração, em 29 de outubro, foi um sucesso absoluto, reunindo nomes de destaque da arquitetura, design, decoração e paisagismo de Piracicaba e região, com matéria de destaque na Globo EPTV de Campinas e em muitos outros veículos.

O “bichinho” das mostras do gênero havia me picado de uma vez. Em 2017, fizemos a segunda edição do evento, dessa vez em uma casa também tombada pelo Codepac no bairro Vila Rezende, que abrigou 18 ambientes na área conhecida como Vila Francesa. Ainda nesse mesmo ano, paralela ao evento principal, foi montada uma mostra no Shopping Piracicaba, o Village Outdoor. Em 2018, chegou a hora de ampliar os horizontes no interior, e o Village aconteceu em Rio Claro, onde foram criados 20 ambientes em umas das grandes mansões do Jardim Claret, onde moraram por 36 anos empresários do ramo de cerâmica.

Após um ano de intervalo, eu e Eduardo decidimos que era hora do Village voltar a Piracicaba, dessa vez em uma casa cinquentenária na avenida Suíça. As obras tiveram início em outubro de 2019, e tudo estava indo de acordo com o calendário da mostra, que seria aberta em maio de 2020. Nada indicava que em março daquele ano a pandemia do coronavírus atingiria o mundo, se tornando uma das maiores tragédias no século 21. Nessa época estávamos na fase de acabamento das obras, e não havia mais como cancelar o evento, mas assim como todo o resto do mundo, fomos obrigados a paralisar os trabalhos e adiar sua abertura.

As incertezas nos atingiram em cheio. Paralisar uma obra quase terminada, sem ter ideia de quando ela seria retomada, foi um desafio e tanto. Eu e Eduardo não desistimos, e quando foi possível retomamos os trabalhos com todo cuidado exigido para a não propagação da doença. Nem vacina havia ainda! Recebemos o apoio da grande maioria de nossos profissionais e parceiros, uma comunidade formada por no mínimo 600 pessoas e marcas.

Apesar do pensamento positivo, tivemos momentos muito difíceis. Nosso planejamento foi perdido, nosso orçamento comprometido, nosso marketing criticado como se estivéssemos sem criatividade ou entregando menos do que havíamos acordado com os participantes do evento.

Finalmente, em março de 2021, abrimos o Village Arte Decor seguindo as normas de segurança contra o coronavírus, ou seja, visitaço limitada,

uso de máscaras, álcool gel espalhado em todos os lugares possíveis, sem descaracterizar os ambientes. Mas os picos da covid estavam em todos os lugares, e fomos obrigados a encerrar a visitação presencial, mantendo apenas a virtual. Em termos financeiros o impacto foi grande, afinal, não pudemos contar com a renda da bilheteria para equilibrar as contas. Mas em termos de posicionamento de marca, foi essencial manter a realização do evento.

No momento em que lanço este livro, estamos à frente da realização da quinta edição da mostra, também em Piracicaba, numa casa na avenida Itália, uma das primeiras com arquitetura modernista da cidade, com o tema “Morar é Amor”, aberta em agosto. Os tempos são outros, e a renovação do projeto é algo natural numa história de muito trabalho, determinação e criatividade para superar todos os desafios.

## **TRABALHANDO COM O TERCEIRO SETOR**

Quando o MBM estava comemorando cinco anos, comecei a atender projetos de comunicação e marketing para o terceiro setor. É encantador se dedicar a projetos que modificam a vida das pessoas. Estava bastante envolvido e aprendendo muito sobre como alavancar instituições indispensáveis para uma sociedade mais justa, também como prestadoras de serviço social para diversos fins e participando de seu posicionamento enquanto empresa, com marca, missão e crescimento.

Vejo que um tabu enorme das instituições do terceiro setor é serem vistas de forma profissional, sem medo do reconhecimento enquanto empresas, com marcas, missões e utilidade pública, prestando serviços sociais e atendendo demandas humanas para determinados grupos. São projetos que impactam toda a sociedade.

O grande problema dessas empresas é que, mesmo não tendo fins lucrativos, elas deveriam estar muito conscientes do valor gerado para toda a sociedade, do seu lucro social, exatamente por desenvolverem uma ação muito nobre, complementar aos governos, gerenciada pela sociedade civil. Essa é uma grande dificuldade que reside na autoestima das instituições, começando pelo valor atribuído por funcionários, gestores e clientes atendidos por suas vocações. Um limbo, uma humildade exacerbada, o entendimento equivocado de que o pedir é mais forte do que o serviço oferecido. Instituições fadadas a acabarem são aquelas que se enxergam como pedintes,

estão sempre passando o chapéu e se esquecem de sua autoridade enquanto importantes células transformadoras de vidas e histórias, promotoras de melhores condições e futuro.

O Instituto Rumo atendia crianças de bairros carentes em contrarturno com projetos educacionais e oferecia profissionalização a mulheres em situação vulnerável com cursos de artes e artesanato. Em 2008, a instituição precisava ter uma identidade corporativa e presença mais marcante nos eventos e na captação de recursos no interior de São Paulo. Participamos de todas as rotinas que envolvessem design e redação de projetos, eventos e comunicação com a sociedade, posicionando o Instituto Rumo entre as principais e mais sérias entidades do interior.

No terceiro setor, realizei trabalhos com importantes entidades de Piracicaba, como a campanha “Olhe a sua volta, estamos lado a lado”, em 2011, para comemorar o aniversário de 46 anos do Centro de Reabilitação Piracicaba, fazendo com que personalidades locais se colocassem no lugar das suas mais de 600 pessoas portadores de deficiências físicas, intelectuais e múltiplas atendidas, e suas famílias.

O Espaço Pipa, que atende crianças portadores da síndrome de Down ou deficiência intelectual e suas famílias, em 2011 era presidido por Fabiane Fischer, e estava num processo de grande mudança administrativa. Ela chamou o MBM Escritório de Ideias para integrar todo o processo de transformação institucional, começando pelo próprio nome, que foi dado por essa nova diretoria, no lugar de Associação Síndrome de Down. Surgiu então o nome Pipa, reafirmado por seu acrônimo que significa Promover Inclusão Partilhando Ações. Criamos desde a identidade corporativa, passamos pelos treinamentos de equipe, padrões de atendimento telefônico até a presença em grande estilo na Festa das Nações, ligando ainda mais a instituição à sociedade civil e a empresas.

Na Casa do Bom Menino, que atende crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, fizemos o reposicionamento da marca com a campanha “O sol brilhou e o bom cresceu, hoje ele é um grande homem”, que marcou 50 anos de aniversário da instituição, em 2013. Na oportunidade, desenvolvemos a revisão da identidade corporativa, o selo comemorativo, eventos para geração de recursos, a implantação do projeto Menino Gourmet e diversos produtos audiovisuais.

Em 2018, o MBM foi responsável pela organização da festa de inauguração do Instituto Autismo de Piracicaba (IAP), criado pela ceramista Eliana

Saliba, também terapeuta especializada no espectro autista, que enveredou por esse caminho após o nascimento e diagnóstico do filho Enrico. Além da inauguração, promovemos a imagem do IAP para que a cidade e a comunidade médica soubessem de sua existência. Em 2020 retomamos as ações de divulgação, já que o Instituto cresceu muito e se mudou para uma nova sede.

## **UM JANTAR DE EXCELÊNCIA**

Em 2010 fui convidado para ensinar no curso livre de eventos do Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). Seriam pouquíssimas aulas para mostrar aos alunos como eles deveriam organizar um evento, quais etapas deveriam ser adotadas, como organizar pequenos, médios e grandes eventos. Entre os alunos, pessoas de diferentes idades numa turma rica e bem variada. Um deles, Ivan Marcondes Antonio, foi até parar no Big Brother Brasil 13. Na época, ele e a mãe Maristela participaram bastante das aulas, sempre muito interessados e parceiros das ideias. Quando dou este curso, procuro envolver a turma numa teoria ampla e ainda ofereço a oportunidade da realização de um evento na prática. O mais legal de um bom evento é que ele tem uma agenda, uma sequência, um beabá que não tem como a gente fugir. Propus que fizéssemos um jantar real, uma noite de sabores brasileiros, afinal tínhamos chef, assistente de cozinha e profissionais do setor no grupo. No início eles ficaram um pouco receosos, mas toparam organizar o desafio. Fizemos um jantar com música e menu completo, com apoio de empresas e voluntários. A noite foi um sucesso e até hoje somos encantados pelo sucesso que se tornou aprendizado e história.

## **PANDEMIA: TUDO NOVO PARA SEMPRE**

Quando a pandemia da Covid-19 foi anunciada, eu estava firmando novos contratos de trabalho com clientes do interior e de São Paulo capital. Todos foram suspensos. De março a dezembro de 2020 o faturamento de minha empresa caiu 90% e me vi numa situação muito difícil, muitos questionamentos sobre minha competência, redução de equipe e um sentimento de impotência gigantesco. Em casa, a tristeza de ver parados diversos projetos de eventos, inclusive um bem adiantado, se transformou logo em ação. Eu

não podia me deixar abater. Não tinha mais um time grande de pessoas comigo, estava sem dinheiro, mas logo descobri que tinha algo para ajudar as pessoas: meu nome e minha boa comunicação.

Comecei dando toda força possível para os empreendedores de gastronomia, numa ação que chamamos de Delivery Chow. A ideia era receber os deliveries de amigos e mostrá-los nas redes sociais, falando da qualidade dos pratos, da embalagem, a segurança das entregas, a tradição das empresas e outros atributos. Logo em seguida começaram as lives, nas quais fui desafiado com conteúdos diferentes para gerar relevância e reflexão junto ao público. Já no segundo semestre de 2020, eu e a cantora Julia Simões, criamos um estúdio para realização de lives e shows ao vivo para redes sociais, onde criamos mais de 50 eventos.

Depois de 12 anos no ar, fui informado sem grandes justificativas que meu contrato não seria renovado na rádio onde eu estava atuando. Menos de um mês depois eu já estava num novo endereço, super acolhido e com o triplo de espaço para realizar meus projetos. Em poucos meses, dessa nova oportunidade na Rádio Onda Livre FM, onde alcancei mais de 50 cidades com meus quadros de entrevistas e notícias, apareceu a oportunidade de um programa com meu nome, com minha energia, com entrevistas e variedades. O “Café com Pan” da Jovem Pan News FM virou sucesso na pandemia e hoje continua animando muita gente na região metropolitana de Piracicaba.

Entre aberturas e fechamentos de eventos, consegui realizar a quarta edição do Village Arte Decor, mostra de arquitetura, decoração e paisagismo. Enfrentamos o tempo, a pandemia e até perseguição política.

Cresci com minha marca pessoal #TudoComCH, com minha presença e personalidade em projetos, ajudei muita gente e ainda aprendi que é preciso encerrar amizades e parcerias profissionais sem reciprocidade. Nas dores da pandemia, vivenciei também o valor à família e o sentimento real de que menos pode ser mais.

# Curtinhas.

**Algumas pessoas vão te dizer que não vai dar certo:** Se tem uma coisa que sempre tive foi otimismo. Não aceito ouvir de alguém que algo não vai dar certo. A gente precisa tentar primeiro! Não dá para ser negativo ou se acomodar no insucesso. Eu brinco que tem gente que gosta de contar vantagem ao contrário, a pessoa sempre tem uma dor, dificuldade, impedimento ou algo negativo para contar. Acho um saco! Afinal, gosto mesmo é de ir até o fim, de batalhar, de afirmar, de trabalhar em equipe. Eu gosto do “sim” mais do que do “não”. E quase todas as vezes em que alguém diz que algo não vai dar certo num trabalho, num projeto, numa situação, peço para minhas forças maiores me orientarem, recorro às minhas experiências anteriores e me agarro no que pode acontecer de bom, na virada do jogo e numa forma diferente de enxergar as necessidades de realização daquilo. Não aceito me acomodar, não esquento cadeira de dificuldade, me coloco como um resolvidor de problemas. Bem que minha avó dizia que só não tem jeito para a morte.

**Não deixe ninguém ser âncora na sua vida:** Uma vez uma pessoa me disse que sou muito aéreo, que preciso ter pessoas que são âncoras na minha vida. Eu simplesmente não quero isso! Não quero ninguém me puxando para baixo, pesando na minha vida para me afundar. Acho sim que é importante acharmos um equilíbrio, mas essa história de que a gente sonha muito – e não pode – é uma verdadeira desgraça. Quero é sonhar muito, realizar muito, eu mereço abundância. Aceito no máximo ter uma linha na minha pipa, um norte no meu barco. Muitas vezes isso pode vir de pessoas que complementem minha visão, parceiros de projetos e amigos que se conectem aos meus talentos. Os exatos e os humanos se completam sim, mas um não deve desmerecer o outro, isso é uma armadilha sem volta.

**Se você errar, vai se lembrar:** Lembro de muitos erros que cometi em minha trajetória, principalmente pela ansiedade de ver tudo dando certo. Errei na cobrança de valores menores ou maiores, errei na expectativa dedicada e na confiança em determinadas pessoas e ideias que me frustraram. Penso que errar é uma das maravilhas do processo de querermos fazer. Só erra quem faz, quem quer fazer. Erra e aprende. Talvez eu tenha uma quantidade

maior de horas dedicadas em projetos de comunicação, marketing e eventos exatamente porque nunca tive medo de fazer, de tentar, de experimentar. Não tenho medo de julgamentos, de opiniões ou de críticas, isso me ajuda muito, já que são muitas e o tempo todo. Às vezes vejo gente tão receosa que me procura para ajudar a realizar um projeto, um sonho delas. Percebo que elas precisam de meu apoio porque têm tanto medo de errar e serem julgadas que não se permitem o risco de tentar. Elas chegam certas de conseguir. Mas em praticamente todos os casos, para conseguir temos que tentar, testar, projetar. Obviamente que minha margem de erro é menor enquanto profissional contratado para realizar um projeto. Mas também sou suscetível ao erro. Transformar o erro em amigo, a deslizada em aprendizado, reconhecer sua incapacidade não é demérito. É ser humano!

**Os brinquedos, cartões e livros da Tia Cida:** Percebo que a maioria das crianças e jovens de hoje têm uma dificuldade que provavelmente será bem sentida no futuro, que é a pouca leitura. Para chegar nos lugares mais altos de minha jornada de trabalho, precisei de muita escrita, leitura, fala e escuta. Comecei tudo em casa, com muito estímulo. Uma das pessoas mais importantes nesse processo de aprender e gostar de ler foi minha tia Cida. Ela é uma das poucas pessoas que me presenteou com livros, cartões com mensagens e até mesmo brinquedos educativos. Foi por ela que conheci Daniel Defoe, os irmãos Grimm, Cecília Meireles, Ziraldo, Fernando Pessoa, Richard Bach e tantos outros nomes da literatura brasileira e mundial. Às vezes ela não mandava presente no Natal ou aniversário, mas sempre tinha uma palavra escrita, uma mensagem positiva, algo gentil e amoroso. Isso é um carinho sem igual.

**Abrace hoje as oportunidades:** Tem sempre uma oportunidade de boas ideias e conexões aparecendo em nossa vida. Precisamos saber enxergar isso como um sinal de que as coisas estão se movimentando e de que nosso potencial é alto para voos cada vez maiores. Muitas vezes uma boa oportunidade vai aparecer para nos testar num cachê pequeno, num projeto com desconhecidos, num domingo ou num dia em que poderíamos estar descansando. Quando abraçamos essas situações atípicas, nos abrimos para um final feliz, um grande aprendizado e superamos a barreira da dúvida. Nem sempre é sobre ganhar, mas sempre é sobre aprender.

**Bruna:** Eu sempre idealizei a amizade como um lugar que nos cura, alegre e faz crescer. Na boa amizade temos ainda a oportunidade de ajustar as condutas, aprender a tratar o outro e saber pedir aquilo que conforta, ter a certeza de que é possível continuarmos juntos mesmo depois de um desentendimento. Entre os tantos amigos, tenho uma que sempre me enxergou grande. Desde os 14 anos a gente está junto e tenho a sorte ter de sua presença em praticamente todos os momentos (bons e ruins) de minha trajetória. Bruna Cadioli Rossi Zambon sempre vibrou como poucas pessoas pelo meu sucesso e considero isso um presente, pois ela sempre cuidou de mim. Com ânimo e disposição, ela viu nascer a Casa de Noel antes mesmo de sua criação, quando eu morria de calor para animar festas em Piracicaba e região. Minha primeira roupa de Papai Noel foi feita pela costureira de sua mãe. Bruna esteve também na reforma da Società Italiana, lugar onde sua avó Ada Cadioli foi professora por décadas. Nossas aulas de italiano com sua avó eram divertidas demais. Ela assistiu também os grandes shows comemorativos do musical Casa de Noel, quando viajamos em turnê por mais de 15 cidades, a primeira vez que pisamos nos estúdios Globo e tantos outros recordes dessa minha trajetória. Quando seus amigos abrem também o afeto de suas famílias, o sucesso ganha ainda mais força para acontecer. Eles sabiam que ia dar tudo certo!

**Senhora Mesa:** Patrícia Guimarães é uma jornalista criativa e apaixonada. Por sermos parecidos na intensidade do que gostamos de fazer, não foi raro termos certos atritos ao trabalharmos juntos. Mas tá aí uma profissional porreta, com vontade de realizar e sem medo de botar a mão na massa. Com a participação da minha amiga Cris Sanches e um time de jornalistas super competentes, criamos a “Senhora Mesa”, primeira revista de gastronomia do interior de São Paulo, resultado de um laboratório que Patrícia teve por anos: a cozinha afetiva. Fui visitá-la no Peru, quando ela morou, trabalhou e estudou, acompanhando o trabalho de seu marido André. Como uma boa especialista em bem receber, ela ensina seus seguidores, principalmente do Instagram, a fazerem mais e melhor na cozinha, servindo uma Senhora Mesa!

**Zazá Brasileira:** Uma das cantoras de samba e MPB mais amadas de uma geração trouxe um grande presente para mim. De fã passei a produtor e juntos criamos seu primeiro show no Teatro Municipal de Piracicaba. Isaíra Aparecida Barbosa, conhecida como Zazá, foi uma das artistas mais carismáticas que eu conheci, sua energia era contagiante. Infelizmente ela

faleceu logo após o grande show de sua vida, registrado em vídeo para ser material de prospecção para novos clientes. Ficamos com imagens e sons únicos, gravamos a homenagem de amigos e contamos sua história de vida. Como legado ao seu filho, Rafael, a quem tenho a honra de chamar de amigo, ela deixou o amor pela música e o lugar da voz para que ele não só prosseguisse, assumindo a liderança de novos projetos, como também se encontrasse como artista.

**A exposição dos dinossauros:** Ao visitar o Peru fizemos amizade com muitas crianças da praia de Boca León, onde meus tios Ricardo e Mary levavam meus primos para as férias. Como um menino inquieto e cheio de energia, eu não parava. Tinha dias que minha tia avisava que não poderíamos tomar mais de três sorvetes Donofrio, marca peruana do carrinho do senhor Elmer. Depois de muito inventarmos brincadeiras na praia com os amiguinhos, percebi que todos tinham muitos dinossauros de borracha e alguns tinham exemplares super bem-feitos. Acabamos criando uma exposição e saímos pelas ruas do condomínio anunciando o evento, realizado nas areias da praia, à noite, com efeitos de iluminação e toda uma cenografia. Para verem a exposição, os primeiros dez adultos não pagaram, com a condição de divulgarem para o restante da praia. No final da atividade todos tínhamos muitas moedas e elogios.



# Faça sua história acontecer.

## **CAMINHO SEM VOLTA<sup>1</sup>**

Em 2005 decidi que abrir minha própria empresa seria a realização de um sonho. Mas, afinal, qual é o grande sonho do empreender? Não acredito que seja necessariamente ter uma empresa, mas, sim, realizar projetos de forma a acompanhar todas as suas etapas, “comandando o barco”. E ter uma empresa torna-se parte importante da realização, porque formaliza e organiza todas as necessidades, objetivos e metas. Então existem, naturalmente, empresários e empreendedores, e um não é a mesma coisa que o outro.

Lembro-me bem que antes de ter uma empresa estabelecida eu já empreendia. Arrisco dizer que o faço desde pequeno. Seria, então, uma vocação? Sempre tracei muitos projetos e, mesmo muito jovem, consegui realizá-los. Esta é minha maior obstinação profissional: não abandonar minhas ideias no meio do caminho.

**Ser um realizador, um protagonista, é uma grande batalha. Todos os dias, temos um mar para atravessar. Ao olhar para trás, penso que venci um grande desafio.**

O empreendedor nunca tem o dinheiro que precisa, a quantidade de pessoas que precisa, enfim, os recursos necessários. E a grande magia do sucesso está aí. Gestão é isso. É quando de pouco fazemos mais, fazemos muito. Quando fazemos nascer, mantemos e transformamos uma ideia ou negócio em sucesso. E, sucesso, numa empresa, é quando as coisas acontecem. Fazer acontecer é o grande negócio dos empreendedores.

Cuidar de pessoas, ter talento para agregar parceiros, saber negociar e, principalmente, compreender que recursos devem ser respeitados, são

1 Adaptado da matéria publicada na Revista Tutti – Edição nº 18 – Fevereiro de 2015.

alguns dos atributos para quem decide tocar um projeto para frente e aceita o desafio de um começo, um meio e um fim.

O empreendedor não é só ousado. Ele é inovador. É líder. É protagonista. Porque entusiasma outras pessoas, uma a uma, a acreditarem em seu sonho, em suas ideias. O empreendedor é aquele que tem a ideia, mas precisa executá-la ao mesmo tempo.

Sem qualquer dúvida, posso dizer que carreguei e ainda carrego muitas pedras. Mas isso não me faz fraco ou autopiedoso. Pelo contrário, me motiva para o amanhã.

Empreender, muitas vezes, é um caminho solitário, porque você não tem com quem falar e, não raro, é desencorajado até mesmo por quem mais acredita em você. E não era para ser diferente.

O empreendedor rompe barreiras, quebra paradigmas. E nem dá para falar em que momento, pois na verdade é o tempo todo. O empreendedor é vigilante, obrigado a buscar uma disciplina marcada pelo compasso do que vem a seguir, do impacto positivo que os bons negócios trazem para os próximos bons negócios. O empreendedor tem insights, rompantes e boas doses de coragem repentina.

Eu movimento a economia, gero empregos e planto a semente de um legado. E o medo perde força com a passagem do tempo.

Compartilho com você, leitor, mais do que a certeza de que nossa missão é fazer acontecer. Somos verdadeiros pilares para que a esperança de um mundo mais justo e ético se consolide por meio das ideias e relações comerciais. Somos protagonistas resilientes e cheios de ideias para construir um mundo melhor.



## Apresentação do autor e seus contatos.

O meu primeiro encontro com Bruno foi no ano de 2006, ele um jovem rapaz, com uma habilidade nata na comunicação.

O nosso encontro de alma ocorreu 16 anos depois, em 2022 quando ele me pediu para fazer o Biográfico que casava com o seu momento de vida e com a conclusão do seu livro autobiográfico.

Trabalhar com biografia humana na vertente da antroposofia é um processo terapêutico onde o cliente é conduzido a recontar a sua história de vida. A biografia é dividida por setênios e podemos compreender como ocorre o processo de desenvolvimento humano. Ganhamos a oportunidade de pintar a nossa vida com novas cores, de nomear os sentimentos, ressignificar os fatos, identificar nossos padrões, conhecer os espelhamentos entre os setênios, as crises comuns a todos e as individuais.

O nosso primeiro encontro biográfico ocorreu no dia 24 de março de 2022, nele trabalhamos o genograma familiar do Bruno, ou seja, buscamos informações sobre seus ancestrais. O pai do Bruno nasceu em Lima, no Peru e é dele o sobrenome Chamocho. A parte triste da história é que o pai do Bruno morreu muito jovem, aos 27 anos, no Peru, quando visitava a família. Na época o Bruno tinha apenas quatro anos de idade. As primeiras lembranças que costumamos ter da nossa vida giram em torno dessa fase, sendo que é por volta dos três anos que a criança começa a falar EU.

O **primeiro setênio** do Bruno foi conturbado. Com a morte do pai, sua mãe ficou muito triste e desestabilizada. Nasceu ali um sentimento de abandono, um vazio. Mudaram para Ilha Bela, depois de um tempo retornaram para Piracicaba. Com a instabilidade emocional de sua mãe passaram a morar com os avós maternos. Os primeiros 7 anos de vida são a fundação de onde vamos erguer a nossa base e sustentar nosso desenvolvimento físico e emocional. O ideal está no plano das ideias e olhando sob essa perspectiva, a vivência esperada do mundo para esse setênio é de que ele seja bom. A história de vida é o nosso maior legado, é um grande espelho do que a nossa

jornada conta sobre nós. O Bruno tomou a vida dele nas próprias mãos, não virou vítima da fatalidade ocorrida na infância, começou seu protagonismo dentro do próprio ninho.

Já no **segundo setênio** mostrou como as habilidades natas apresentadas na infância foram se tornando cada vez mais consistentes. Mesmo diante das adversidades que precisava enfrentar ainda tão jovem, nunca esmoreceu diante dos sentimentos de solidão e da consciência que se apresentava cada dia mais clara. Para conquistar seus objetivos teria de ir à luta aproveitando cada oportunidade que a vida lhe dava.

Com 14 anos, exatamente na mudança do segundo para o **terceiro setênio**, fase da vida onde ocorre o nascimento emocional, sua biografia foi marcada com a morte do avô materno e de um primo querido. Em seu relato no processo biográfico entendeu que a tônica positiva desse **setênio** foi ter adquirido responsabilidade e seu posto no mundo. No terceiro setênio, quando ocorre o nascimento da identidade, faz o primeiro trabalho como Papai Noel aos 15 anos e, aos 18 anos, nódo lunar na biografia humana, realiza a primeira Casa de Noel. Aos 20 conhece Ana Carolina que viria a ser a mãe do seu primeiro filho.

No **quarto setênio** inicia-se a fase da luta no processo de desenvolvimento humano. Na biografia do Bruno um grande acontecimento com o nascimento do seu primeiro filho, Antonio, aos 21 anos de idade, fruto do seu relacionamento com Ana Carolina. Aos 23 anos abre a sua empresa MBM, perde sua avó materna e sua mãe fica doente. Aos 24 anos, ciclo de Júpiter na biografia humana, conhece Carla e aos 26 anos eles se casam. Aos 27 anos sua mãe faz a passagem, mais uma grande perda na sua vida fechando o ciclo desse setênio.

No **quinto setênio**, aos 30 anos, fase crística na biografia humana, nasce o seu segundo filho, Eduardo. Aos 31 anos nasce o seu terceiro filho, Vitor. Aos 32 anos de idade, a Casa de Noel completa 15 anos de atividade, e nessa fase reencontra Fabiane Ducatti como sua grande parceira de trabalho até hoje.

Aos 35 anos, abrindo o **sexto setênio**, experimenta um crescimento exponencial da MBM. Aos 36 anos, segundo ciclo de Júpiter na biografia humana, decide mudar para São Paulo. Aos 37 anos, segundo nódo lunar na biografia, muda para São Paulo. Aos 38 anos estoura a pandemia da Covid-19, trazendo enormes desafios, transformações e consequências. Diante do novo cenário que parecia roubar o palco da sua vida, volta para Piracicaba com a família.

Hoje aos 40 anos de idade, Bruno continua brilhando e provando que o palco é mais seu do que nunca. Por seu potencial e sua personalidade única que encanta tantas pessoas, segue protagonista com sua vida nas mãos, com suas escolhas conscientes, consistentes e corajosas. Seja no rádio, na música, na Casa de Noel, com seus clientes e amigos, está sempre atuando com sua grande habilidade de comunicador.

Agradeço a vida por ter me presenteado com nosso recente reencontro, agradeço ao Bruno por ter confiado a mim o seu maior tesouro, a sua história de vida, de superação, de coragem, de alegria, de generosidade, do grande artista que é e com toda graça e talento brilha no palco da vida com a autenticidade própria e necessária ao desenvolvimento sadio da nossa passagem aqui na terra.

**Tarcila Rubio**

*Formada em Serviço Social – Puc (SP)*

*Aconselhadora Biográfica formada pela Escola Livre Antroposofia Formação e Estudos Biográficos (MG)*

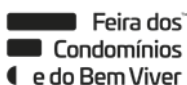
---

## PODCAST CHEIO DE IDEIAS

Bruno Chamochumbi reuniu um time de amigos e parceiros para a gravação de uma série de entrevistas dedicadas a este livro. As gravações aconteceram nos Estúdios do Pecege, em agosto de 2023 na cidade de Piracicaba/SP. Os episódios são conectados com a mesma temática de cada capítulo, com os seguintes convidados: Carolina Pascoalete, Léa Fabris e Neto Coelho, Cristiane Sanches, Renata Passos, Hermes Petrini, Tarcila Rubio e Juliana Nouer. Acesse [linktr.ee/brunochoamochumbi](https://linktr.ee/brunochoamochumbi) para ouvir.

---

## PRINCIPAIS MARCAS E PROJETOS DE BRUNO CHAMOCHUMBI



---

## CONTATOS

Bruno Fernandes Chamochumbi convida você para um café no MBM Escritório de Ideias - em Piracicaba/SP

Telefones: 19 3377-7977 | 19 98358-0130

Site: [mbmideias.com.br](https://mbmideias.com.br) | [brunochoamochumbi.com.br](https://brunochoamochumbi.com.br)

Instagram: @brunochoamochumbi

amor,  
você é fruto do AMOR...  
e nada nem ninguém  
nem um obstáculo  
vai impedir seu sucesso...  
Isso para mim é a realização  
de todos os meus sonhos,...

Você atingirá as pessoas com a  
Amor, você é fruto do amor...  
(eu, vovô, seu Pai)  
E nada nem ninguém, nenhum obstáculo  
vai impedir seu sucesso.

Isso para mim é a realização de todos os meus sonhos...

Você atingirá as pessoas com a beleza que tanto tentamos  
(eu, vovô, seu pai) e não conseguimos por força das  
circunstâncias e pressões.

Mas você é mais forte, você é puro,  
determinado, apaixonado e disciplinado.

"Quando colher os frutos, diga o gosto para nós..."  
ouça essa música do Ivan Lins.

Força, amor!  
Sucesso e humildade sempre.

Sua mãe,  
Bell

Realização

**mbm**  
ESCRITÓRIO DE IDEIAS

Apoio

pecege

**PoliBrasil**  
INSTITUTO DE POLÍTICA  
PARA O FUTURO

**SAMAPI**

**BLU**  
BRASILIA

**BRANCALION**  
ADVOCACIA E CONSULTORIA

**coc**

## QUEM ME CHAMOU

*Você verá que é mesmo assim,  
a história não tem fim*

Ser parte de uma família diversa, cheia de cultura, essa é a emoção de Chamochumbi. Filho de um peruano com uma brasileira, ele recebeu desde muito cedo as ferramentas para amar e respeitar a história de seus antepassados.





*Pai e Mãe*  
**OURO DE MINA**  
*Coração*

A emoção dessa música embala o olhar amoroso para os pais. Tomá-los para si como pessoas importantes, dedicadas e que fizeram seu melhor foi um processo forte e recente. Orgulho, gratidão e honra para seguir como adulto, pai e ser humano.



**TODO HOMEM  
PRECISA DE UMA MÃE**  
*Eu sou cordão umbilical*

Bell era uma personagem autêntica e verdadeira. Ela teve uma vida marcada por acontecimentos tão fortes como sua personalidade. Como mãe, sempre enxergou seus filhos sendo gigantes e nunca deixou de acreditar em seu legado, mesmo quando desacreditada por sua intensidade caótica. Ela conseguiu deixar sua marca de amor, isso não é maravilhoso?





## **EU SOU APENAS UM RAPAZ LATINOAMERICANO**

*Sem dinheiro no banco*

O pai de Bruno, Beto, chegou em Piracicaba com 19 anos para estudar na Esalq/USP e se casou muito novo com Bell. Ele veio da capital de seu país e construiu uma família no interior de São Paulo. Aqui encontramos um pouco da alegria de viver do pai, marido, filho, irmão e estudante que hoje inspira seus filhos e netos a serem cheios de ideias.



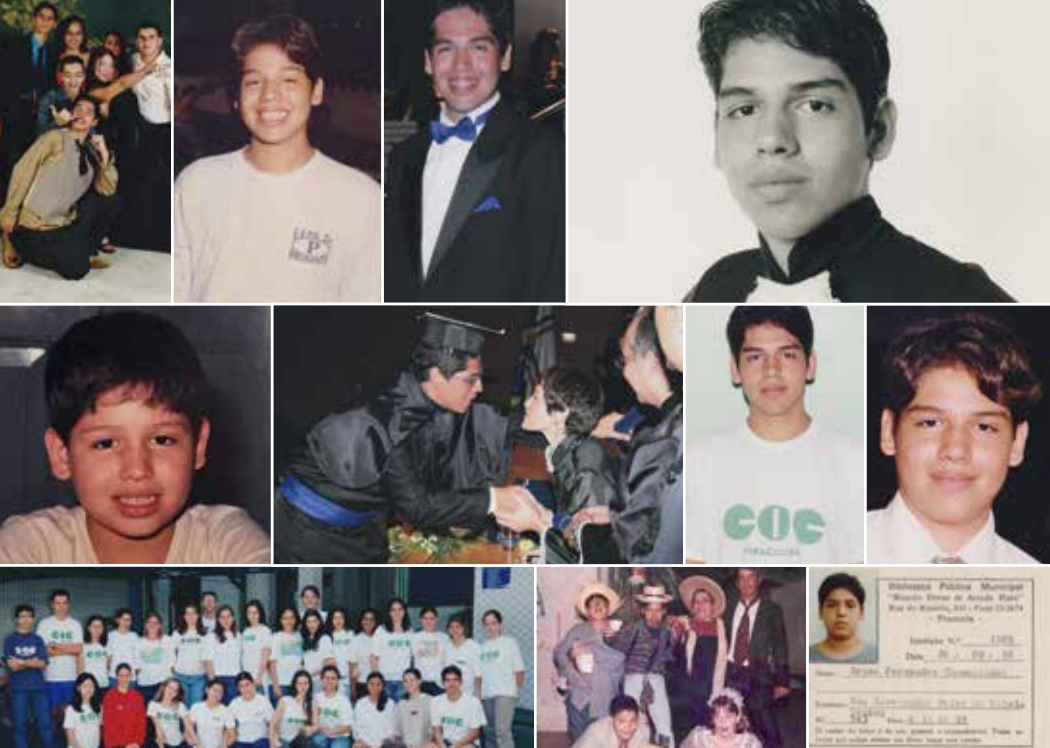


## O TEMPO PASSA

### Meu irmão

Os anos passam e os irmãos vão amadurecendo e entendendo cada vez mais a sorte por terem um ao outro. Três nomes com uma musicalidade parecida das consoantes e vogais. Bruno, Pedro e Andréa são bem diferentes. Três pessoas de memória boa e muito curiosas por conhecer o mundo. Em comum, a doçura e uma dose de razão e emoção para celebrar a sobrevivência consciente num mundo nem sempre colorido, mas cheio de resiliência e esperança.





## CORAÇÃO DE ESTUDANTE

*Há que se cuidar da vida*

Em seu coração de estudante, Bruno Chomchumbi construiu amizades muito duradouras. Aluno mediano, sua maior habilidade sempre foi se comunicar com o maior número de pessoas possível. Inspirado por professores como Marta Zago, Luiza Faccio, Neide Poli, Rosana Zaccaria, Belarmino César, Carmem Freato, Neide Coratto do Nascimento, Osvaldo Baptista e tantos outros. Ao longo de sua trajetória, Chomchumbi aprendeu a olhar nos olhos de cada mestre e agradecer.





## PAPAI NOEL, VÊ SE VOCÊ TEM A felicidade pra você me dar

Aos 15 anos, Bruno Chamochumbi sonhou com um espetáculo de cores, luzes e emoções de Natal. Vestido de Papai Noel, ele entusiasmou produtores, músicos, atores e técnicos numa iniciativa pioneira que encheu de esperança milhares de crianças e suas famílias pelo Brasil. Ele ajudou a construir memórias únicas por quase 25 anos, desmistificando a figura comercial do Bom Velhinho e vibrando na mesma instensidade de seu protagonismo.





## QUANTO RISO, OH QUANTA ALEGRIA

*Mais de mil palhaços no salão*

Durante 20 anos, Bruno Chamochumbi, Tayo Cunha e Lili Fadigas celebraram o Carnaval com marchinhas e fantasia. De uma festa com 50 pessoas até noites memoráveis na Società Italiana e depois no Clube de Campo de Piracicaba, a festa movimentou toda a região.





## MEU FILHO VAI TER NOME DE SANTO

*Quero o nome mais bonito*

Antonio nasceu 12 minutos antes do dia de Santo Antonio, em 2004. Mas seu nome não foi dado por isso. Foi uma homenagem ao pai de sua mãe, o avô Toninho, um cara muito especial que gostava de viajar, dos esportes radicais e da natureza. Honrando seus avós maternos e paternos e seus corajosos antepassados, Antonio, de apelido Nino, nasceu com muita vontade de viver, venceu e abriu caminho para seus irmãos se encantarem com a beleza e alegria da vida.





## FOI ASSIM COMO VER O MAR

*Sabia que era amor e vinha pra ficar*

Com essa música ela entrou na igreja. Foi esse tema que embalou o romance e a emoção por tudo que Bruno e Carla construíram. Ao olhar para os filhos fortes, bonitos, inteligentes e sensíveis, a certeza de que o amor é eterno na parceria de uma cearense com um piracicabano.





## EL CONDOR PASA

*El cielo del Peru*

O voo de um peruano, como um condor, numa cidade linda do interior paulista, para criar sua família. Entre voos, o estabelecimento de um forte vínculo e a partida para sempre. Ficaram dois lugares, dois idiomas e uma só história de amor.





## **A CASA É SUA** *Por que não chega logo?*

São tantos os lugares de vida e trabalho que trazem lembranças de refeições, reuniões e celebrações. A primeira casa na travessa Jeronimo Cesta, em Piracicaba; O Edifício Pedro Ometto, onde os avós maternos moraram; a Chácara dos Netinhos; O apartamento na Euclides da Cunha, no Gonzaga, em Santos; O apartamento das tias avós no Paraíso; O apartamento da tia Mari e do tio Eurico na Alameda Santos, a casa em Juqueí e o sítio em Tanquinho. O apartamento da Mai na rua Madalena; A primeira Casa de Noel na rua Governador e a segunda edição na Società Italiana reformada; A evolução do MBM Escritório de Ideias, de uma sala pequena com porta de ferro, passando pela Regente Feijó até o Trio Lindenberg; O Estúdio 415; Os apartamentos da família na Vila Mariana em São Paulo e no Jardim Elite em Piracicaba. A casa do tio Celso e da tia Ana. O sítio dos tios Eurico e Mari. O apartamento da tia Rê no Rio e a Casa nas montanhas de Teresópolis. A casa da tia Cida ao lado da Esalq. O Monte Alegre. O Café Preto da Lili. A casa dos Mello Anselmo em Valinhos. A Foto Lacôrte na Carlos Botelho e depois na Duque de Caxias. As praias da Ilha Bela, que Bell conhecia muito bem. As chácaras dos Freato e dos Spolidorio. A casa do Pablo, Rose, Paola e Sofia. A praia de Paraty Mirim, onde Bruno foi gerado. A casa do Tio Richard e o apartamento da V6 Emma em Lima no Peru. A casa de Boca León. Os Clubes 13 de maio e Coronel Barbosa onde Bruno cursou as aulas de teatro. A Catedral de Piracicaba. As casas das famílias Cadioli Rossi, Teixeira Cardoso, Muzilli e Demberg de Souza. O TRE Ristorante. O Hotel Jerubiçaba. O apartamento de Graça e Eduardo na Aldeota em Fortaleza. Ardeche. O Clube de Campo. A Casa Barce. Nem todos esse lugares estão aqui retratados, mas são cenários da maioria das conexões com as pessoas importantes dessa história.



## FELICIDADE TRANSBORDANDO EM MIM

*Tem tanto tempo nossa união*

Aqui, um caldeirão com tudo junto e misturado. São recortes de momentos mágicos em família, memórias emocionantes, amigos que viraram irmãos, tempo de celebração, trabalhos que superaram todas as expectativas e os sinais de fé do cotidiano.





## FAMÍLIA, FAMÍLIA

*Papai, mamãe, titia*

Muitos tios, primos, avós e amigos. As famílias Fernandes, Lacorte, Sérgio, Campos Martins, Facundo, Vera e Chamochoumbi são grandes e cheias de movimento e amizade. Na chácara dos netinhos tinha muitos encontros, lá foram construídas memórias lindas.

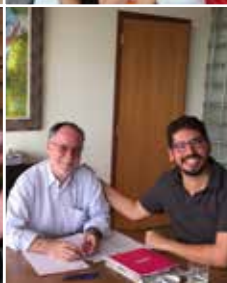






**ESTÁ NA LUTA, NO CORRE-CORRE, NO DIA-A-DIA**  
*Precisa ir trabalhar*

Vem do trabalho as memórias mais intensas. Desde seus 15 anos entendendo como o trabalho se manifesta e pode transformar tantas vidas, Bruno reconhece em cada novo projeto grandes oportunidades de aprendizado.







## É MUITO BOM SABER *Que você é meu amigo*

A sorte de contar com pessoas que te enxergam, torcem por seu sucesso, te abraçam no fracasso, gente que tem acesso para te dar um toque quando você precisa rever alguma coisa. Ter amigos é uma dádiva. Lembrar de tantos anos juntos é um privilégio. E a sorte dos novos amigos, quando verdadeiros, é ter certeza de que muitas histórias virão.







Se a comunicação e a criatividade tivessem forma humana, possivelmente seriam sócias de Bruno Chamocho. Antes mesmo de definir quem (ou o quê) seria na vida adulta, o comunicador já se destacava pela desenvoltura, pela originalidade em tudo o que fazia e pensava, e pela intimidade com as palavras. Seu estado permanente de inspiração vem da imensa capacidade de aprender com as experiências incríveis e outras nem sempre tão doces que a vida colocou diante dele. A cada triunfo, grandes ideias, a cada derrota, força redobrada para se levantar. Prepare-se para emocionar-se e inspirar-se com a narrativa visceral do autor e todo o protagonismo que ele alcançou em sua vida.



ISBN: 978-5-53924-303-3  
9 786599 248030